UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

TALITA GALVÃO DOS SANTOS

ALIMENTAÇÃO E COZINHA: UM ESTUDO FRASEOLÓGICO COM BASE EM DADOS DO PROJETO ALIB NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DAS REGIÕES SUL E CENTRO-OESTE DO BRASIL

Campo Grande – MS

2018

Talita Galvão dos Santos

ALIMENTAÇÃO E COZINHA: UM ESTUDO FRASEOLÓGICO COM BASE EM DADOS DO PROJETO ALIB NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DAS REGIÕES SUL E CENTRO-OESTE DO BRASIL

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof.ª Drª Elizabete Aparecida Marques.
Área de Concentração: Linguística e Semiótica.

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campo Grande - MS

2018

TALITA GALVÃO DOS SANTOS

ALIMENTAÇÃO E COZINHA: UM ESTUDO FRASEOLÓGICO COM BASE EM DADOS DO PROJETO ALIB NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DAS REGIÕES SUL E CENTRO-OESTE DO BRASIL

APROVADO POR:

_____

ELIZABETE APARECIDA MARQUIES, DOUTORA (UFMS)

_____

APARECIDA NEGRI ISQUERDO, DOUTORA (UFMS)

_____

SILVANA SOARES COSTA RIBEIRO (UFBA)

Campo Grande, MS, ____ de _____ de _____.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Francisco e Marlei, pelo exemplo, pelo amor, pelo carinho e pela dedicação para que eu pudesse hoje estar fechando mais um ciclo em minha vida. Eles me dão segurança para sonhar!

AGRADECIMENTOS

Muitos estiveram comigo durante esta jornada, por isso quero agradecer:

Primeiramente à Deus, pelo dom da vida, por muitas vezes, acalmar meu coração durante a realização desta pesquisa e por colocar pessoas tão especiais ao meu lado, sem as quais certamente eu não teria dado conta.

À minha família, pais, irmãos e sobrinhos, por serem minha base, meu porto seguro e a certeza de que sempre tenho um lugar onde me refugiar.

Ao meu querido namorado, Vinícius, que está comigo desde o começo da graduação, presente em todos os momentos, apoiando meus sonhos, me incentivando quando eu achava que não conseguiria, até me dando bronca para dedicar-me mais ao mestrado. Obrigada pelos abraços reconfortantes nos momentos de desânimo. Abranjo este agradecimento à minha sogra, Selma, pelo abstract da dissertação e por, junto com seu marido Gilson, orarem sempre por mim e me cuidarem como filha.

Aos meus padrinhos, Silvano e Adriana, por estarem presentes em todos os momentos importantes de minha vida, me ajudando como podem.

À minha orientadora, Prof. Dra. Elizabete Aparecida Marques, pela disponibilidade, mesmo em momentos de recesso, e apoio, que foi dado de forma tão interessada, paciente e motivadora. Meu eterno obrigada.

Às professoras Aparecida Negri Isquerdo e Silvana Ribeiro Soares, pelas contribuições no Exame de Qualificação e pelos conhecimentos fornecidos durante as aulas que ministraram para mim durante o mestrado. Vocês, inúmeras vezes, me aconselharam como se fossem minhas orientadoras, por isso agradeço de coração.

Aos meus professores ao longo da vida, desde o ensino fundamental até a pós-graduação, que contribuíram para que eu estivesse aqui hoje. Em especial, ao meu professor da graduação, Nataniel dos Santos Gomes, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, por despertar em mim o interesse em ser pesquisadora e fazer um mestrado.

Ao Projeto ALiB por autorizar a utilização do *corpus* do Projeto e assim

possibilitar a realização desta pesquisa.

À CAPES pelo incentivo financeiro que possibilitou a realização deste trabalho.

À minha turma do Mestrado, especialmente, Juliana Minossi, Laís Toledo, Mariana Arndt, Talita Matos, Thaís Polo e Yaisa Melina, por toda a ajuda, conselhos e palavras de apoio. Vocês tornaram a caminhada mais agradável e divertida. Incluo aqui as amigas da turma posterior, em particular, Camila Cândido, Janaina Domingues e Mércia Santos.

Aos meus amigos, de longa data, de pouco tempo, que moram longe ou perto, obrigada por acreditarem em mim, por sonharem comigo, por se disponibilizarem em me ajudar, mesmo sem saber como o fariam, pelo ombro sempre disponível e por entenderem minha ausência em alguns momentos.

Enfim, a todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram com esta pesquisa.

RESUMO

Concebida como um instrumento de interação social que possibilita a comunicação entre os seres humanos, a língua possui vários níveis, dentre os quais, o nível lexical, que é o que melhor reflete a cosmovisão de um grupo social. O léxico de uma língua está composto por um conjunto de unidades muito heterogêneas, dentre elas as unidades fraseológicas, também denominadas fraseologismos. Os fraseologismos são objetos de estudo da Fraseologia, disciplina que se ocupa em estudar os fenômenos da polilexicalidade e fixação em todos os níveis de análise: linguística, fonética, semântica, morfológica e pragmática. Diante disso, este trabalho realiza um estudo dos fraseologismos do português brasileiro com base em *corpus* inédito de língua falada do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Os dados estudados correspondem as variantes fraseológicas obtidas como respostas para as perguntas 176, 177, 178, 182, 183 e 184 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, colhidas por meio de inquéritos linguísticos realizados com 248 falantes naturais de 62 localidades do interior dos estados relativos às regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil. Os informantes, em igual número, são de ambos os sexos, de duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e de grau de escolaridade fundamental incompleto. Este trabalho tem como objetivos apresentar e discutir os resultados da coleta de fraseologismos; verificar a dicionarização das variantes fraseológicas identificadas; apontar a produtividade de fraseologismos no *corpus* e sistematizá-los com base em diferentes categorias, contribuindo, assim, para o Projeto VALEXTRA (Variação lexical: teorias, recursos e aplicações): do condicionamento lexical às constrições pragmáticas, que visa ao estudo específico dos fraseologismos extraídos do ALiB. Para fundamentar este estudo, a base epistemológica está centrada nos estudos fraseológicos de Casares (1950), Tristá Pérez (1988), Zuluaga (1990), Xatara (1998, 2001, 2013), Corpas Pastor (1996), Mejri (1997, 2011) e Monteiro-Plantin (2012), além dos estudos de lexicologia de Biderman (1998, 1999, 2001). O trabalho atesta contrastes entre o falar das regiões investigadas e um grande acervo fraseológico presente na língua portuguesa, além de mostrar que, embora tais unidades estejam solidificadas pelo uso oral, não se encontram, em sua maioria, registradas em obras lexicográficas.

Palavras-chave: Fraseologismos, alimentação e cozinha, ALiB, VALEXTRA, regiões Centro-Oeste e Sul.

.

ABSTRACT

Conceived as an instrument of social interaction that enables communication between human beings, the language has several levels, among them, the lexical level, which is the one that best reflects the worldview of a social group. The lexicon of a language is composed of a set of very heterogeneous units, among them the phraseological units, also called phraseologisms. The phraseologisms are objects of study of Phraseology, a discipline that deals with studying the phenomena of polilexicality and fixation at all levels of analysis: linguistic, phonetic, semantic, morphological and pragmatic. Therefore, this work does a study of the phraseologies of Brazilian Portuguese based on the unpublished corpus of spoken language of the Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB Project). The data studied correspond to the phraseological variants obtained as answers to questions 176, 177, 178, 182, 183 and 184 of the ALiB Semantic-Lexical Questionnaire, collected through linguistic surveys conducted with 248 natural speakers from 62 localities in the interior of the states in the Central-West and Southern regions of Brazil. The informants, in equal numbers, are of both sexes, of two age groups (18 to 30 years and 50 to 65 years) and of incomplete fundamental schooling. This paper aims to present and discuss the results of the collection of phraseologisms; verify the variance of the identified phraseological variants; to point out the productivity of phraseologisms in the corpus and to systematize them based on different categories, thus contributing to the VALEXTRA Project (lexical variation: theories, resources and applications): from the lexical conditioning to the pragmatic constrictions, which aims at the specific study of phraseologisms extracted from ALiB. To support this study, the epistemological basis is centered on the phraseological studies of Casares (1950), Tristá Pérez (1988), Zuluaga (1990), Xatara (1998, 2001, 2013), Corpas Pastor (1996), Mejri) and Monteiro-Plantin (2012), in addition to Biderman's lexicology studies (1998, 1999, 2001). The work attests contrasts between the spoken words of the researched regions and a great phraseological collection present in the Portuguese language, besides showing that, although these units are solidified by oral use, they are not, for the most part, registered in lexicographic works

Keywords: Phraseologisms, food and cooking, ALiB, VALEXTRA, Central-West and South regions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Divisão regional brasileira 43
Figura 2 - Densidade demográfica, segundo cada região do Brasil 44
Figura 3 - Carta X do Atlas Linguístico do Brasil- ALib – Rede de Pontos da Região Centro-Oeste 49
Figura 4 - Carta IX do Atlas Linguístico do Brasil- ALiB – Rede de Pontos da Região Sul 63

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 - Rede de pontos do Projeto ALiB na região Centro-Oeste 47
Quadro 2 - Rede de pontos do Projeto ALiB na região Sul 59
Quadro 3 - Áreas semânticas do Projeto ALiB 81
Quadro 4 - Distribuição dos informantes – variáveis sociais 87
Quadro 5 - Perguntas selecionadas para análise 88
Quadro 6 - Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam a primeira refeição do dia feita pela manhã 95
Quadro 7 - Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam a pasta feita de frutas para passar no pão 103
Quadro 8 - Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam a carne depois de triturada na máquina 111
Quadro 9 - Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar 118
Quadro 10 - Dicionarização das unidades léxicas que nomeia quando a pessoa acha que comeu demais 128
Quadro 11 - Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam a pessoa que normalmente come demais 135

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição percentual das denominações para primeira refeição do dia na região Centro-Oeste 89
Tabela 2 - Distribuição das denominações para a primeira refeição do dia nos estados da região Centro-Oeste 90
Tabela 3 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para a primeira refeição do dia nos estados da região Centro-Oeste 91
Tabela 4 - Distribuição percentual das denominações para primeira refeição do dia na região Sul 93
Tabela 5 - Distribuição percentual da variante café da manhã nos estados da região Sul 93
Tabela 6 - Distribuição percentual das denominações a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito na região Centro-Oeste 98
Tabela 7 - Distribuição das denominações para a pasta feita de frutas nos estados da região Centro-Oeste 98
Tabela 8 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para a pasta feita de frutas nos estados da região Centro-Oeste 99
Tabela 9 - Distribuição percentual para a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito na região Sul 100
Tabela 10 - Distribuição das denominações para a pasta de frutas nos estados da região Sul 100
Tabela 11 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para a pasta feita de frutas nos estados da região Sul 101
Tabela 12 - Distribuição percentual das denominações para a carne depois de triturada na máquina na região Centro-Oeste 107
Tabela 13 - Distribuição percentual das denominações para a carne depois de triturada na máquina nos estados da região Centro-Oeste 107
Tabela 14 - Distribuição percentual das denominações para a carne depois de triturada na máquina na região Sul 108
Tabela 15 - Distribuição das denominações para a carne depois de triturada na máquina

nos estados da região Sul 109
Tabela 16 - Distribuição percentual das denominações fraseológicas para a carne depois de triturada na máquina nos estados da região Sul 109
Tabela 18 - Distribuição percentual das denominações para a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar na região Centro-Oeste 112
Tabela 19 - Distribuição das denominações para a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar na região Centro-Oeste 113
Tabela 20 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar nos estados da região Centro-Oeste ...114
Tabela 21 - Distribuição percentual das denominações para a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar na região Sul 114
Tabela 22 - Distribuição das denominações para a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar na região Sul 116
Tabela 23 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar nos estados da região Sul 117
Tabela 24 - Distribuição percentual das denominações para a pessoa que acha que comeu demais na região Centro-Oeste 121
Tabela 25 - Distribuição das denominações para a pessoa que acha que comeu demais na região Centro-Oeste 121
Tabela 26 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para a pessoa que acha que comeu demais na região Centro-Oeste 122
Tabela 27 - Distribuição percentual das denominações para a pessoa que acha que comeu demais na região Sul 123
Tabela 28 - Distribuição das denominações para a pessoa que acha que comeu demais nos estados da região Sul 125
Tabela 29 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para a pessoa que acha que comeu demais na região Sul 126
Tabela 30 - Distribuição das denominações para a pessoa que normalmente come demais nos estados da região Centro-Oeste 130
Tabela 31 - Distribuição das denominações para a pessoa que normalmente come demais nos estados da região Centro-Oeste 131
Tabela 32 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para a pessoa que normalmente come demais nos estados da região Centro-Oeste.....132
Tabela 33 – Distribuição percentual das denominações para a pessoa que normalmente

come demais na região Sul 132
Tabela 34 - Distribuição das denominações para a pessoa que normalmente come demais nos estados da região Sul 133
Tabela 35 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para a pessoa que normalmente come demais nos estados da região Sul.....134

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Fraseologismos para a pergunta 176 na região Centro-Oeste.....89
Gráfico 2 - Fraseologismos para a pergunta 176 na região Sul.....94
Gráfico 4 - Fraseologismos para a pergunta 177 na região Centro-Oeste.....96
Gráfico 5 - Fraseologismos para a pergunta 177 na região Sul.....102
Gráfico 6 - Fraseologismos para a pergunta 178 na região Centro-Oeste.....108
Gráfico 8 - Fraseologismos para a pergunta 178 na região Sul.....110
Gráfico 9 - Fraseologismos para a pergunta 182 na região Centro-oeste.....111
Gráfico 10 - Fraseologismos para a pergunta 182 na região Sul.....117
Gráfico 11 - Fraseologismos para a pergunta 183 na região Centro-Oeste.....119
Gráfico 12 - Fraseologismos para a pergunta 183 na região Sul.....124
Gráfico 13 - Fraseologismos para a pergunta 184 na região Centro-Oeste.....130
Gráfico 14 - Fraseologismos para a pergunta 184 na região Sul.....132
Gráfico 15 - Porcentagem dos fraseologismos dicionarizados.....141
Gráfico 16 - Porcentagem das classificações 144

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALiB - Atlas Linguístico do Brasil

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior

EI - Expressão idiomática

GO - Goiás

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MS - Mato Grosso do Sul

MT - Mato Grosso

PR - Paraná

QFF - Questionário Fonético-Fonológico

QMS - Questionário Morfossintático

QSL - Questionário Semântico-Lexical

RS - Rio Grande do Sul

SC - Santa Catarina

UEL - Universidade Estadual de Londrina

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UF - Unidade Fraseológica

VALEXTRA - Variação lexical: teorias, recursos e aplicações: do condicionamento lexical às constrições pragmáticas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....16

FUNDAMENTOS TEÓRICOS 19

1.1 Conceito de palavra.....19

1.2 Unidade léxica.....22

1.2.1 Unidade léxica complexa 22

1.3 Fraseologia 24

1.3.1 Percurso histórico da Fraseologia 25

1.3.2 Critérios fraseológicos.....27

1.3.3 Tipologia dos fraseologismos.....32

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO- GEOGRÁFICA E CULTURAL DAS REGIÕES ESTUDADAS.....41

2.1 Contextualização histórica do país 41

2.2 A relação entre o meio físico e as caraterísticas étnicas e culturais 42

2.3 Região Centro-Oeste 46

2.3.1 Mato Grosso 51

2.3.2 Mato Grosso do Sul.....53

2.3.3 Goiás.....54

2.4 Região Sul 58

2.4.1 Paraná.....65

2.4.2 Santa Catarina 69

2.4.3 Rio Grande do Sul.....73

METODOLOGIA.....79

3.1 Projeto ALiB 79

3.2 Projeto VALEXTRA.....83

3.3 *Corpus* da Pesquisa 84
3.3.1 QSL: Área Semântica 84
3.3.2 Rede de Pontos 85
3.3.3 A amostra 86
3.3.4 Os informantes 86
3.3.5 Procedimento de análise dos dados 87
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS 88
4.1 Análise dos fraseologismos para a questão 176 – "Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?" 89
4.2 Análise dos fraseologismos para a questão 177 – "Como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?" 97
4.3 Análise dos fraseologismos para a questão 178 - "Como se chama a carne depois de triturada na máquina?" 107
4.4 Análise dos fraseologismos para a questão 182 – "Como se chama a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?" 112
4.5 Análise dos fraseologismos para a questão 183 – "Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou_____." 120
4.6 Análise dos fraseologismos para a questão 184 – "Como se chama uma pessoa que normalmente come demais?" 130
CONSIDERAÇÕES FINAIS 140
REFERÊNCIAS 146

INTRODUÇÃO

A língua é a capacidade que difere os humanos de outras espécies. Ela é essencial para a cooperação humana, pois é por meio dela que compartilhamos conhecimento e coordenamos nossas ações. Quando um indivíduo se expressa por meio da fala ele seleciona e combina unidades lexicais formando enunciados que só serão compreendidos por outros indivíduos que fazem parte do mesmo contexto sociocultural. Para tanto, o conhecimento do léxico se faz necessário para a organização da língua, a fim de garantir a interação do indivíduo com o mundo.

Cada comunidade linguística detém particularidades referentes à norma linguística, uma vez que cada um de seus membros possui seus próprios hábitos que os diferem dos demais. Um dos ramos da Linguística é a Dialetologia que estuda, principalmente, o fenômeno da variação diatópica, tendo como base dados orais, dessa forma, estuda também o léxico e sua correlação com seus falantes e o ambiente físico e cultural em que se encontram.

Nessa perspectiva, este trabalho tem como objeto de estudo as unidades fraseológicas, por se tratarem de expressões linguísticas que colaboram com a reflexão acerca da cultura da sua comunidade falante, pois as escolhas lexicais de cada grupo refletem suas crenças e ideologias. Essas expressões foram coletadas nas entrevistas realizadas pela equipe de pesquisadores do Projeto ALiB com o auxílio de um Questionário Linguístico, que reúne três questionários básicos, o fonético-fonológico (QFF), o semântico-lexical (QSL) e o morfossintático (QMS), além de perguntas metalinguísticas e de pragmática, de temas para discursos semidirigidos e do texto para leitura. As perguntas selecionadas para este estudo pertencem ao Questionário Semântico-Lexical (QSL) (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001).

Para a constituição do *corpus* aqui estudado foram selecionadas as respostas para seis perguntas do Questionário Semântico-Lexical (QSL), recolhidas por meio de entrevistas com 248 falantes naturais de 62 localidades do interior dos estados das regiões Sul e Centro-Oeste do Brasil. Essas perguntas fazem parte da área semântica *Alimentação e Cozinha*.

A escolha dessa área semântica deu-se em virtude dela englobar perguntas que buscam a denominação tanto para alguns alimentos, como para situações que fazem parte deste contexto, o que permite verificar como os falantes de cidades interioranas designam tais itens, bem como, analisar aspectos extralinguísticos que influenciam nas escolhas lexicais dos

falantes das regiões Sul e Centro-Oeste do Brasil.

Justifica-se a escolha dessas regiões brasileiras como lugar de pesquisa por possuírem uma história de ocupação marcada por migrações e imigrações que, de certa forma, influenciaram no léxico desses lugares, por conseguinte, na variação lexical, resultante principalmente do contato com pessoas vindas de outras regiões do país e imigrantes de países fronteiriços e/ou europeus que contribuem na formação cultural e gastronômica das regiões.

Para fundamentar este trabalho, têm-se como base epistemológica os estudos em Fraseologia de Casares (1950), Tristá Pérez (1988), Zuluaga (1990), Xatara (1998, 2001, 2013), Corpas Pastor (1996), Mejri (1997, 2011) e Monteiro-Plantin (2012), além dos estudos de lexicologia de Biderman (1998, 1999, 2001).

Além do suporte teórico e metodológico dos ramos da Linguística, esta pesquisa exigiu a busca de informações acerca das características histórico-social das regiões Sul e Centro-Oeste, mais especificamente das 62 localidades da rede de pontos do Projeto ALiB, onde foram coletados os dados. Para tanto, buscou-se informações de outras áreas do saber como História, Economia, dentre outras.

A pesquisa estabeleceu como objetivo geral identificar e descrever as escolhas das variantes fraseológicas feitas pelos falantes das localidades da rede de pontos do Projeto ALiB relativas às regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil que integram a rede de pontos do ALiB, para nomear elementos da área semântica de alimentação e cozinha, apontadas em *corpus* de língua falada, com base em critérios morfossintáticos, léxico-semânticos e pragmáticos, como contribuição para a descrição do português falado nas citadas regiões, baseada na distribuição diatópica das variantes fraseológicas obtidas como respostas para as perguntas QSL 176, QSL 177, QSL 178, QSL 182, QSL 183 e QSL 184 vinculadas à já mencionada área semântica, retiradas do Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Além do objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

i. Apresentar e discutir os resultados da coleta de fraseologismos relacionados ao campo semântico *alimentação e cozinha* que foram extraídos do *corpus* do Projeto ALiB nas regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil;

ii. Verificar a dicionarização das variantes fraseológicas identificadas;

iii. Verificar a produtividade de fraseologismos no *corpus* e sistematizá-los com base em diferentes categorias;

iv. Contribuir com o Projeto VALEXTRA (Variação lexical: teorias, recursos e

aplicações): do condicionamento lexical às constrições pragmáticas.

Esta dissertação está organizada em 4 capítulos. O primeiro capítulo ocupa-se da fundamentação teórica. Nele, discutem-se o conceito de palavra, de unidade léxica e Fraseologia. Nesse segmento do trabalho evidencia-se a heterogeneidade de termos e concepções que envolvem a Fraseologia, além de delinear brevemente o percurso de formação da referida disciplina. Além disso, o primeiro capítulo ainda ocupa-se da descrição e delimitação dos tipos de fraseologismos existentes, a saber: Provérbios, Expressões Idiomáticas, Colocações, Pragmatemas e Locuções. O segundo capítulo, por sua vez, apresenta a contextualização histórico-geográfica e cultural das regiões elencadas, enquanto que o terceiro capítulo descreve os procedimentos metodológicos do Projeto ALiB e os que foram adotados para levar a cabo a pesquisa, informando sobre a área semântica, a rede de pontos, a amostra, os informantes e os procedimentos de análise dos dados. O quarto e último capítulo da dissertação apresenta os dados obtidos com a realização da pesquisa segundo dois princípios, o quantitativo e o qualitativo. Por fim, são apresentadas as considerações finais e as referências que embasaram a pesquisa.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Este capítulo tem por objetivo discorrer sobre os pressupostos teóricos que fundamentam o trabalho, iniciando-se pela discussão acerca do conceito de *palavra* e unidade léxica. Em seguida, discute-se o conceito de Fraseologia a fim de defini-la como uma disciplina autônoma situada no campo dos estudos lexicais, além de discutir sobre as unidades das quais ela se ocupa. Por fim, trata-se acerca da problemática de delimitação das unidades fraseológicas (UFs) e suas características.

1.1 Conceito de palavra

Dentro do sistema de signos que se chama linguagem, encontra-se o nível lexical. Para Biderman (2005, p. 747), "o léxico de uma língua inclui unidades muito heterogêneas – desde monossílabos e vocábulos simples até sequências complexas formadas de vários vocábulos e mesmo frases inteiras como é caso de muitas expressões idiomáticas e provérbios".

A partir do exposto, é possível depreender-se que o léxico de uma língua viva é bastante complexo, pois além de ser composto por unidades heterogêneas, trata-se também de um sistema que se encontra em constante transformação.

Acredita-se que é por meio da linguagem que o caos primitivo se transformou num cosmos significativo (Biderman, 1998). Aos poucos cada cultura foi ordenando sua origem por meio de mitos e a *palavra* foi de suma importância na realização desse feito, pois é por meio dela que o homem foi nomeando as coisas e apropriando-se delas.

> A atividade de nomear, isto é, a utilização de palavras para designar os referentes extralinguísticos é específica da espécie humana. A nomeação resulta do processo de categorização. Entende-se por categorização a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente. A categorização supõe também a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apresentados pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo. (BIDERMAN, 1998, p. 88)

Para o homem primitivo, o nome não era arbitrário, em razão da crença de que o nome e a coisa/objeto eram indissociáveis. Biderman (1998, p.82) salienta o olhar primitivo sobre a *palavra* ao afirmar que "não separa a palavra do referente que ela nomeia. Crê que se pode atuar magicamente sobre uma pessoa através de seu nome. Por isso esse homem primitivo considera seu nome como parte vital de seu próprio ser".

A partir dessa citação, compreende-se o valor da *palavra* para a espécie humana desde seus primórdios. É por isso que não se pode pensar em cultura sem perpassar pela linguagem, pois a *palavra* é relevante para todas as culturas. Como declara Biderman (1998, p. 84), "nas numerosas tradições culturais dos homens a linguagem surge com a *palavra* instituidora que abre ao ser o espaço para ele se manifestar. Todas as culturas nascem de uma palavra criadora, dita em tempos imemoriais por um poder divino."

É a partir da *palavra* que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas (Biderman, 1998). O homem foi, portanto, organizando o mundo sensorial em que vivia por meio da linguagem e, consequentemente, das palavras. Assim posto, conclui-se que o léxico de uma língua natural se trata de um conjunto de *palavras* que servem para registrar o conhecimento do universo, como menciona Biderman (1998):

> Ao dar nomes aos objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso cientifico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses objetos em entidade diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais. (BIDERMAN, 1998, p.91)

Entretanto, o conceito do que é *palavra* representa um problema dentro da Linguística. "A definição de palavra, bem como sua identificação no nível do discurso tem que ser feita língua a língua" (Biderman 1999, p.81), pois, embora a noção empírica de palavra nas diversas línguas do mundo refira a um mesmo conceito psicolinguístico, os dados efetivos de cada língua não permitem uma única definição pertinente para todas.

Como se sabe, o conceito e a categorização da unidade lexical é um problema teórico discutido desde o VI Congresso Internacional de Linguística, em 1948, realizado em Paris, onde foi abordado o conceito de palavra.

> "Este tópico dividiu, muitas vezes, a assembleia dos linguistas presentes em posições conflitantes e radicais. Houve quem propusesse a proscrição definitiva deste termo da nomenclatura linguística, devido à sua imprecisão e à impossibilidade de se chegar a um acordo sobre a sua definição ideal." (BIDERMAN, 1999, p. 81)

A citada pesquisadora revela que muitos autores, ao longo da vida, discutiram o conceito de palavra. Alguns, muitas vezes, optaram até por não se referir a ela, como foi o caso de Bloomfield (1948), em sua obra *Language*. Nela, o autor propôs conceitos operacionais como o *morfema* e a *forma livre mínima* apenas. Harris (1942) talvez tenha sido o autor mais radical, pois ignorava totalmente o conceito de palavra e considerava que a

análise linguística deveria utilizar o conceito de *morfema* como operador básico e que os enunciados não eram mais do que combinatórias e somatórias de morfemas. Ora, conceito de morfema é mais preciso do que o de palavra, porém é mais geral, podendo ser aplicado a qualquer língua e palavra.

Biderman (1999), a fim de colaborar com a definição e a identificação da unidade lexical, e evidenciar a inoperância do conceito de palavra, discutiu a delimitação desse conceito com base em três critérios: o fonológico, o morfossintático e o semântico.

Sabe-se que a *palavra* constitui uma sequência fônica, ou seja, sua pausa só é possível após sua emissão completa. Como salienta Biderman (1999, p. 84), "podemos afirmar que, em português, o primeiro nível de separação das unidades na cadeia sonora, bem como sua identificação, é feito através de critérios fônicos subsidiários que caracterizam as palavras do léxico português." Quer dizer que, sabendo que na Língua Portuguesa as lexias apresentam apenas um acento tônico, este acento corrobora com a identificação de uma unidade léxica no plano da língua.

Entretanto, apenas esta identificação preliminar é precária, visto que em português há muitas palavras átonas, como os artigos, pronomes, preposições, etc. Por isso, precisa-se de mais critérios de delimitação para identificar a *palavra*.

Uma vez reconhecida a unidade lexical no interior do enunciado por meio da análise fonológica, parte-se para o segundo critério, o morfossintático, que trata da classificação gramatical da palavra, de acordo com os marcadores morfossintáticos que ela apresenta, e a função exercida por ela na sentença. Sabe-se que na língua portuguesa há dez classes de palavras ou classes gramaticais, a saber: substantivos, artigos, adjetivos, numerais, pronomes, verbos, advérbios, preposições, conjunções e interjeições. As seis primeiras classes são variáveis, ou seja, flexionam-se. As outras quatro são invariáveis.

Vale lembrar que uma mesma palavra pode pertencer a mais de uma classe gramatical. Além disso, as palavras de uma mesma classe possuem características comuns e, quando organizadas em sequência, ou seja, em frases, desempenham funções distintas.

Ainda assim, se não for possível a delimitação da palavra pelos critérios fonológico e morfossintático, Biderman (1999) acrescenta o terceiro critério: "Assim, no topo da hierarquia, a semântica vem congregar as demais informações de nível inferior para nos oferecer a chave do mistério da palavra". A Semântica trata da significação e interpretação das palavras, signos, frases ou expressões considerando o contexto no qual elas foram mencionadas. Nesse campo de estudo se analisam também as mudanças de sentido que ocorrem nas formas linguísticas devido a alguns fatores, como tempo e espaço.

Dessa forma, sob o hiperônimo de unidade léxica, as palavras, os signos, as frases e as expressões constituem o objeto de estudo da Lexicologia, a ciência encarregada de estudar e analisar tais unidades, a categorização lexical e a estruturação do léxico de uma língua.

1.2 Unidade léxica

Muitos autores se empenharam em examinar a questão da unidade léxica, como foi o caso de Charles Muller (1969), que cunhou os termos "*mot"* et "*vocable;* Martinet (1991) que propôs o termo *monema* e Pottier (1974) que propôs o termo *lexia*, que, segundo Biderman (1996, p. 33), parece funcional em Lexicologia, pois é um termo "bastante útil, sobretudo por ser um termo técnico, e não correr o risco de ser maculado com as conotações discursivas, que podem gerar a ambiguidade encontrada em *palavra* e/ou *vocábulo".* Nesta pesquisa, adota-se o termo proposto por Pottier, lexia, pois, como mencionou Biderman (1996), trata-se de um termo que não abre espaços para ambiguidade.

Segundo Pottier (1974), nas línguas em geral, registram-se dois tipos de lexias: as lexias simples e as lexias complexas. As lexias simples são, por exemplo: *café, manhã, quebrar, torto, jejum, cachaça, aguardente, carne, boca, barriga,* etc. Enquanto que as lexias complexas são, por exemplo: *café da manhã, quebra-torto, tira-jejum, carne moída, água que passarinho não bebe, bom de boca,* etc. Este último grupo, segundo o autor, é o que corresponde às unidades fraseológicas, pois seu significado se deriva do conjunto dos elementos que a compõem. Em suma, são aquelas unidades lexicais que, no plano da escrita, são grafadas como uma sequência de unidades, embora correspondam a um único referente no plano da língua (POTTIER, 1974).

Nesta dissertação, propõe-se lidar com as lexias complexas[1] da área semântica da alimentação e cozinha. Por isso, a partir deste ponto, tentar-se-á explicar com mais afinco o que são lexias complexas.

1.2.1 Unidade léxica complexa

O nível léxico da língua é um conjunto visual de unidades lexicais e, por isso, impossível de ser reproduzido em toda sua extensão (BIDERMAN,1998), pois, conforme as

[1] Denominadas, também, fraseologismos, unidades fraseológicas (CORPAS PASTOR, 1996; BIDERMAN, 1999), expressões fixas (GROSS, 1996), dentre outros hiperônimos para se referir ao objeto de estudo da Fraseologia.

necessidades dos falantes novas palavras vão se integrando à língua, bem como, novos tipos de unidades lexicais, ocasionando assim a expansão do léxico. Todavia, o conhecimento de um léxico não se restringe apenas ao conhecimento de todo seu repertório lexical, mas, além disso, ao fato de conhecer as características funcionais de suas unidades em toda sua grandeza.

No nível léxico da língua encontram-se lexias complexas, também conhecidas como fraseologias, expressões fraseológicas, expressões cristalizadas, expressões fixas, entre outras. Essas expressões são combinatórias de lexias que, muitas vezes, revelam a cultura de um determinado povo, indicando suas experiências e seus costumes.

Sabe-se que os falantes as aprendem em blocos, ou seja, como uma única unidade. Além disso, são empregadas frequentemente e podem ser utilizadas em qualquer lugar ou ocasião, desse modo, conhecê-las implica na ampliação da competência linguística do falante. Porém, há falta de acordo de sua definição, desde o ponto teórico, como por sua variedade.

De acordo com Sulkowska (2007, p. 223):[2]

> As expressões fixas são frequentemente definidas como grupos de palavras (pelo menos duas palavras) que são lexicalizadas e cujo caráter é reprodutivo. Muito frequentemente, o significado global das expressões fixas não resulta da simples coesão dos elementos constituintes. A classe de expressões congeladas é um grupo heterogêneo. Os limites dessa categoria não são claros e sua estrutura interna é gradual.[3]

A complexidade em relação à definição dessas unidades, bem com sua identificação, são umas das razões que justificam o interesse pelo seu estudo. Já em Bally (1951), encontra-se referência a essa dificuldade:

> Não há limite definido entre o fato da língua, marca do uso coletivo, e o fato da fala, que depende da liberdade individual. [...] é difícil classificar uma combinação como unidade, porque diversos fatores concorreram para produzi-las e em proporções difíceis de determinar (BALLY, 1951, p. 143).

São inúmeras as classificações propostas para as unidades léxicas complexas, entretanto, acredita-se que mais importante do que definir uma a uma é conhecer as características essenciais desses fenômenos. Pois, uma vez que se consegue identificar seus traços característicos, faz-se possível a delimitação e definição dessas unidades, assuntos que são tratados mais adiante.

As unidades léxicas complexas tem sido objeto de estudo da Fraseologia, portanto, a

---

[2] Todas as traduções são de autoria da mestranda.

[3] Les expressions figées sont souvent définies comme groupements de mots (au moins de deux mots) qui sont lexicalisés et dont le caractère est reproductif. Très souvent le sens global des expressions figées ne résulte pas de la simple cohésion des éléments constitutifs. La classe des expressions figées est un groupe hétérogène. Les limites de cette catégorie sont floues et sa structure interne est graduelle. (SULKOWSKA, 2007, p. 223)

partir de agora, se discutirá sobre essa temática, em suas várias dimensões: sua definição, seu percurso histórico, os traços característicos do fenômeno fraseológico e alguns tipos de fraseologismos.

1.3 Fraseologia

Antes de discutir o conceito teórico de fraseologia, faz-se necessário expor a definição lexicográfica do termo mediante a apresentação do verbete *fraseologia* em dois dicionários, na versão eletrônica do *Dicionário Caldas Aulete* (AULETE, 2014)[4] e na versão eletrônica do *Dicionário Aurélio de Português Online*, respectivamente:

> ***Fraseologia*** (versão original)
>
> s. f. || (gram.) estudo e conhecimento da frase. || Construção da frase. || Construção de frase particular a uma língua ou a um escritor: Apesar... de ser ele de caráter asado para levar a água ao seu moinho, como diz o povo na sua expressiva *fraseologia*... (Arn. Gama , Últ. Dona , Nota II, p. 414, ed. 1864.) || Discurso palavroso mas sem ideias. F. gr. *Phraseologia*.
>
> ***Fraseologia*** (versão atualizada)
>
> **Substantivo feminino**
>
> **1.** Ling. Modo de construção de frase peculiar a uma determinada língua ou a um determinado escritor*: a fraseologia do latim: a fraseologia de Guimarães Rosa*
>
> **2.** Conjunto de frases e de expressões peculiares a um escritor ou a uma língua
>
> **3.** Gram. Parte da gramática que estuda a frase
>
> **4.** Ling. Expressão idiomática, frase com sentido fixo, ger. não literal (p. ex. *dar murro em ponta de faca*)
>
> [F.: Do fr. *phraseologie*.]
>
> (CALDAS AULETE, 2014)
>
> ***Fraseologia***
>
> **1.** Estudo e conhecimento da frase.
>
> **2.** Construção (da frase) particular a uma língua ou a um escritor.

[4] Disponível em <http://www.aulete.com.br/fraseologia>. Acesso em : 01 nov 2017.

3. Discurso palavroso, mas sem ideias.

(FERREIRA, 2018)

Como se pode constatar, o termo *fraseologia*, em sua dimensão linguística, é polissêmico, pois é utilizado tanto para intitular uma disciplina linguística como o objeto de estudo dessa disciplina, que consiste no conjunto de fenômenos fraseológicos, além disso, pode coincidir com a noção de terminologia, jargão ou língua de especialidade.

Enquanto disciplina, visão defendida neste trabalho, sabe-se que ela é independente (embora alguns autores a considere uma subdisciplina da Lexicologia), está relacionada a todos os níveis de análise linguística (fonética, semântica, morfológica e pragmática) e tem como objetivo estudar os fenômenos fraseológicos.

Entende-se como fenômenos fraseológicos, as combinações de unidades léxicas formadas por duas ou mais palavras. Esses elementos plurilexicais são amplamente reconhecidos e utilizados em determinados contextos de maneira inconsciente, pois seus usuários as aprendem de forma próxima as lexias simples. Saber identificá-las como unidades com significados específicos e saber usá-las de forma satisfatória constitui competência discursiva de seus falantes em língua materna, segunda língua ou estrangeira.

A Fraseologia abrange o estudo de unidades bastante diversas, como provérbios, ditados, expressões idiomáticas, colocações e locuções, que unem-se sob o hiperônimo de *fraseologia*, pois embora sejam diversas do ponto de vista estrutural, possuem, pelo menos, duas propriedades fundamentais comuns (BEVILACQUA, 2015, p. 78). Este estudo tem importância para a investigação do percurso teórico, das regras lexicais, semânticas e gramaticais, além de ter suma importância para os estudos de línguas estrangeiras para a elaboração de dicionários e afins.

Por isso, a partir deste ponto, tentar-se-á explicar o percurso histórica da Fraseologia como uma disciplina autônoma.

1.3.1 Percurso histórico da Fraseologia

Embora Saussure (2006 [1916]) não tivesse utilizado o termo *fraseologia* em seu *Curso de Linguística Geral*, encontra-se nesta obra uma alusão às unidades léxicas complexas quando ele diz que não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas que são elas próprias signos. Para o linguista, o que hoje entende-se por unidades

fraseológicas, eram *agrupamentos*, que ele definiu como:

> Sintagmas compostos por duas ou mais unidades consecutivas que estabelecem um encadeamento de caráter linear. Os sintagmas podem corresponder a palavras, a grupos de palavras, a unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie como as palavras compostas, derivadas, membros de frases e frases inteiras. (SAUSSURE, 1916, p. 143-144).

Foi Bally (1909) quem pela primeira vez chamou a atenção sobre as particularidades da combinação léxica e utilizou o termo fraseologia com o sentido de disciplina como é conhecido hoje. Ele propôs três grupos de classificação para as combinações léxicas, a saber:

- Combinações livres: associações ocasionais ou agrupamentos passageiros;
- Séries fraseológicas ou agrupamentos usuais, quando o grau de coesão é relativo;
- Unidades fraseológicas, quando o grau de coesão é absoluto.

Para ele, as combinações das palavras apresentam graus de coesão dentro dos limites de dois casos extremos. Desse modo, os dois primeiros grupos dizem respeito às combinações que se decompõem logo depois de terem sido criadas, adquirindo novamente plena liberdade para constituir outras combinações. O terceiro grupo diz respeito às lexias que, devido sua utilização constante em uma determinada combinação, perdem sua independência, resultando em ligações indissolúveis que só adquirem sentido nessa combinação. Este grupo apresentado por Bally se converteu em objeto de estudo da Fraseologia.

Destarte, Bally (1909) distinguiu dois tipos de unidades fraseológicas: as unidades indecomponíveis que são caracterizadas por sua não-composicionalidade semântica e as unidades cujos elementos conservam sua autonomia, mas têm uma correlação.

No entanto, as bases teóricas que permitiram as pesquisas fraseológicas foram organizadas por linguistas soviéticos por volta de 1940, como Vinogradov. Foram eles que, inicialmente, especificaram os conceitos principais da disciplina que, em seguida, foi desenvolvida na Europa (MONTEIRO-PLANTIN, 2014).

Assim posto, sabe-se que Saussure (2006 [1916]), Bally (1909) e Pottier (1974) são autores citados para recuperar o percurso evolutivo dos estudos relacionados à fraseologia. Por conseguinte, tem-se os autores mais recentes, como Hausmann (1990), Mel'čuk (1984, 1988, 1992) e Benson, Benson e Ilson (1996), que são citados mais adiante, na parte de tipologia dos fraseologismos.

A partir de agora, serão discutidas algumas propriedades que subsidiam os critérios de reconhecimento dos fraseologismos.

1.3.2 Critérios fraseológicos

Apesar da variada tipologia de fraseologismos, tema que será discutido no próximo tópico, González Rey (2015) identifica vinte critérios que permitem o reconhecimento da lexicalização, salientando que nem todos são indispensáveis. São eles:

> A polilexicalidade; a frequência; a fixidez; a des-automatização ou a desexicalização; a institucionalização; a idiomaticidade; a figuralidade; a iconicidade; a opacidade; a ambiguidade; o desvio; a moldabilidade ou produtividade; repetição; reprodução; diferentes registros; redutibilidade; arbitrariedade; motivação e desmotivação; valor metafórico; remetaforização; elementos expressivos e processos produtivos. (GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 46)[5]

[5] Citação original: la polylexicalité, *la* fréquence, *la* fixité, *le* défigement, *désautomatisation ou délexicalisation*, *l'*institutionnalisation, *l'*idiomaticité, *la* figuralité, l'iconicité, l'opacité, l'ambiguïté, *l'*écart ou déviation, *la* moulabilité ou productibilité, *la* répétition, *la* reproduction, les registres, la réductibilité, l'arbitrariété, *la motivation* et la démotivation, la valeur métaphorique, *la* remétaphorisation, les éléments expressifs et procédés productifs (GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 46). Tradução da autora da dissertação.

A polilexicalidade diz respeito das construções sintáticas compostas de várias lexias. Nelas, as palavras são graficamente separadas, porém, em alguns casos, ocorre a aglutinação, isto é, os constituintes, originalmente autônomos, fundem-se numa única palavra como, por exemplo, em: água + ardente = aguardente; em + boa + hora = embora; plano + alto = planalto, etc.

A frequência está relacionada com a ocorrência de um fraseologismo no discurso e, também, a frequência de coexistência dos formatos de uma combinação, ou seja, quando os componentes estão sempre se repetindo na mesma ordem, além da frequência de aparecimento de uma mesma expressão em distintos contextos.

A fixidez pode ser um traço formal, sintático ou pragmático do fraseologismo. Na perspectiva formal, os fraseologismos são construções fixas em oposição às formas livres, quer dizer que, sua formação é praticamente inalterável. Do ponto de vista semântico, o significado global dessas expressões permanece o mesmo, independentemente do tempo ou do espaço, pois, as palavras que as integram, fora da composição, são autônomas, porém, dentro do fraseologismo, já não podem mais sofrer alterações, de forma que o significado é particular de cada item, quase sempre, indecomponível. Por fim, do ponto de vista pragmático, as unidades polilexicais são fixas devido ao seu uso. Por um lado, diferentes situações comunicacionais requerem as mesmas expressões fraseológicas, entretanto, cada nível de linguagem exige um expressão própria, dessa forma, a escolha dos fraseologismos está atribuída à fixidez do discurso.

A deslexicalização ou des-automatização diz respeito à possibilidade de presença de novos elementos nas sequências fixas conhecidas. Embora as expressões fixas tenham consistência semântica, elas são passíveis de manipulações em seu eixo sintagmático, porém isso não inviabiliza sua leitura dupla, pois os traços do enunciado original pernanecem evidentes, bem como as modificações também são reconhecidas, obrigando o usuário a usar da intertextualidade para identificar o novo sentido da expressão.

O uso frequente de um fraseologismo dentro de uma comunidade de fala permite que ele seja reconhecido, aceito e adotado. Seu uso recorrente o torna convencional, alcançando *status* linguístico e sendo até dicionarizado (GONZÁLEZ-REY, 2015), é isso que chama-se institucionalização.

A idiomaticidade talvez seja a mais importante das características para se identificar um fraseologismo. Ela diz respeito ao fato de o sentido global de uma expressão não ser a soma dos significados de seus elementos. Ou seja, embora seus componentes tenham,

isoladamente, autonomia, eles perdem sua significação e é o conjunto que adquire um novo sentido.

A figuratividade também é um traço importante para caracterizar as unidades fraseológicas, especialmente as chamadas idiomáticas (GONZÁLEZ-REY, 2015). Ela refere-se ao fato de essas unidades alterarem sua semântica graças às figuras de linguagens (metáfora, metonímia, entre outras), distanciando-se do seu significado literal para assumir um significado próprio.

A iconicidade remete às unidades fraseológicas que utilizam de elementos pictóricos. Elas carregam uma imagem visual no qual a expressão se constitui. Ao pensar a imagem expressa pela sequência fraseológica, o falante concretiza a mensagem contida na própria expressão.

A opacidade tem relação direta com o sentido não-composional ou não dedutivo da soma dos elementos da sequência fraseológica. Ela se realiza de duas formas, a primeira, quando é possível se fazer uma leitura ambígua da expressão, ou seja, uma com o sentido literal e a outra com o sentido conotativo; a outra, é quando o primeiro sentido é totalmente ignorado, valendo apenas o segundo. Encontra-se este aspecto em fraseologismos arcaicos, por exemplo, cujo entendimento do seu significado foi se perdendo ao longo do tempo. A isto chama-se opacidade.

Entre os fraseologismos arcaicos também é comum encontrar alguns desvios da norma, tanto na sintaxe, quanto na escolha dos elementos que constituem a sequência fraseológica, além de irregularidades formais (GONZÁLEZ-REY, 2015). Todavia, esses desvios também podem ser encontrados em unidades fraseológicas de uso mais recente.

Já a ambiguidade é o inverso da opacidade, uma vez que, uma única unidade fraseológica pode estar carregada de diversos sentidos sobrepostos e todos serem integralmente identificados e compreendidos. “Esta ambiguidade é de grande rentabilidade semântica nas expressões de natureza humorística ou colocada a serviço da linguagem publicitária” (GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 50)[6].

A moldabilidade tem a ver com a eficiência das fraseologias de servirem como modelo de criação para outras unidades fraseológicas. Observa-se entre essas unidades alguns padrões de formação, tais como: i) Tal X, Tal Y; ii) X-mais, X-mais; iii) Antes X [de] que Y; entre outros, cujas lacunas podem ser preenchidas por diferentes lexias.

A repetição é um fato observado em muitos fraseologismos, seja por meio de rimas,

[6] “Cette ambiguité est d'une grande rentabilité sémantique dans les expressions de nature humoristique ou mises au service du langage publicitaire.” (GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 50)

repetições de palavras ou de significados. É uma ferramenta capaz de retomar um discurso, dando ao fraseologismo uma função comunicacional que garanta uma expressividade mais satisfatória.

A reprodução é considerada um subtipo de repetição (ZULUAGA, 1980, p. 24-27, *apud* GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 51). Como já se sabe, há situações comunicacionais que requerem fraseologismos próprios, dessa forma, a escolha dessas unidades está atribuída à fixidez do discurso, ou seja, a reprodução só é feita mediante um determinado momento, o que a opõe à liberdade das expressões livres. Diante disso, encontram-se as expressões fraseológicas específicas para determinadas situações comunicacionais como, por exemplo, *Bom dia!* para saudação, *Até logo!* para despedida, *Feliz aniversário!* para parabenização, etc. "Repetidas em todas as ocasiões, essas expressões são responsáveis por produzir declarações que ativam, encurtam e suavizam as informações enquanto facilitam as relações sociais dos usuários" (GONZÁLEZ-REY, 2015, p.52).[7]

Embora normalmente se fale que os fraseologismos fazem parte da linguagem coloquial, por serem, muitas vezes, de origem popular, como os provérbios e os ditados, não se pode atribuir essa característica como típica dessas expressões, pois elas não são restritas a este nível de linguagem. Como já mencionado, cada situação de comunicação requer a escolha de uma unidade fraseológica precisa, portanto, elas são apontadas em diferentes registros comunicacionais assim como qualquer outro signo linguístico.

A redutibilidade é um fenômeno comum entre algumas expressões polilexicais, trata-se da possibilidade de reduzir uma sequência fraseológica em uma única lexia. Porém, nem todas as expressões podem ser reduzidas, como é o caso das terminológicas, pois elas apresentam um sentido que de outra forma não poderia ser dito. Dessa forma, há expressões que designam um referente especificamente, não podendo ser reduzida; enquanto há outras que utilizam de uma forma distanciada para nomear um referente, podendo ser reduzidas, como é o caso da expressão *"chutar o pau da barraca"* que quer dizer enraivecer-se, ou *"rodar a baiana"*, que quer dizer brigar, discutir.

Um dos pressupostos linguísticos é o caráter arbitrário do signo, ou seja, seu significado não tem relação com a forma, porém, alguns signos são menos arbitrários do que outros como observou o próprio Saussure, que não deixou de perceber a condição um tanto motivada das escolhas das lexias utilizadas para construir certos fraseologismos. Desse modo,

[7]÷ Répétées à chaque occasion, ces expressions se chargent de produire des énoncés qui activent, raccourcissent et assouplissent l'information tout en facilitant les rapports sociaux des usagers. (GONZÁLEZ-REY, 2015, p.52). Tradução da autora da dissertação.

há unidades fraseológicas desmotivadas do ponto de vista linguístico, bem como, construções cuja motivação é evidente, na medida em que elas são o produto de uma evolução semântica que as tornou polissêmicas (GONZÁLEZ-REY, 2015).

A metáfora é um dos elementos que explica a formação dos fraseologismos. Embora ela esteja presente na mudança semântica das lexias constituintes de uma unidade fraseológica, como figura de linguagem e estilo, esse fenômeno não se apresenta como característica essencial desses elementos linguísticos.

Como salienta González Rey (2015), com o passar do tempo, as unidades polilexicais, figuradas e metafóricas, vão perdendo sua origem, ou seja, vão sofrendo o processo de desmotivação linguística, fazendo com que os falantes percam a visão da imagem que essas unidades representam. Quando se chega a esse nível, os fraseologismos podem então serem remetaforizados, isso quer dizer que, podem manter a mesma formação, porém mudarem o sentido.

Por fim, os elementos expressivos e os processos produtivos dos fraseologismos contribuem para que estas unidades alcancem o efeito especial desejado no momento da enunciação, deixando de serem "simples arranjos linear de signos" (GONZÁLEZ, 2015, p.55).

Em suma, ficou claro que as características explicadas anteriormente não são compartilhadas, em sua totalidade, por todas as unidades fraseológicas. Depreende-se que duas propriedades podem ser consideradas para embasar o critério de identificação de um fraseologismo: a polilexicalidade e a fixidez, afirmação corroborada por Gréciano (1983, apud Pamies Bertrán, 2018, p. 226), que alerta para a redudância da polilexicalidade, uma vez que essa é a característica *sine qua non* de um fraseologismo Dessa forma, a análise das propriedades fraseológicas é que pode possibilitar a distinção dos fraseologismos uns dos outros.

A partir dessas observações, percebe-se a complexidade da temática e sua importância, visto que essas unidades são bastante utilizadas em situações de comunicação e interação entre os falantes, o que funciona como fator motivacional de seu estudo.

1.3.3 Tipologia dos fraseologismos

Ainda que as unidades polilexicais sejam aprendidas de forma automática em língua materna, quase que intuitivamente, é importante tentar categorizá-las a fim de delimitar o objeto de estudo da Fraseologia, com base nos critérios que as tornam fraseologismos, com o intuito, também, de subsidiar futuras análises em diferentes níveis.

Os próximos tópicos abordam alguns tipos de fraseologismos que integram o conjunto das unidades fraseológicas, a saber: provérbios, expressões idiomáticas, colocações, pragmatemas e locuções.

1.3.3.1 Os provérbios

Recorda-se que a palavra constitui uma unidade mínima de significação, dessa forma, um provérbio pode ser considerado uma palavra, visto que se concebe como tal unidade mínima, embora seja constituída por um grupo de palavras no plano da escrita, possui um único significado no plano da língua.

Enquanto que para os falantes da língua comum os provérbios pareçam ser designações genéricas e sinônimas, os lexicógrafos e fraseólogos apontam para distanciamentos e traços particulares entre os provérbios. Há enunciados proverbiais de cunho erudito, como a máxima e o brocardo[8]; outros de cunho publicitário, como o slogan; formas estereotipadas como o clichê e a frase feita; além das unidades que se caracterizam originalmente pela rima, os refrãos.

Dessa forma, observa-se que os autores quase sempre caracterizam os provérbios apresentando traços em comum deles com outros tipos de fraseologismos, sem defini-lo de forma precisa para que não se incorra erros.

Visto a variedade de fraseologismos, bem como a complexidade e imprecisão de suas definições, busca-se por sua vez também procurar um conceito de provérbio. Sabe-se que o provérbio é um dos fraseologismos mais conhecidos e afamados entre os falantes de uma língua. Segundo Xatara e Succi (2008), provérbio é:

> Uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo planejar. (XATARA e SUCCI, 2008, p. 35)

[8] Máxima ou brocardo são frases de efeito geral, que explicam uma regra ou princípio moral. A máxima pode ser também jurídica.

A frequência e lexicalização dos provérbios ocorrem de acordo com as necessidades de sua época, dessa forma, podem ser renovados ou entrarem em desuso. É interessante dar-se conta de que o falante nunca sabe ao certo como aprendeu um determinado provérbio, mas sabe reconhecê-lo e empregá-lo com maestria quando necessário. Como salientam Xatara e Succi (2008):

> Quando um falante nativo de uma língua sabe empregar bem os provérbios ou outro fraseologismo qualquer, pode ser considerado um falante fluente na língua, portanto, se um estrangeiro também souber emprega-los, maior mérito terá. Então quanto mais provérbios forem empregados corretamente por um falante, mais domínio sobre essa língua ele comprovará ter, porque o seu uso requer competência lexical e cultural. (XATARA e SUCCI, 2008, p. 36)

Quanto à autoria dos provérbios, talvez eles tenham sido originalmente criados por conhecidos, porém ao longo dos séculos, foram perdendo sua autoria e tornando-se de autoria pública. Como mencionado anteriormente, um provérbio ocorre de acordo com a necessidade de sua época, portanto, a partir de um enunciado proverbial, pode-se inferir valores, sentimentos, entre outras experiências de uma dada época e cultura.

Como já se sabe, os provérbios fazem parte do folclore de um determinado povo e, assim como as superstições, lendas e cantigas, são passados de forma oral de geração em geração. Aprender e saber utilizar um provérbio é, sobretudo, manter uma identidade cultural.

Xatara e Succi (2008, p.38) acreditam que o provérbio é em si universal e pode se adaptar aos países e idiomas de acordo com sua maneira e cultura, por isso, sendo difícil saber ao certo o seu lugar de origem. Além disso, possui um caráter eufêmico, colaborando para que as pessoas digam algo desagradável de forma indireta, evitando assim conflitos e reações agressivas.

Como o provérbio é dado como uma citação que os falantes tomam como empréstimo e caracteriza-se como um saber universal, não é errado falar que ele constitui o discurso do outro. Um provérbio é um enunciado construído por vários discursos. Quem o utiliza está, portanto, reafirmando a ideia do outro, uma ideia tradicional e de senso comum, recoberta por uma ideologia que está imposta pela sociedade. Ainda assim, ele não retira por completo a individualidade do sujeito que o usa, pois o falante seleciona em seu discurso o provérbio que será mais favorável à sua argumentação, pois ele nunca se dá de forma isolada, é preciso um discurso para estar vinculado, além disso, os enunciados proverbiais são textos que só existem a partir de um conhecimento prévio de mundo por parte do interlocutor ou dos interlocutores.

Sobre a formulação proverbial, é preciso atentar-se para o fato de que alguns provérbios são sinônimos e variantes que são empregados em situações semelhantes. Por

exemplo, “Tal pai, tal filho” é análogo a “Filho de peixe, peixinho é”, mas possuem construções totalmente diferentes. Por vezes, há muitos provérbios sinônimos que também têm como construção um mesmo padrão, como é o caso dos provérbios “Quem pariu Mateus que balance” e “Quem pariu Bento que acalente”.

Vellasco (2000) afirma que a construção dos provérbios costuma seguir alguns padrões, tais como: i) Tal X, Tal Y; ii) X-mais, X-mais; iii) Antes X [de] que Y; além de construções com sintagmas nominais + sintagmas verbais, como é o caso de “Uma andorinha só não faz verão”. Embora essas caraterísticas, muitas vezes, não sejam encontradas todas num só provérbio, elas auxiliam na tentativa de delimitação desse tipo de fraseologismo.

Em resumo, os provérbios podem ser caracterizados como unidades léxicas conotativas e normalmente concisas, conjugadas em diferentes tempos verbais, como:

i) no presente do indicativo: “Boca calada não entra mosca”, o que lhe outorga feitio atemporal;

ii) no imperativo: “Guarda o que não te convém que um dia a te servir vem”, para anunciar uma verdade;

iii) no pretérito perfeito: “O seguro morreu de velho”, para demonstrar sabedoria; ou

iv) no futuro do presente: “os últimos serão os primeiros”, para alertar sobre futuros acontecimentos.

Geralmente é impessoal; tem sentido completo; pode combinar diferentes recursos estilísticos; representa um senso comum; é frequentemente universal, porém, às vezes, particular de um dado lugar; é atemporal; habitualmente passado de forma oral; conhecido pela maioria; de autoria pública; elegido pelo usuário em situação comunicativa para argumentar, aconselhar, entre outros; podendo ser compreendido isoladamente, embora, na maioria das vezes, seja utilizado em função de um determinado contexto.

1.3.3.2 Expressões idiomáticas

Segundo Xatara (2008), expressão idiomática (EI) "é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural" (1998, p. 18). Neste grupo, encontram-se os fraseologismos prototípicos. São eles os primeiros exemplos a serem mencionados quando se fala em unidades fraseológicas.

As EIs são pequenas frases ou fragmento delas, cujo significado vai além do sentido literal de suas constituintes. Por isso, comparadas aos provérbios, as expressões idiomáticas possuem uma independência contextual menor, pois os provérbios são expostos em frases que podem ser adequadas a diferentes contextos, enquanto que as expressões idiomáticas não, pois são fixas.

Objeto de estudo de maior parte das pesquisas em estudos fraseológicos em Língua Portuguesa, as Eis só alcançam certa independência contextual quando utilizadas como objetos comunicativos, cuja leitura vai além da interpretação das palavras que as compõem, implicando numa análise contextual.

São características deste grupo, portanto, além da fixidez, a não composicionalidade semântica, também conhecida como idiomaticidade. Pode-se citar, como exemplo, as seguintes frases:

1. O sócio *abandonou o barco*.

2. Ele *agarrou com unha e dentes* o projeto.

3. Aos finais de semana tomamos *água que passarinho não bebe*.

Por causa do conhecimento do sentido não composicional das expressões idiomáticas, sabe-se que na primeira frase o sócio não largou um barco num rio e/ou mar, mas sim, desistiu da sociedade, assim como, no segundo exemplo, a pessoa não utilizou literalmente as unhas e os dentes para realizar o projeto, mas dedicou-se a ele de forma extrema, e, por último, a frase não está se referindo a uma água imprópria para o consumo dos pássaros e sim à bebida alcoólica.

1.3.3.3 Colocações

O tipo de construção lexical que hoje se conhece como colocação, outrora já foi citado por linguistas sob diferentes nomes, como se verá a seguir.

As séries fraseológicas sob o nome de colocações ganharam nos últimos anos atenção especial da Fraseologia. Elas são itens lexicais recorrentes que desempenham um papel de liderança e que se referem principalmente ao ambiente gramatical da palavra.

Bally (1909, apud GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 71) chamou as colocações de *agrupamentos usuais* compostos por elementos que "preservam sua autonomia, deixando uma afinidade visível que os aproxima". Esta afinidade é tanto interna quanto externa. É interna porque há uma correlação semântica entre as lexias formadoras dessa sequência, e externa porque cada elemento que a forma é impossível de ser substituído, mesmo em situações de sinonímia.

Hjemslev (1943, apud GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 72) fez uma distinção entre os tipos de colocações. Para ele, há as colocações cujos elementos têm dependência mútua e as que têm dependência unilateral. No primeiro grupo, as palavras são unidas por uma relação de solidariedade e, no segundo, por uma relação de seleção.

Por sua vez, Mel'čuk (1984, 1988, 1992) baseia-se na tipologia de relações semânticas estabelecidas entre os elementos que constituem as unidades fraseológicas, principalmente em funções léxicas, para identificar e representar essas unidades no seu dicionário. Ele elaborou um dicionário combinatório e explicativo do francês em que as colocações apareciam descritas de acordo com suas funções.

Para Hausmann (1990), as unidades fraseológicas são *colocações*, formadas por dois elementos, um elemento base e um elemento colocado ou coocorrente. Enquanto o elemento base é semanticamente autônomo, o elemento coocorrente é semanticamente restringido pelo elemento base, ou seja, são elementos semilexicalizados com um valor semicomposicional, o que significa dizer que seu significado só pode ser deduzido pelo conjunto dos elementos que as compõem. Além disso, são unidades que, de certa forma, seguem determinadas estruturas morfossintáticas que auxiliam no seu reconhecimento, tais como: substantivo + substantivo; substantivo + adjetivo; verbo + substantivo; verbo + advérbio. Autores que seguem esta proposta afirmam que as unidades fraseológicas devem ser dicionarizadas, pois já estão memorizadas por seus falantes.

Benson, Benson e Ilson (1996) caracterizaram estas unidades fraseológicas principalmente pelo grau de fixação por determinadas estruturas morfossintáticas, semelhantes às propostas de Hausmann (1990): substantivo + substantivo; substantivo + adjetivo; verbo + substantivo; verbo + advérbio; substantivo + preposição + substantivo.

Já Coseriu (1977, apud GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 72) desenvolveu essa idéia de dependência sob o termo *solidariedades lexicais*. Ele diferenciou as colocações em:

sequências solidárias unilaterais e multilaterais. No primeiro grupo, encontram-se aquelas sequências nas quais uma palavra determina o uso da outra por um ponto de visto externo; enquanto que no segundo grupo, encontram-se as sequências nas quais uma palavra determina o uso da outra por um ponto de visto interno, ou seja, há restrições de seleção, tanto no eixo sintagmático quanto no eixo paradigmático.

Para Hausmann (1998 apud GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 77-78), esta tipologia de fraseologismo é definida como um grupo léxico binário lexicalizado, constituído por partes semanticamente diferentes, porém que são determinadas como norma. É uma combinação entre uma "base" e um elemento caracterizador. A base normalmente é um substantivo, usado em um sentido não figurado, e o outro é interdependente e escolhido pela linguagem que, geralmente, assume um significado metafórico particular. Segundo Hausman, há sete possíveis estruturas de formação das colocações, a saber: N+Adjetivo; N sujeito+ V; V+N objeto; N+prép.+N; V+prép.+N; V+adv.; adv.+Adjetivo.

Conforme o dicionário de linguística de Franck Neveu (2004, p.4 apud Mejri, 2011, p.184), as colocações são coocorrências convencionais resultantes de forte restrição semântica de seleção que se manifestam na utilização de uma unidade lexical e que têm o efeito de restringir a compatibilidade das palavras com a unidade em questão. A noção serve principalmente para descrever as combinações léxicas usuais, ou seja, aquelas que são aprovadas pelo uso.

De acordo com Legallois e Tutin (2013, p. 7), Halliday (1961) atribiui às colocações uma definição textual a medida que essas expressões contribuíam para a coesão do texto, enquanto que Sinclair defendia ideia de um princípio do idioma, segundo o qual os falantes escolheriam seções pré-construídas da linguagem, integrando léxico e gramática.

Finalmente, González-Rey (2015, p.71) define colocação como um termo "usado para nomear uma série de palavras congeladas, colocadas em coocorrência, em uma estrutura binária e de acordo com um status semiótico diferenciado".[9]

No entanto, apesar do amplo reconhecimento do lugar ocupado pelas colocações no sistema linguístico de uma língua, há muitas dúvidas para delimitá-las. É por isso que é necessário analisar as características formais, semânticas e pragmáticas que podem caracterizar as colocações. (GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 80)

Do ponto de vista formal, tanto na linguagem geral quanto na especializada, a polilexicalidade das colocações leva à reflexão de como se pode definir esse termo, bem como

[9] "ert à nommer actuellement une suite de mots figés, placés en coocurrence, dans une structure binaire et selon un statut sémiotaxique différencié" (GONZÁLEZ-REY, 2015, p. 71).

identificá-lo e classificá-lo. Quanto à estrutura, sabe-se que as colocações têm pelo menos dois constituintes e, na maioria das vezes, pode ser reduzida a apenas um elemento. Há colocações gerais ou terminológicas, em que nenhum lexema aparece, como acrônimos, fórmulas ou teoremas; há colocações em que todos os formativos são lexemáticos; e há, finalmente, as colocações heterogêneas, em que palavras e símbolos coexistem.

Assim, pode-se dizer que as colocações são expressões linguísticas formadas por uma base e um colocado, formadas, geralmente, por um substantivo abstrato, um adjetivo ou um verbo seguido por um termo que determina uma qualidade. Em seus constituintes encontra-se coocorrência léxico-sintática, ou seja, dão a impressão de que a combinação se deu de forma natural, como o que ocorre em: *com mal-estar, passar mal, tomar ar, pegar um táxi,* etc.

1.3.3.4 Pragmatemas

Os Pragmatemas são unidades fraseológicas presentes em todas as línguas. São utilizadas como forma de interação social e aprendidas deste a tenra idade. São habituais em nosso dia a dia e fazem parte da linguagem tanto escrita quanto falada.

A denominação pragmatema justifica-se principalmente em analogia a frasema, termo cunhado por Mel'čuk (1984). O pragmatema é uma estrutura cujo significado ‘X’ não é construído livremente, ou seja, não pode ser substituído por qualquer outro significado sinônimo 'Y'.

São, portanto, as fórmulas de rotina (*com licença, muito obrigada*), as fórmulas epistolares (*prezado senhor, desde já*), as fórmulas ritualizadas (*feliz aniversário, meus parabéns*), as fórmulas religiosas (*se Deus quiser, assim seja*), as fórmulas situacionais (*proibido fumar, não estacione*) ou, até mesmo, os marcadores conversacionais, como: *veja bem, por falar nisso, etc.* Por refletirem a cultura ao qual estão ligadas, são unidades que estão sempre sendo atualizadas, pois são fórmulas que se consolidam progressivamente, para atender às necessidades de seus usuários.

Tagnin (2005) considera os pragmatemas expressões pré-fabricadas que constituem grande parte do que as pessoas falam, por isso, são amplamente reconhecidas e permitem que, mesmo sem terminar de pronunciá-la o interlocutor já conclua o que o locutor gostaria de ter dito, compreendendo todo o seu conteúdo e, de imediato, respondendo-o.

1.3.3.5 Locuções

O objetivo deste tópico é explicar de forma breve como reconhecer e/ou identificar estruturas sintáticas conhecidas como locuções. Apresenta-se aqui as contribuições de Corpas Pastor (1996), por considerá-las essenciais para a compreensão desse tipo de unidade fraseológica. Na concepção de Corpas Pastor (1996, p.94), locução "se trata de construções endocêntricas cujo núcleo principal do sintagma poderá substituir, um ponto de vista estritamente formal - que não semântico-, toda a estrutura e desempenhar suas mesmas funções[10].

A noção de locução pode ser generalizada ao entender que ela é qualquer combinação léxica cujos elementos não são compreendidos individualmente. São expressões que, devido sua idiomaticidade[11], não permitem uma tradução literal, fato que evidencia sua complexidade e provoca dificuldades em seu processo de aprendizagem de uma língua estrangeira.

Além disso, possuem dois aspectos característicos, a coesão semântica e a morfossintática. A coesão semântica refere-se à elaboração do significado da locução, enquanto que a morfossintática tem a ver com a estabilidade formal destas unidades. Esta pode ser comprovada a partir das principais provas apresentadas por Corpas Pastor, que são: prova de substituição, prova de eliminação e prova de deficiências deformantes. A prova de substituição consiste em substituir qualquer um dos elementos da unidade por um sinônimo, hipônimo ou hiperônimo, resultando numa sequência gramatical correta, porém que perderá sua coesão. Dá-se como exemplo a locução *quebra-torto*[12] que, caso se substitua o verbo *quebrar* por um sinônimo como, *romper*, tem-se o fraseologismo *rompe-torto*, que, embora conserve a lógica de construção não mantem o significado da expressão de origem. Já a de eliminação, pode ser feita por supressão ou adição, cujo resultado, embora continue sendo uma sequência gramatical, não mantem o significado da unidade fraseológica. Por fim, a de deficiências deformantes é aplicada, principalmente, às locuções verbais, e se referem à ordem das palavras. Neste caso, fica comprovada a impossibilidade de reordenamento das partes constituintes da unidade fraseológica, o que é permitido em combinações livres.

---

[10] se trata de construcciones endocêntricas cuyo núcleo principal del sintagma podrá substituir, desde un punto de vista estrictamente formal -que no semântico-, a la estrutura entera y desempeñar sus mismas funciones. (CORPAS PASTOR, 1996, p. 94)

[11] Nos termos de Tagnin (2005, p. apud Mattos, 2001, p.273): como sinônimo de significado opaco, cujo significado da expressão é depreendido pelo conjunto, ou seja, a soma dos constituintes da unidade fraseológica não justifica seu significado.

[12] Quebra-torto: nome que se dá a primeira refeição do dia, feita pela manhã, no Pantanal mato-grossense ou sul-mato-grossense.

Dessa forma, observa-se que essas provas são úteis para a identificação das locuções, porém este trabalho nem sempre é fácil, visto que, embora as locuções, de modo geral, não permitam a substituição e a reordenação, nem todas as unidades que não permitem essas modificações são consideradas locuções como, por exemplo, a lexia *tira-jejum*, embora não admita reordenação, configura-se como colocação.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO- GEOGRÁFICA E CULTURAL DAS REGIÕES ESTUDADAS

Este capítulo visa a tecer considerações histórico-geográficas e culturais acerca das regiões estudadas nesta pesquisa, Centro-Oeste e Sul do Brasil, e seus respectivos estados. Aqui abordam-se aspectos relacionados à história social, aos processos de povoamento, bem como as questões de localização de cada uma delas. Esses aspectos são considerados na interpretação dos dados estudados. Como embasamento teórico para a abordagem das informações históricas sobre o Brasil, utiliza-se, em especial, as obras *Regiões Culturais no Brasil* (1960) de Diegues Júnior; *Etnias e Culturas no Brasil* (1980) também de Diegues Júnior e *O Povo Brasileiro: evolução e o sentido do Brasil* (1995) de Darcy Ribeiro.

2.1 Contextualização histórica do país

A história do Brasil, embora não tenha sido iniciada com a chegada dos portugueses, começa a ser contada a partir deste fato. Em 1500, chegaram ao Brasil as caravelas lusitanas lideradas por Pedro Álvares Cabral. Portugal passou a realizar aqui o extrativismo do pau-brasil e a explorar a valiosa madeira da Mata Atlântica, entre outras coisas. Mas a partir de 1530 a coroa portuguesa começou a interessar-se pela colonização da nova terra.

Em 1534, o então rei de Portugal, Dom João III, criou o sistema de administração territorial denominado de capitanias hereditárias, cuja principal função era povoar o Brasil evitando a invasão de outros estrangeiros. Entretanto, essa organização territorial fracassou por conta da extensão dessas faixas de terras que exigiam um número elevado de escravos e de ferramentas para sua manutenção.

Nas capitanias como a de Pernambuco e a de São Paulo, surgiram as chamadas Bandeiras[13] que constituíam expedições que tinham como destino o interior do Brasil a fim de povoar o centro do país e procurar metais preciosos e mão-de-obra indígena.

Aos poucos, o Brasil foi adquirindo mais distanciamento econômico de seus colonizadores a cada novo ciclo econômico que se iniciava. Dessa forma, seguiram-se ao

[13] Assim como as Bandeiras, havia o movimento Entradas que antecedeu aquela. Enquanto as Bandeiras saíam de São Vicente, no estado de São Paulo, em direção ao Rio Grande do Sul e fazendo algumas incursões no Centro-Oeste, as Entradas atuaram do Nordeste à Amazônia e ao Centro-Oeste, fazendo algumas incursões em áreas próximas ao Rio de Janeiro.

ciclo do Pau-Brasil, em 1500, o ciclo da cana de açúcar entre os séculos XVI e XVII; o ciclo do ouro no século XVIII; o da borracha no século XX, entre outros, que foram influenciando o processo de povoamento e formação econômica do país.

2.2 A relação entre o meio físico e as caraterísticas étnicas e culturais

O Brasil é um país com dimensão continental (8.515.767,049 km²) e uma população de aproximadamente 190. 755.799 habitantes (IBGE, 2010) que está dividido em cinco grandes regiões, a saber: Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste que, por sua vez, estão divididas em estados e estes em municípios e distritos.

A figura 1 a seguir, mostra a divisão regional do Brasil.

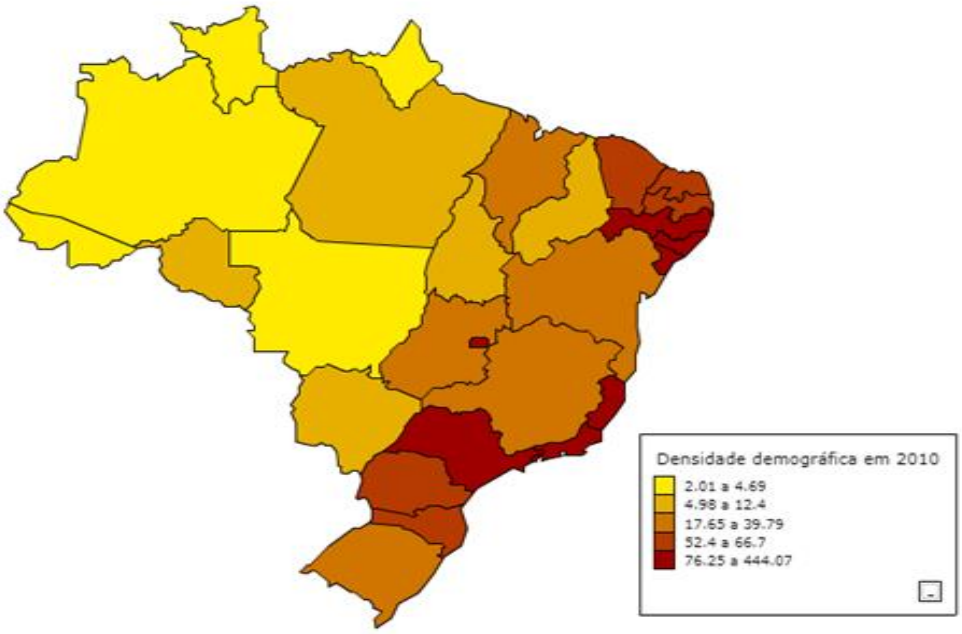
Figura 1 - Divisão regional brasileira

Fonte: http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=mapastematicos último acesso em 02/11/2017

A densidade demográfica de cada região do Brasil está intrinsicamente ligada aos fatores econômicos e ambientais de cada lugar. Dessa forma, observa-se que há regiões, como Sul e Sudeste, que são muito povoadas, enquanto que o Norte, por exemplo, embora seja maior em extensão territorial, é pouco povoada.

O mapa a seguir, exposto na figura 2, visualiza a densidade demográfica de cada região brasileira.

Figura 2 - Densidade demográfica, segundo cada região do Brasil



Fonte: IBGE (2010)

Pode-se verificar que a densidade demográfica dos estados situados nas regiões Sudeste e Sul contrastam com a dos estados do Norte e Centro-Oeste. Estas regiões são as menos povoadas no Brasil. As condições naturais como a extensa área territorial, a grande cobertura florestal, ademais a presença de grandes áreas indígenas, ligadas à herança das atividades de pecuária e mineração, são alguns dos fatores que podem justificar a baixa densidade demográfica dessas regiões, pois são fatores que dificultam que toda a área seja ocupada de forma consistente.

Cada região brasileira apresenta características bem distintas relacionadas ao clima, à vegetação e ao relevo que, por conseguinte, influenciam na divisão territorial do país, que não está ligada apenas às políticas públicas, mas também as condições naturais.

Além disso, o meio físico influencia também a cultura, pois o ser humano adapta-se às condições do ambiente no qual ele está inserido. Corroborando com esta ideia, Diegues Júnior (1960) afirma que:

> No estudo da cultura de uma população não se pode prescindir do conhecimento das condições naturais oferecidas pelo meio físico. Sabemos da influência que o ambiente oferece, condicionando o desenvolvimento da cultura. As relações entre esta e o meio físico vão refletir no grau cultural do respectivo grupo. O ambiente condiciona a vida humana, em primeiro lugar através do clima e do solo e, depois, pela vegetação, pelo relevo e pelos demais elementos que o constituem. (DIEGUES JR, 1980, p. 27)

No Brasil, as condições do meio tiveram considerável importância para sua ocupação. Em vista disso, os rios tiveram duplo papel no processo de povoamento do país. Às margens dos rios menores desenvolveram-se as atividades agrárias, constituindo um dos fatores de fixação, enquanto que os rios maiores representaram o meio pelo qual os colonizadores penetraram para outras áreas da terra colonizada. Dentro desta ótica, Diegues Júnior (1980) ressalta o papel do Rio São Francisco, por onde chegaram as populações nordestinas, com a pecuária irradiando-se para as demais regiões.

Porém, a princípio, o mar representou um obstáculo para a expansão portuguesa no Extremo Sul[14] do país. Além disso, quando os portugueses alcançaram esta região encontraram os espanhóis, o que resultou em lutas que só cessaram no século XVIII, quando a região integrou-se completamente ao território brasileiro.

Em contrapartida, a fixação de núcleos populacionais no interior do país, atingindo o planalto, acompanhou os veios auríferos e, por condições naturais, ocorreu de forma lenta durante a exploração de ouro e diamantes.

Em qualquer caso, a expansão territorial sempre visou à exploração dos recursos naturais da terra. Em resumo, as bases de povoamento das regiões aqui estudas foram as estâncias gaúchas para a criação de gado, no Sul, e os veios de mineração, explorando ouro e diamantes, no Centro-Oeste. Porém, outros núcleos foram igualmente importantes, como as aldeias ou missões jesuítas e os postos militares de fronteira.

A estes núcleos juntaram-se, mais tarde, as charqueadas no Rio Grande do Sul e os grupos extrativos, principalmente os ervais, no estado do Mato Grosso com investidas no Paraná, Santa Catarina e na fronteira com o Paraguai.

Tendo em vista as especificidades de cada área do Brasil deu-se o processo de ocupação humana do país e, com ele, a formação das regiões. Sendo assim, é importante salientar que, de acordo com Diegues Júnior (1980):

> A ocupação permanente do Brasil, a partir do Nordeste agrário, até a ocupação da Amazônia e do Extremo Sul, decorreu um pouco mais de 100 anos. Num século, consequentemente, a extensão territorial – beirando o litoral, é certo – havia sido ocupada; e ao mesmo tempo já se havia iniciado a ocupação interior, sobretudo nas zonas fronteiriças de Espanha; o forte de Coimbra e o de Macapá são exemplos desta ocupação." (DIEGUES, 1980, p. 33)

Como adendo, vale informar que o Forte Coimbra é um distrito localizado no

[14] Uma das regiões culturais mencionadas por Diegues Júnior (1980).

município Corumbá, um dos pontos da nossa rede de pesquisa, situado no estado do Mato Grosso do Sul.

Embora no Brasil haja uma certa hegemonia, considerando a língua, o cristianismo, a organização familiar e a estrutura política, as regiões do país são bem diferentes culturalmente umas das outras. Encontra-se também, muitas vezes, contrastes culturais dentro de uma mesma região, como é o caso da região Sul, como esclarece Darcy Ribeiro (1995):

> A expansão dos antigos paulistas atingiu e ocupou também a região sulina de prévia dominação espanhola e a incorporou ao Brasil. Em interação com outras influências, porém, deu lugar ali a uma área cultural tão complexa e singular que não pode ser tida como um componente da Paulistânia. Ao contrário das outras áreas conformadas pelos paulistas, como a de mineração, a de economia natural caipira e a de expansão da cafeicultura, que, apesar de suas diferenciações econômico-sociais, apresentam uma base cultural comum, na região sulina modos de vida tão diferenciados e divergentes que não se pode incluí-los naquela configuração e nem mesmo trata-los como uma área cultural homogênea. (RIBEIRO, 1995, p.408)

Consegue-se pensar a divisão regional do Brasil quando se leva-se em conta, por exemplo, a culinária e a linguagem (sotaques), ou seja, a cultura de uma forma geral. Assim pode-se identificar, com base nas informações expostas anteriormente, que a formação dos grupos sociais de cada região do país foi influenciada pela forma como deu-se o sistema de ocupação em cada lugar.

O próximo tópico visa a tecer considerações históricas e geográficas da Região Centro-Oeste do Brasil.

2.3 Região Centro-Oeste

A região Centro-Oeste, que é uma das selecionadas para este estudo, é a segunda maior região em extensão territorial do país. Ela compreende três estados brasileiros, a saber: Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, além do Distrito Federal. É uma região que abrange uma área de 1 606 371 km², onde vivem 14.058.094 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A população absoluta do Centro-Oeste é a menor entre as demais Regiões (Sudeste, Sul, Norte e Nordeste).

Segundo a divisão proposta por Diegues Júnior (1960), a região Centro-Oeste situa-se na região cultural denominada *Centro-Oeste extrativista e pastoril*. Para o mesmo estudioso,

“bandeirantes e missionários contribuíram assim para o devassamento do território goiano, aliás, em período que assinalava a penetração também do território atualmente mato-grossense” (DIEGUES JR, 1960, p.274).

Além das riquezas naturais, outros fatores contribuíram para a projeção desta região no cenário nacional, como a fronteira com outros países americanos, o Paraguai e a Bolívia. A significativa produção agrícola e agropecuária, além dos diferentes fluxos migratórios inter-regionais, também marcaram a história dos três estados que compõe esta região.

Assim como o que ocorreu nas capitanias de Pernambuco e de São Paulo, a região central do Brasil também deve muito de sua ocupação às Bandeiras paulistas que, como dito anteriormente, tinham como objetivo adentrar o interior do Brasil a fim de povoar o centro do país e procurar metais preciosos e mão-de-obra indígena. Dessa forma, os estados de Mato Grosso[15] e Goiás receberam inúmeros grupos de exploradores a partir do século XVI. A mineração abriu o processo de povoação nesta região, porém, foi um período rápido que logo chegou à decadência, levando as pessoas a procurarem outras atividades, como a extração da erva-mate, a agricultura e a pecuária, que são atividades de grande importância até hoje para o local.

Ainda hoje, observa-se a influência cultural das correntes de origem espanhola nas regiões de fronteira, sobretudo dos paraguaios e dos bolivianos. É uma região que passou por grandes transformações, principalmente após a construção da nova capital do país, Brasília.

Recebeu influência dos japoneses, sobretudo em área do estado de Mato Grosso, modificando, por exemplo, seus hábitos alimentares, principalmente com o uso de verduras e legumes, pois os japoneses vinham de uma tradição de lavoura. Ainda hoje, por exemplo, encontra-se em Campo Grande, capital do estrado de Mato Grosso do Sul, um grande número de descendentes de japoneses trabalhando, principalmente, com produtos hortifrutigranjeiros, seja na sua produção ou na comercialização, nas feiras livres, no mercado municipal ou outros estabelecimentos.

A seguir, apresentam-se informações gerais sobre os três estados que compõem a região central do Brasil e, de modo particular, cada localidade que integra a rede de pontos do Projeto ALiB nessa região.

Quadro 1 - Rede de pontos do Projeto ALiB na região Centro-Oeste

Rede de pontos da pesquisa

[15] Atualmente, corresponde ao Mato Grosso e ao Mato Grosso do Sul, como a seguir se abordará.

Nº	Nome da localidade	População
Mato Grosso- MT		
103	Aripuanã	18.656
104	São Félix do Araguaia	10.625
105	Diamantino	20.341
106	Poxoréu	17.599
107	Vila Bela da Santíssima Trindade	14.493
109	Barra do Garças	56.560
110	Cáceres	87.942
111	Alto Araguaia	15.644
Mato Grosso do Sul		
112	Coxim	32.159
113	Corumbá	103.703
114	Paranaíba	40.192
116	Nioaque	14.391
117	Ponta Porã	77.872
Goiás – GO		
118	Porangatu	42.355
119	São Domingos	11.272
120	Aruanã	7.496
121	Formosa	100.085
122	Goiás	24.727
124	Jataí	88.006
125	Catalão	86.647
126	Quirinópolis	43.220

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do site do Projeto ALiB (https://alib.ufba.br/content/rede– de–pontos) acesso em: 05 out 2017 e do IBGE (2010).

A partir da leitura do quadro 1, observa-se que entre as localidades do interior do Mato Grosso analisadas, a que possui menor população é São Felix do Araguaia, enquanto que a mais populosa é Cáceres. A maioria dos pontos deste estado são considerados municípios de pequeno porte, pois têm entre 10 a 20 mil habitantes. Entre os municípios de Mato Grosso do

Sul, Nioaque é a cidade com menor população, com número inferior a 15 mil habitantes, enquanto Corumbá e Ponta Porã são as duas mais populosas dentre as localidades do interior que integram os pontos do projeto ALiB, com 103.703 e 77.872, respectivamente. Considerando a rede de pontos de Goiás, depreende-se que o município de Aruanã é a cidade com menor população, com 7.496 habitantes, contrastando com a cidade de Formosa que é a segunda mais populosa depois da capital Goiânia. Vale lembrar que nossa pesquisa se restringe apenas ao interior da região Centro-Oeste, ou seja, desconsidera-se as capitais. Outras localidades possuem um número médio de habitantes como é o caso das cidades de Catalão e Jataí, com mais de 80 mil moradores.

A seguir, tem-se a rede de pontos da Região Centro-Oeste além do panorama dos três estados que a integram e, por conseguinte, dos municípios que compõem a Rede de Pontos do Projeto ALiB em cada estado.

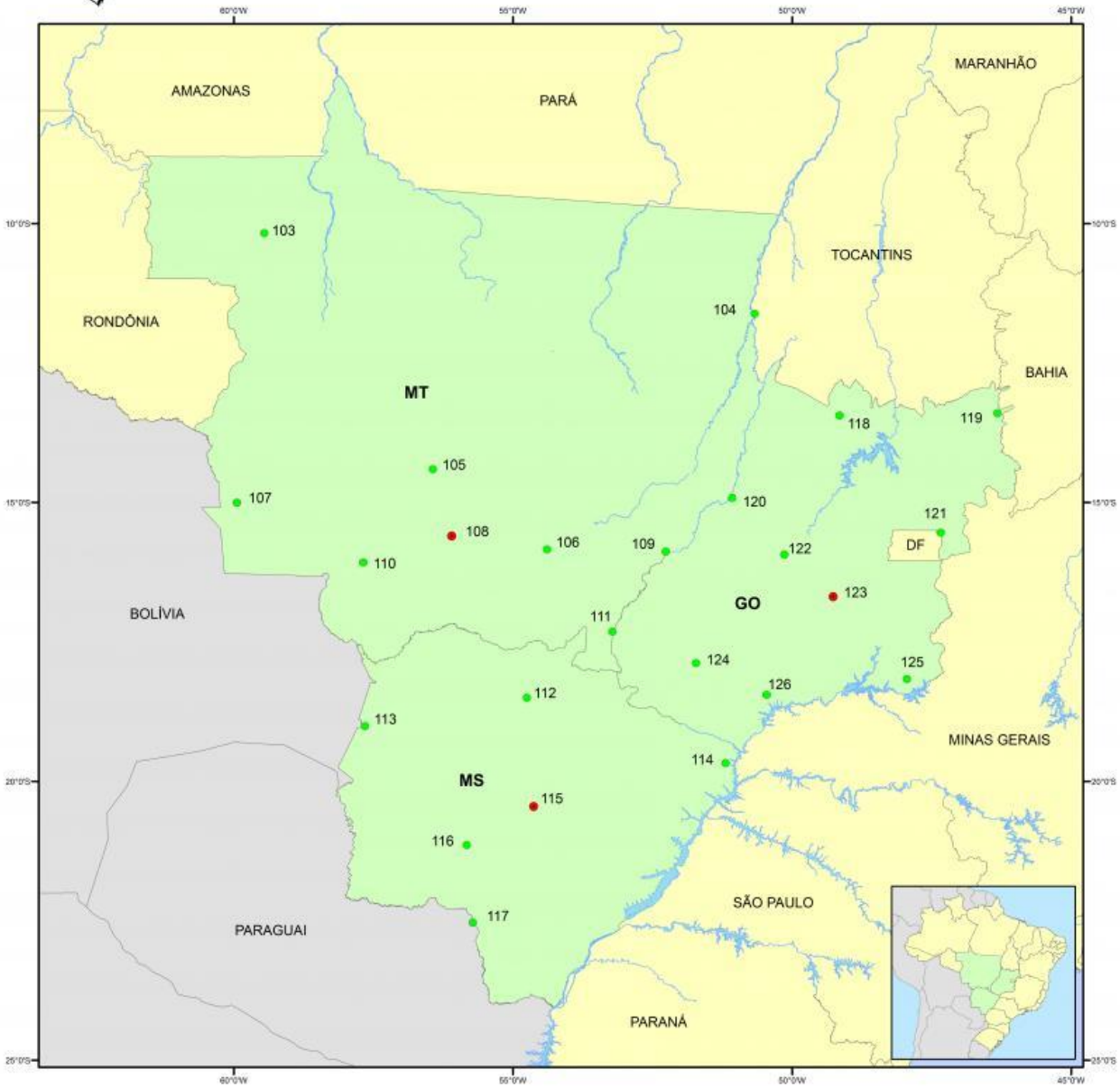
Figura 3 - Carta X do Atlas Linguístico do Brasil- ALib – Rede de Pontos da Região Centro-Oeste

ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL - ALiB

CARTA X

BRASIL

Rede de Pontos
Região Centro-Oeste



MATO GROSSO - MT
103-Aripuanã
104-São Félix do Araguaia
105-Diamantino
106-Poxoréo
107-Vila Bela da Santíssima Trindade
108-Cuiabá
109-Barra do Garças
110-Cáceres
111-Alto Araguaia

MATO GROSSO DO SUL - MS
112-Coxim
113-Corumbá
114-Paranaíba
115-Campo Grande
116-Nioaque
117-Ponta Porã

GOIÁS - GO
118-Porangatu
119-São Domingos
120-Aruanã
121-Formosa
122-Goiás
123-Goiânia
124-Jataí
125-Catalão
126-Quirinópolis

● Cidade
● Capital

120 60 0 120 240 360 Km

Base: base cartográfica integrada digital do Brasil ao milionésimo - bCIMd - IBGE, 2006
Tema: Banco de dados do Atlas Linguístico do Brasil
Planejamento Cartográfico, Edição da Base e Composição Temática:
Ana Regina Torres Ferreira Teles
BRASIL - 2014

2.3.1 Mato Grosso

Em suma, a formação das cidades na província de Mato Grosso deu-se a dois principais incentivos: o encontro de ouro e a defesa territorial. No sul do estado, onde mais tarde seria o estado de Mato Grosso do Sul, não havia incidência de jazidas auríferas, por isso a ocupação foi concebida em função dos interesses estratégico-militares.

Portanto, o início do povoamento de Mato Grosso está intimamente ligado com a descoberta de ouro na região.

Pascoal Moreira Cabral tinha como objetivo, primeiramente, aprisionar indígenas, mas a descoberta aurífera no local mudou os planos da Bandeira de Pascoal que decidiu investir na exploração da área. Assim, um grande número de pessoas deslocou-se para as áreas das minas.

O Arraial de Cuiabá, fundado em 1719, chegou a ser uma das cidades mais populosas da época, entretanto, com o declínio da produção de ouro, no início do século XIX, a economia local foi afetada e muitos moradores retiraram-se do local.

A cidade de Aripuanã[16] teve seu início de povoamento no final do século XIX, com forte influência dos estados do Amazonas e Pará, em virtude do intercâmbio comercial. Assim, Manaus sempre manteve uma forte relação com esta cidade. A grande maioria dos habitantes de Aripuanã eram seringueiros na época e ainda hoje essa atividade extrativista se mantém na localidade, entretanto, outras atividades econômicas como a indústria madeireira, agropecuária e o turismo também se desenvolveram.

São Félix do Araguaia[17] também faz parte da rede de pontos do ALiB no Centro-Oeste, em Mato Grosso. Sua colonização teve início na década de 40 do século XX, no período do projeto Marcha para Oeste[18], do então presidente Getúlio Vargas. A região é até hoje habitada pelos indígenas da etnia Xavante. Alguns criadores de gados, por volta de 1944, se instalaram na localidade e a eles se seguiram empresas colonizadoras de São Paulo, Paraná entre outros estados.

---

[16] Disponível em: < www.camaraaripuanamt.com.br/o-munic%C3%ADpio/historia>. Acesso em: 15 out 2017.

[17] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/sao-felix-do-araguaia/historico>. Acesso em: 15 out 2017.

[18] No período da Segunda Guerra, voltou a ser defendida a mudança da capital do país para o interior. De acordo com Villas Bôas (2012), “a mudança expressava a exigência natural de uma sociedade em franca explosão demográfica”. A Marcha para o Oeste foi, portanto, um movimento liderado pelo governo para que a interiorização do país se tornasse realidade, visto que, na época, a maioria dos habitantes viviam na faixa litorânea.

A cidade de Diamantino[19], por sua vez, foi fundada em 1728 e teve sua origem ligada à exploração de ouro. Assim, a mineração foi a grande responsável pelo povoamento da cidade. Atualmente, suas principais atividades são a agricultura, pecuária, suinocultura e turismo.

Poxoréu[20], outra localidade que faz parte da rede pontos do ALiB, também teve sua origem ligada ao garimpo, visto que no final do século XIX muitas pessoas adentravam a região em busca de diamantes.

A coroa portuguesa, após descobrir riquezas minerais na região do rio Guaporé, decidiu povoar a região que viria a ser Vila Bela da Santíssima Trindade[21]. Para tanto, em 1748, criou a capitania de Mato Grosso. Esta cidade tem significativa importância histórica, pois foi a primeira capital do Mato Grosso. Porém, de acordo com Carvalho (2015):

> Apesar de todo esforço do governo, no sentido de povoar a área, essa não foi uma tarefa fácil, já que a localização geográfica do município, a existência de doenças, a falta de rotas comerciais fizeram com que, em 1835, a capital fosse transferida para a cidade de Cuiabá. Com essa mudança, o cenário de Vila Bela sofreu alterações: os moradores abandonaram suas casas e apenas os escravos lá permaneceram, formando, assim, com o passar do tempo, uma comunidade negra bem solidificada que permanece fiel à suas tradições até o dia de hoje. (CARVALHO, 2015, p. 48)

Barra do Garças[22], outra localidade que faz parte da rede pontos do ALiB em Mato Grosso, surgiu às margens do rio Araguaia. Com o desenvolvimento da navegação no rio, presídios foram criados com o intuito de servirem como ponto de registros. Em 1897, Antônio Cândido de Carvalho encontrou diamantes no rio das Garças, o que atraiu grandes levas de garimpeiros para a região e fez com que a economia regional ficasse dividida entre a atividade de garimpo e a extração de látex que era também uma atividade desenvolvida na área.

Em 1778, foi fundada a vila de São Luís de Cáceres, hoje Cáceres[23]. O surgimento do povoado foi motivado pela necessidade de defesa territorial, em especial a fronteira sudoeste do Estado de Mato Grosso. Seu progresso era centrado na prática extrativista, sobretudo da borracha. Atualmente, a pecuária é a principal atividade econômica do município, além da pesca.

A última cidade que faz parte da rede de pontos do Projeto ALiB no Estado de Mato

---

[19] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/diamantino/historico>. Acesso em: 15 out 2017.
[20] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/poxoreu/historico>. Acesso em: 15 out 2017.
[21] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/vila-bela-da-santissima-trindade/historico>. Acesso em: 15 out 2017.
[22] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/barra-do-garcas/historico>. Acesso em 15 out 2017.
[23] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/caceres/historico>. Acesso em: 15 out 2017.

Grosso é Alto Araguaia[24], cujo território foi palco de muitos conflitos entre os garimpeiros e os caudilhos[25]. Inicialmente, chamava-se Santa Rita do Araguaya, denominação em referência à santa de devoção e ao rio Araguaia, que margeia a sede municipal e serve de marco divisório com o Estado de Goiás.

Em suma, algumas cidades que fazem parte da rede de pontos do ALiB no Estado de Mato Grosso, tiveram sua fundação relacionada à exploração do ouro. Outra atividade econômica que influenciou o surgimento de cidades como Aripuanã, Barra do Garças e Cáceres, foi a exploração do látex. Já São Felix do Araguaia teve como atividade principal a criação de gado.

2.3.2 Mato Grosso do Sul

O Estado de Mato Grosso do Sul faz divisa com cinco estados brasileiros: Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, assim como com os países Paraguai e Bolívia. Como dito anteriormente, a formação das cidades na província de Mato Grosso deu-se a dois principais incentivos: o encontro de ouro e a defesa territorial. No sul do estado, que compreende hoje ao estado de Mato Grosso do Sul, não havia incidência de jazidas auríferas, portanto a ocupação foi concebida em função dos interesses estratégico-militares.

A cidade de Coxim[26], por sua vez, teve como primeiros habitantes os índios caiapós. No final do século XVIII, desbravadores de São Paulo começaram a se fixar na região. Carvalho (2015) afirma que "com a descoberta de ouro em Cuiabá, a região tornou-se um ponto de ligação até essas minas, uma vez que as bacias fluviais do Paraná e do Paraguai foram elos importantes nesse processo. "

Corumbá[27] foi um importante centro econômico de Mato Grosso, em virtude de sua posição geográfica privilegiada. Até então, as mercadorias vinham para o estado diretamente da Europa, Rio de Janeiro, São Paulo, Montevidéu ou Buenos Aires, em embarcações e, ao chegarem ao porto mato-grossense, em Corumbá, eram destinadas ao varejo.

Já a área que hoje abriga o município de Paranaíba[28], assim como Coxim, também era

---

[24] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/alto-araguaia/historico>. Acesso em: 15 out 2017.
[25] Chefes militares vinculados a forças políticas locais ou regionais. Dicionário online Caldas Aulete. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/caudilho>. Acesso em: 15 out 2017.
[26] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/coxim/historico>. Acesso em: 16 out 2017.
[27] Disponível em: CUNHA, Francisco Antônio Maia. Campo Grande- 100 anos de construção. Campo Grande: Matriz Editora, 1999.
[28] Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/paranaiba/historico>. Acesso em: 16 out 2017

habitada por índios caiapós e foi, aos poucos, sendo desbravada pelos bandeirantes paulistas. Paranaíba teve uma participação muito importante no período da Guerra do Paraguai, pois era rota de apoio logístico e de fuga dos civis envolvidos no conflito.

Nioaque[29] foi explorada, inicialmente, pelos espanhóis procedentes do Paraguai. Em 1840, vindo de Cuiabá, João Gomes, adiantou-se até a confluência dos Rios Miranda e Nioaque, onde se radicou. Em 1847, Joaquim Francisco Lopes iniciou uma expedição com a finalidade de descobrir uma rota fluvial que ligasse o Estado do Paraná ao Sul de Mato Grosso, chegando até a região onde já se encontrava radicado João Gomes. Assim foi fundada a povoação de Nioaque.

Ponta Porã[30] também é uma das localidades que integra a rede de pontos do ALiB em Mato Grosso do Sul. Nessa cidade, por situar-se em área de fronteira, foi instalada uma colônia militar com o objetivo de proteger a região. Segundo Carvalho (2015):

> Com o decorrer do tempo, políticos que haviam emigrado do Rio Grande do Sul para a Argentina e que estavam sendo perseguidos em decorrência da Revolução Farroupilha (1835 - 1845) penetraram, via Paraguai, o território mato-grossense e se fixaram na região de Ponta Porã. (CARVALHO, 2015, p. 58)

Porquanto, assim como o estado de Mato Grosso e de Goiás, que se abordará adiante, o estado de Mato Grosso do Sul concentra rica diversidade cultural, social e econômica em decorrência da sua formação. Cada povo, ao seu modo, contribuiu para a mescla cultural da Região Centro-Oeste. Logo, a migração está presente na gênese de todos os estados da região central, assim como de outras regiões brasileiras. A região recebeu e ainda recebe pessoas de todas as partes do país e do mundo, que a ela se integram, na construção de seu desenvolvimento e identidade cultural, por conseguinte, refletindo na variedade linguística causada pelo intenso contato entre línguas e culturas diferentes.

2.3.3 Goiás

Esclarece Carvalho (2015) que, haja vista a presença de ouro e outros metais preciosos em Minas Gerais e Mato Grosso, muitas pessoas foram atraídas para a região que ficava entre esses dois estados, a região de Goiás.

Assim, a partir de 1672, a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, iniciou o processo de desbravamento da região, pois "é com essa bandeira que se inicia a história de Goiás; com

[29] Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/nioaque/historico. Acesso em: 16 out 2017.
[30] Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/ponta-pora/historico. Acesso em: 16 out 2017.

ela é que se abre a Estrada de Anhanguera, ligando São Francisco a Goiás, o caminho que se tornou de ligação entre os dois pontos: São Paulo e Goiás" (DIEGUES JUNIOR, 1960, p.77-78).

Até 1749, Goiás pertencia à Capitania de São Paulo, porém, em virtude de sua importância para a economia à Coroa Portuguesa, o Arraial de Sant'Anna, como era conhecida a região na época, foi elevado à natureza de vila ganhando o nome de vila Boa de Goiás.

O ápice da mineração na região foi entre 1750 a 1770, nessa época aumentou o fluxo de migração e Goiás passou a receber pessoas de diferentes etnias: brancos, índios, negros e mestiços vindos de diferentes lugares do país. Assim, quando a mineração entrou em decadência, muitos povoados, por conseguinte, foram abandonados.

A partir de 1860, com a decadência da mineração, novas atividades passaram a ser praticadas no lugar. A partir disso, desenvolveram-se as atividades de agricultura e pecuária que aos poucos foram ganhando espaço e tornaram-se atividades permanentes no local até hoje. Segundo Diegues Júnior (1960):

> [...] pecuária, mineração, garimpagem, extração de erva-mate, extração de poaia foram as principais atividades que, a partir da decadência das minas, marcaram as ocupações do homem no Centro-Oeste. Também trabalhos de lavoura, agricultura em florescimento, principalmente em Goiás se verificaram, e se desenvolveram, nos quadros das atividades regionais. (DIEGUES JR, 1960, p.287)

Mas estas atividades só se consolidaram graças a vinda dos pecuaristas paulistas em busca de melhores terras para a criação de gado e a abertura de estradas que facilitaram o escoamento de produtos e a construção das grandes cidades na região, como é o caso de Goiânia e Brasília, atual capital do país.

Porangatu[31] também teve seu povoamento ligado à descoberta de ouro na região. Além disso, seu progresso se intensificou com a construção da rodovia BR-153 (Belém-Brasília), em 1958, aumentando sua influência.

A cidade de São Domingos[32] está situada no norte do estado de Goiás, fazendo divisa com a Bahia. Dessa forma, nota-se uma diferença no comportamento linguístico de sua população em relação as demais das outras regiões do estado. O município passou por um processo de ocupação diferente do ocorrido em outras partes de Goiás, pois acredita-se que a

[31] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/porangatu/historico>. Acesso em: 16 out 2017.
[32] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/sao-domingos/historico>. Acesso em: 16 out 2017.

região foi ocupada, primeiramente, por criadores de gado, que chegaram ao local em busca de animais que fugiam dos currais localizados em fazendas próximas ao Rio São Francisco. Os jesuítas também tiveram sua participação na fundação da cidade, pois foram eles que criaram no povoado a primeira escola.

Aruanã[33] iniciou sua história a partir de 1849, quando uma lei do império mandou criar o presídio Leopoldina próximo à aldeia Karajá. Localizado próximo a um porto, o presídio foi destruído pelos Karajá e reconstruído três anos depois, formando-se ali um povoado. Com a criação da Comarca do Araguaia em 1875, o povoado logo evoluiu para distrito. Em 1958, foi concedida a emancipação política do distrito, passando a chamar-se Aruanã, nome de um peixe abundante na região. Aruanã é também o nome de uma dança sagrada dos Karajá.

A cidade de Formosa[34] foi criada na segunda metade do século XVII com o nome de Arraial de Couros e é um desdobramento do atual município de Luziânia, que também era considerado Arraial nesse período. Segundo Carvalho (2015):

> As primeiras moradias foram construídas por negros fugitivos de uma epidemia de febre amarela que estava dizimando os moradores do Arraial de Santo Antônio. Um importante marco histórico para o município foi a instalação na localidade da Estação Fiscal de Registro da Lagoa Feia, no ano de 1736, uma iniciativa do rei de Portugal que temia pelo não recebimento dos tributos referente ao ouro encontrado na região. (CARVALHO, 2015, p. 54)

A cidade de Goiás[35] foi fundada pelo bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva Filho. Na região ele descobriu o aldeamento dos índios guaiases e fundou vários distritos, os Arraias da Barra, Ouro Fino, Ferreira e Santana. Deste último, originou-se a cidade Santana de Goiás. De acordo com Carvalho (2015, p. 54), "no período de 1744 a 1937, Santana foi sede administrativa da capitania e do Estado de Goiás, até a sede ser transferida para Goiânia em 1937". Em 1818, o município teve seu nome simplificado apenas para Goiás.

Em 1937, o então Presidente da República Getúlio Vargas, com o já referido projeto Marcha para o Oeste, transferiu a capital do Estado de Goiás para Goiânia. O principal objetivo era incentivar a migração das pessoas para o centro país.

Já a fundação da cidade de Jataí[36] deu-se com a formação da fazenda Ariranha, no Sudoeste goiano. Carvalho (2015, p.55) salienta que "atualmente a cidade situada no sudoeste

[33] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/aruana/historico>. Acesso em: 16 out 2017.
[34] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/formosa/historico>. Acesso em: 16 out 2017.
[35] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/goias/historico>. Acesso em: 16 out 2017.
[36] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/jatai/historico>. Acesso em: 16 out 2017.

de Goiás é considerada a capital da produção de grãos e de leite do estado e, também, o maior produtor de milho do Brasil".

A cidade de Catalão[37], por sua vez, tem sua criação associada às andanças de Bartolomeu Bueno da Silva Filho e de seus homens por uma roça na região por volta de 1722 e 1723. Carvalho (2015, p. 55) declara que "atualmente, a agropecuária é uma importante atividade econômica do município de Catalão a par da agricultora, o que faz da localidade uma importante produtora estadual de milho, arroz, mandioca, café, dentre outros produtos. "

Por fim, Quirinópolis[38], que também integra a rede de pontos do Projeto ALiB no Estado de Goiás, surgiu graças à motivação do incentivo fiscal concedido pelo governador Luiz Gonzaga de Camargo Fleury. Dessa forma, muitos fazendeiros de São Paulo e de Minas Gerais deslocaram-se para a região.

Em suma, a maioria das cidades do Estado de Goiás tiveram sua fundação motivada pela exploração do ouro. Entretanto, há os municípios cujo povoamento está ligado a processos de povoamento, como é o caso de Goiânia e Quirinópolis. Ademais, a criação de gado também impulsionou o desenvolvimento de municípios como Jataí e Aruanã.

[37] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/catalao/historico>. Acesso em: 16 out 2017.
[38] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/quirinopolis/historico>. Acesso em: 16 ou 2017.

2.4 Região Sul

A região Sul, que é uma das selecionadas para este estudo, é considerada a menor região em extensão territorial do país. Ela compreende três estados brasileiros, a saber: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. É uma região que abrange uma área de 576.409,6km², onde vivem 27.386.891 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sua densidade demográfica é de aproximadamente 47,5 habitantes por quilômetro quadrado. Com isso, é também a segunda região mais povoada do Brasil.

Além das riquezas naturais, há outros fatores que contribuem para a projeção desta região no cenário nacional, como a fronteira com outros países americanos e o Oceano Atlântico. Ademais, esta é a segunda região mais rica do país. Sua economia está apoiada no setor agropecuário e industrial.

Nesse âmbito, Diegues Júnior (1980) declara que a Região Sul:

> Teve sua formação originada da expansão de correntes paulistas, nordestinas e fluminenses e de ilhéus, estes vindos no século XVIII; a pecuária se tornou a sua principal atividade econômica, ainda hoje persistente apesar de se diversificar a vida regional. A influência cultural vizinha da Argentina e do Uruguai dá a essa região aspectos peculiares, inclusive na linguagem bastante enriquecida de espanholismos. (DIEGUES JR, 1980, p. 40)

Assim como nas demais regiões do Brasil, os índios foram os primeiros habitantes do território que atualmente corresponde à região Sul. Seguiram-se a eles, no século XVI, os espanhóis e portugueses com as missões jesuíticas, os bandeirantes paulistas, além dos negros para o trabalho escravo. Como declara Darcy Ribeiro (1995):

> O Brasil sulino surge à civilização pela mão dos jesuítas espanhóis, que fazem florescer no atual território gaúcho de missões a principal expressão de sua república cristã-guaranítica. É certo que eles visavam objetivos próprios, claramente alternativos à civilização portuguesa e à espanhola. Mas, atuando a seu pesar como agentes da civilização, por êxito e por seu malogro, contribuíram para que aquelas alternativas se consolidassem. (RIBEIRO, 1995, p. 409)

Os fluxos migratórios para o Sul se intensificaram no fim do século XIX com o incentivo do governo português para a ocupação e desenvolvimento econômico da região, através de doação de terrenos para estrangeiros produzirem suas culturas. Dessa forma, a

região Sul foi massivamente colonizada por europeus que contribuíram para o desenvolvimento da economia baseada na pequena e média propriedade rural de policultura (cultivo de vários produtos agrícolas).

Inicialmente, o Extremo Sul do país recebeu imigrantes alemães e italianos, e depois poloneses, russos e árabes. Por conseguinte, como salienta Diegues Jr (1980, p. 41), é uma região que "marca-se pelas características culturais não portuguesas, ou não-luso-brasileiras, mas europeias, ou seja, mais particularmente alemãs e italianas."

Em Santa Catarina, açorianos colonizaram o litoral; alemães, a região norte; e italianos, o planalto e a porção oeste. No Paraná, houve fluxos migratórios de italianos, alemães e japoneses; mais recentemente, paraguaios na fronteira oeste. Já no contexto nacional, os paulistas e mato-grossenses migraram em grande número para os estados sulistas, principalmente para as lavouras do norte do Paraná. Em resumo, "a característica básica do Brasil sulino, em comparação com as outras áreas culturais brasileiras, é sua heterogeneidade cultural". (RIBEIRO, 1995, p. 408)

A seguir, por meio do quadro 2, apresentam-se informações gerais sobre os três estados que compõem a região Sul do Brasil e, de modo particular, cada localidade que integra a rede de pontos do Projeto ALiB nessa região.

Quadro 2 - Rede de pontos do Projeto ALiB na região Sul

Rede de pontos da pesquisa		
Nº	**Nome da localidade**	**População**
Paraná –PR		
207	Nova Londrina	13.067
208	Londrina	506.701
209	Terra Boa	15.776
210	Umuarama	100.676
211	Tomazina	8.791
212	Campo Mourão	87.194
213	Cândido de Abreu	16.655

214	Piraí do Sul	23.424
215	Toledo	119.313
216	Adrianópolis	6.376
217	São Miguel do Iguaçu	25.769
218	Imbituva	28.455
219	Guarapuava	167.328
221	Morretes	15.718
222	Lapa	44.932
223	Barracão	9.735
Santa Catarina – SC		
224	Porto União	33.493
225	São Francisco do Sul	42.520
226	São Miguel do Oeste	36.306
227	Blumenau	309.011
228	Itajaí	183.373
229	Concórdia	68.621
231	Lages	157.727
232	Tubarão	97.235
233	Criciúma	192.308
Rio Grande do Sul – RS		
234	Três Passos	23.965
235	Erechim	96.087
236	Passo Fundo	184.826
237	Vacaria	62.342
238	Ijuí	78.915
239	São Borja	61.671
240	Flores da Cunha	27.126
241	Santa Cruz do Sul	118.374
242	Santa Maria	261.031
244	Osório	40.906
245	Uruguaiana	125.435

246	Caçapava do Sul	33.690
247	Santana do Livramento	82.464
248	Bagé	116.794
249	São José do Norte	25.503
250	Chuí	5.917

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do site do Projeto ALiB (<https://alib.ufba.br/content/rede– de–pontos>) acesso em: 05 out 2017 e do IBGE (2010)

A partir desse quadro depreende-se que que Adrianópolis é a cidade com menor população, no estado do Paraná, com 6.376 habitantes, contrastando com a cidade de

Londrina que é a segunda mais populosa depois da capital Curitiba. Vale lembrar que esta pesquisa se restringe apenas ao interior das regiões, ou seja, desconsidera-se as capitais. Outras localidades possuem um número médio de habitantes como é o caso das cidades de Umuarama, Toledo e Guarapuava, com mais de 100 mil habitantes. Considerando os municípios do Estado Santa Catarina, observa-se que Porto União é a cidade com menor população entre as cidades que integram a rede pontos do projeto ALiB neste estado, com 33.493 habitantes, contrastando com a cidade de Blumenau, com 309.011 habitantes. Outras localidades possuem um número médio de habitantes como é o caso das cidades de Itajaí, Lages e Criciúma, com mais de 150 mil habitantes. Já de acordo com a Rede de Pontos no Estado do Rio Grande do Sul, o município de Chuí é a cidade com menor população entre as cidades, com apenas 5.917 habitantes, contrastando com a cidade de Santa Maria, com 261.031 habitantes. Outras localidades possuem um número médio de habitantes como é o caso das cidades de Passo Fundo, Santa Cruz do Sul, Uruguaiana e Bagé, que têm mais de 100 mil habitantes.

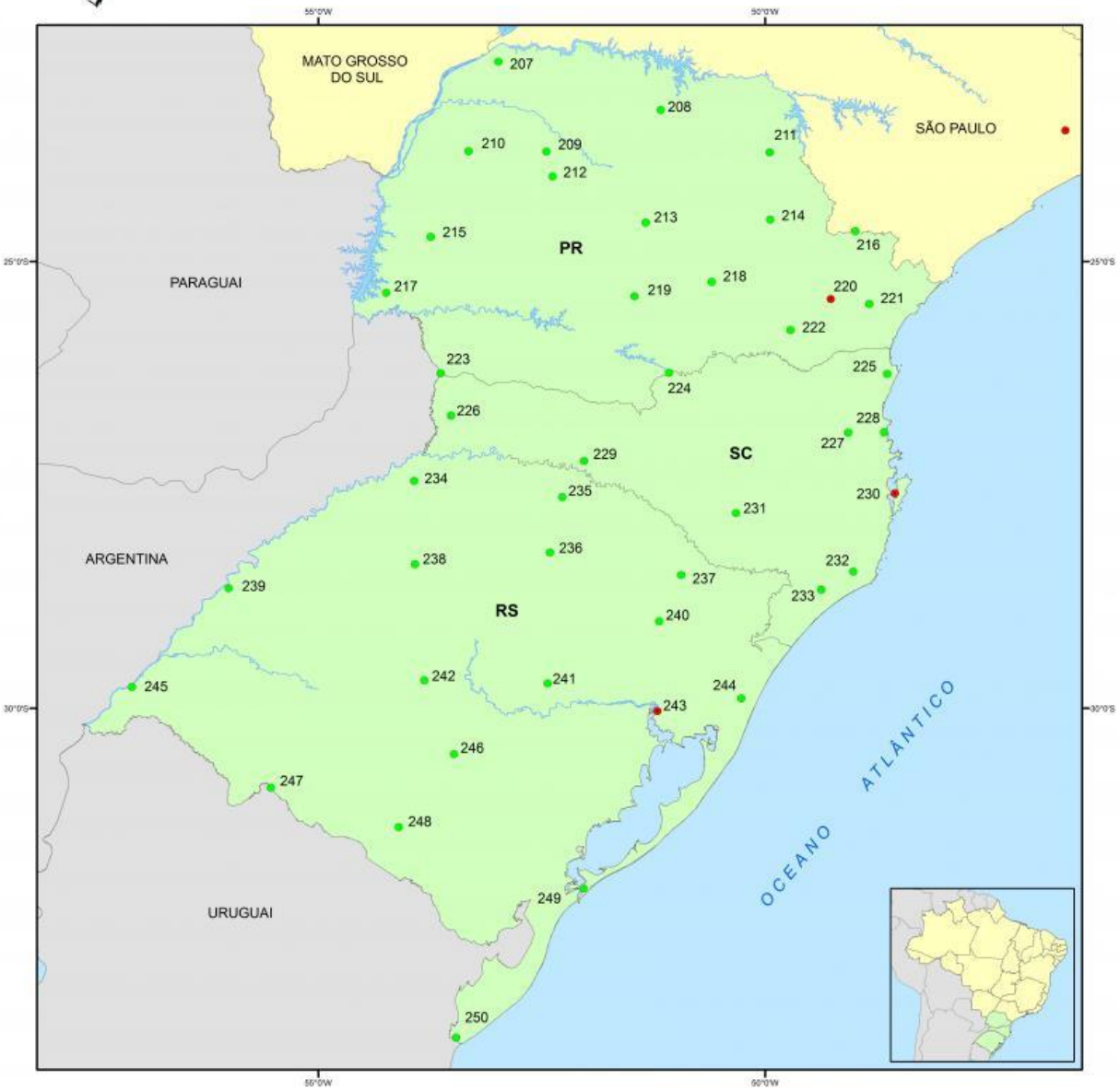
A seguir, tem-se a rede de pontos da Região Sul, além do panorama dos três estados que a integram.

Figura 3 - Carta IX do Atlas Linguístico do Brasil- ALiB – Rede de Pontos da Região Sul

ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL - ALiB

CARTA IX

BRASIL
Rede de Pontos
Região Sul



PARANÁ - PR
207-Nova Londrina
208-Londrina
209-Terra Boa
210-Umuarama
211-Tomazina
212-Campo Mourão
213-Cândido de Abreu
214-Piraí do Sul
215-Toledo
216-Adrianópolis
217-São Miguel do Iguaçu
218-Imbituva
219-Guarapuava
220-Curitiba
221-Morretes
222-Lapa
223-Barracão

SANTA CATARINA - SC
224-Porto União
225-São Francisco do Sul
226-São Miguel do Oeste
227-Blumenau
228-Itajaí
229-Concórdia
230-Florianópolis
231-Lages
232-Tubarão
233-Criciúma

RIO GRANDE DO SUL - RS
234-Três Passos
235-Erechim
236-Passo Fundo
237-Vacaria
238-Ijuí
239-São Borja
240-Flores da Cunha
241-Santa Cruz do Sul
242-Santa Maria
243-Porto Alegre
244-Osório
245-Uruguaiana
246-Caçapava do Sul
247-Santana do Livramento
248-Bagé
249-São José do Norte
250-Chuí

● Cidade
● Capital

75 37,5 0 75 150 225 Km

Base: base cartográfica integrada digital do Brasil ao milionésimo - bCIMd - IBGE, 2006
Tema: Banco de dados do Atlas Linguístico do Brasil
Planejamento Cartográfico, Edição da Base e Composição Temática:
Ana Regina Torres Ferreira Telles
BRASIL - 2014

2.4.1 Paraná

O Paraná é um estado que faz fronteira com o Mato Grosso do Sul, a noroeste; São Paulo, ao norte; Santa Catarina, ao sul; Oceano Atlântico, a leste; além da Argentina, a sudoeste e do Paraguai, a oeste, sendo o único da região sul que faz fronteira com outra região do Brasil. Possui uma área de 199.307,945 km².

A região que hoje corresponde ao estado do Paraná era dividido, desde o século XVI, pelo Tratado de Tordesilhas. Pertencia à capitania de São Vicente sob domínio da Coroa Espanhola, sendo assim, palco de disputas entre Espanha e Portugal que lutavam por sua ocupação. A coroa espanhola, para assegurar o seu domínio, partiu da Ilha de Santa Catarina para tomar posse do território e criou várias cidades e povoados. Em 1554, foi criada a primeira povoação no Paraná, a vila de Ontíveros. Essa povoação, anos depois, juntou-se com a Vila Rica do Espírito Santo, dando origem a província de Vera ou do Guairá, atual estado do Paraná.

A partir do século XVII, os habitantes do estado do Paraná deixaram suas terras a procura de ouro. Esse fato deixou pessoas em situações de muita pobreza, pois como o oura era pouco, não durou muito. No século XVIII, surgiram as terras dedicadas para criação e comércio do gado.

Já no século XIX, surgiram as atividades de extrativismo e exportação de madeira e erva-mate. Ainda nesse século, a região recebeu imigrantes europeus oriundos de países como Polônia, Itália e Alemanha, que vieram para o estado a fim de trabalhar com agricultura de abastecimento em colônias agrícolas. Além disso, muitos europeus buscavam nessa região madeiras para vender. Já os portugueses só passaram a frequentar a região paranaense após a descoberta de ouro e posteriormente o início da criação de bovinos. Paraná deve muito o seu crescimento à agricultura, com a produção de café[39], além do surgimento de indústrias.

A cidade de Nova Londrina[40] começou às margens do Rio Paraná, nas proximidades do Porto São José. São considerados seu primeiros colonizadores José Volpato e seus irmãos, que abriram as primeiras picadas na mata virgem, colocando o

[39] A ocupação humana irradiou do Rio de Janeiro pelo vale do Paraíba, alcançando Minas Gerais e São Paulo, daí se alastrando por terra do Paraná, devido à expansão dos cafezais, no século XIX. (DIEGUES JR, 1980, p.41-42)
[40] Disponível em:<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/nova-londrina/historico>. Acesso em: 03 jan 2018.

lugar em contato com os centros civilizados do Norte Paranaense.

Já Londrina[41], surgiu em 1929 como primeiro posto de um avançado projeto inglês. A saber, entre 1904 e 1908, a faixa entre Cambará e o Rio Tibagi, no estado do Paraná, era tomada por lotes rurais e urbanos, enquanto que as terras de domínio estadual, localizadas a Oeste do Rio Tibagi, encontravam-se inexploradas. Dessa forma, em 1922, após frustrante expectativa de ocupação da área, o governo estadual começou a ceder terras a empresas privadas de colonização, o que deu grande impulso ao processo desenvolvimentista na região norte do Paraná. Naquele ano chegou à região a Missão Montagu, chefiada por Lord Lovat, técnico em agricultura e reflorestamento, que ficou impressionado com o solo norte-paranaense e acabou adquirindo dois terrenos para instalar fazendas e máquinas de beneficiamento de algodão. O empreendimento fracassou, transformando assim suas propriedades em projetos imobiliários. Já de início, a Companhia concedeu todos os títulos de propriedade da terra. Desta forma, os ingleses promoveram uma verdadeira reforma agrária, sem intervenção do Estado, oferecendo aos trabalhadores sem posses a oportunidade de adquirirem os pequenos lotes, originando a cidade de Londrina.

O município de Terra Boa[42] está localizado no Noroeste do Paraná. Seus primeiros moradores foram atraídos pela possibilidade de plantação da cultura do café, entre 1951 e as décadas de 60 e 70, época que a cidade teve seu maior pico populacional. Porém, devido as geadas, novas culturas começaram a ser cultivadas na região, especialmente o soja e trigo. Por serem culturas mecanizadas, utilizando-se de pouca mão de obra, acabaram por gerar desemprego e significativo êxodo.

A colonização do atual município de Umuarama[43] foi realizada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Foi Rubens Mendes Mesquita que abriu e administrou a nova frente de colonização. O plano diretor foi desenvolvido pelo engenheiro Wladimir Babkov. Após trabalhos demarcatórios, começaram as vendas de lotes urbanos e rurais, então, em pouco tempo, inúmeras famílias foram se estabelecendo na cidade.

[41] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/londrina/historico>. Acesso em: 03 jan. 2018.
[42] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/terra-boa/historico>. Acesso em: 03 jan. 2018.
[43] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/umuarama/historico>. Acesso em: 03 de jan 2018.

As terras que hoje compreendem o município de Tomazina[44] foram compradas pelo Major Tomaz Pereira da Silva. Acompanhado de parentes, amigos, agregados e escravos, vindos de Minas Gerais, chegou à região fundando ali um povoado. O topônimo constitui uma homenagem ao fundador.

O nome Campo Mourão[45] também é uma homenagem ao governador da capitania de São Paulo, D. Luiz Antônio de Souza botelho Mourão, mais conhecido como Morgado de Mateus. Em seu governo, seu irmão Afonso Botelho de São Payo e Souza, governador da Capitania de Paranaguá, determinou a organização de uma expedição para explorar os sertões de Tibagi.

O povoamento das terras que hoje compreende o Município de Piraí do Sul[46], até o século XVII, era habitada pelos índios caingangues. Ainda neste século, a região passou a ser desbravada por europeus que iniciaram o processo de povoamento em um terreno de propriedade do Padre Lucas Rodrigues França, filho do capitão-governador João Rodrigues França e fundador de arraiais de mineração. A fazenda de propriedade do Padre se localizava no vale do Rio Piraí.

Com o advento das minas de ouro, ocorreu o aumento do consumo de carne (charque[47]) e couro para a fabricação dos alforjes que armazenavam e transportavam os metais preciosos até à corte portuguesa. Nessa época, o transporte era um problema tanto em Minas Gerais quanto nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, pois faltavam animais de tração. Até então, o transporte de mercadorias e viajantes era feito nas costas dos indígenas e negros. Dessa forma, precisava-se cada vez mais de animais, principalmente mulas, pois eram mais resistentes à carga e às longas distâncias. Assim surgiu o Tropeirismo[48], que levavam as mulas da região Sul até as regiões mineradoras.

Assim, o governo de São Paulo determinou a abertura de uma estrada que permitisse a passagem de tropeiros vindos do Rio Grande do Sul. Por todo este caminho haviam pousos para os tropeiros descansarem, alimentarem suas tropas e, em muitos casos, para os animais parirem. Em determinadas circunstâncias, era necessário esperar que as

---

[44] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/tomazina/historico>. Acesso em: 03 jan 2018.
[45] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/campo-mourao/historico>. Acesso em: 03 jan 2018.
[46] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/pirai-do-sul/historico>. Acesso em: 03 jan 2018.
[47] Carne bovina cortada em mantas, salgada e seca ao sol para melhor conservação.

[48] Nova economia baseada no transporte e comércio desses animais (ROMANO, 2015, p. 40)

águas dos rios baixassem para que as tropas passassem. Esses eventos podiam durar meses. Após estabelecidos os ranchos de pouso, fazendeiros erguiam capelas, instalavam uma pequena venda para suprir as necessidades básicas dos tropeiros e viajantes e logo algumas famílias começavam a se fixarem nesses pontos surgindo, assim, as primitivas cidades (ALGATÃO, 2010).

A cidade de Toledo[49] era um dos recantos de descanso de tropeiros que utilizavam a estrada para o transporte de produtos, especialmente da erva-mate, comercializados por estrangeiros que tinham terras na região oeste do estado do Paraná, onde hoje situa-se Toledo. Acredita-se que seus primeiros colonizadores chegaram em 1946. Suas primeiras famílias eram gaúchas, as quais se incumbiram de recrutar outras famílias gaúchas para incentivar a colonização da cidade.

O município de Adrianópolis[50] se formou a partir da exploração de recursos minerais na região. O português Adriano Seabra da Fonseca, proprietário da Companhia Phumbum S.A, foi quem iniciou essa atividade que ainda hoje é a base econômica do município.

Assim como Toledo, o município de São Miguel do Iguaçu[51] também teve como primeiros colonizadores os sulistas. Em 1948, a Colonizadora Gaúcha Ltda iniciou a execução de projetos para a fundação de uma nova cidade no extremo oeste paranaense. Sendo fundado em 1951, o povoado com a denominação de Gaúcha.

Imbituva[52], inicialmente conhecida como “Cupim”, constituía um dos pontos de descanso dos tropeiros. Em 1871, o bandeirante Antônio Lourenço, natural da capitania de São Paulo, abandonou o comércio de tropas e iniciou a construção de uma vila. Aos primeiros habitantes juntaram-se outros, originando o município de Imbituva.

Assim como a cidade de Campo Mourão, o município de Guarapuava[53] começou seu processo de povoamento por meio da expedição para explorar os sertões de Tibagi, porém foi levado a cabo pela Expedição de Conquista do Povoamento dos Campos de

[49] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/toledo/historico>. Acesso em: 03 jan 2018.
[50] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/adrianopolis/historico>. Acesso em: 03 jan 2018.
[51] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/sao-miguel-do-iguacu/historico>. Acesso em: 03 jan 2018.
[52] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/imbituva/historico>. Acesso em: 03 jan 2018.
[53] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/guarapuava/historico>. Acesso em: 03 jan 2018.

Guarapuava, comandada por Diogo Pinto de Azevedo Portugal, que chegou à região em 1810. Ali, Diogo abrigou tropas, seus familiares e povoadores, originando o município.

A região que atualmente compreende o município de Morretes[54] era território dos índios Carijós. A partir da descoberta de jazidas de ouro na região, mineradores provenientes de São Paulo se instalaram na região. Com a chegada da Estrada de Ferro, Morretes teve seu comércio prejudicado, parando engenhos de erva-mate e afetando, assim, toda a estrutura socioeconômica da região partir de então.

Lapa[55] também foi um dos municípios que compunha o caminho das tropas. Ao longo da estrada foram se estabelecendo vários locais apropriados para a engorda do gado para que as tropas pudessem seguir viagem. Além disso, a presença, na margem ocidental do Rio Iguaçu, do Registro de Curitiba – posto construído para cobrança de direitos sobre a passagem de animais – fazia com que os tropeiros permanecessem mais tempo, criando condições para o início do povoamento.

Dada a exuberância e a fertilidade das terras e a grande quantidade de madeira existente na região que atualmente compreende o município de Barracão[56], colonos vindos dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina estabeleceram-se nesse local dedicando-se à extração de madeira e de erva-mate, e à cultura de cereais, fumo e cana-de-açúcar, iniciando assim seu processo de povoamento

Em suma, a maioria das cidades do Estado do Paraná tiveram sua fundação motivada pelos processos de povoamento instaurados pelos governantes, entretanto, há municípios que se formaram a partir dos pontos de pouso das tropas que se encontravam ao longo da estrada que ligava o estado do Rio Grande do Sul com São Paulo. Ademais, a agricultura, principalmente a cultura do café; a pecuária e a descoberta de jazidas de ouro também impulsionaram o desenvolvimento dos municípios desse estado.

2.4.2 Santa Catarina

Santa Catarina é o menor estado da região Sul do país, com uma área de 95.733,378 km². Possui 295 municípios e divide-se em oito regiões principais que são Litoral, Nordeste, Vale do Itajaí, Planalto Norte, Planalto Serrano, Oeste e Meio-Oeste. Faz

[54] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/morretes/historico>. Acesso em: 03 jan 2018.
[55] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/lapa/historico>. Acesso em: 03 jan 2018.
[56] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/barracao/historico>. Acesso em: 03 jan 2018.

fronteira com o Paraná, ao norte; o Rio Grande do Sul, ao sul; o Oceano Atlântico, a leste e a Argentina, a oeste.

Este estado recebeu muitos imigrantes italianos, principalmente no vale de Tubarão, que se destacaram na agricultura, baseada na pequena propriedade, constituindo colônias que no decorrer dos anos se transformaram em prósperas cidades.

O município de Porto União[57] deve sua origem ao Coronel Amazonas Marcondes, que veio de Palmas, em 1880, para se estabelecer no comércio com a compra e venda de sal. Em 1881, começou a navegação a vapor no Rio Iguaçu, com o transporte de carga e pessoas. Em 1886, começaram a chegar os primeiros colonos de origem europeia, como alemães, poloneses, ucranianos, austríacos e russos. Mas foi em 1917 que criou-se, do lado catarinense, o município de Porto União, como consequência do "Acordo de Limites" entre Paraná e Santa Catarina, que a partir daí se integrou com a parte da cidade que ficou do lado paranaense.

São Francisco do Sul[58] é uma das cidades mais antigas de Santa Catarina, segundo o IBGE (2017), pois foi descoberta logo após o descobrimento do país. Antes dos portugueses, os franceses foram os primeiros a conquistar esse município, mais precisamente, pela Expedição de Binot Paulmier de Gonneville. De acordo com dados do IBGE (2017), "em 1658, Manoel Lourenço de Andrade, acompanhado por casais portugueses e paulistas, chegou a São Francisco, com plenos poderes, concedidos pelo Marquez de Cascaes, para povoar a terra, repartindo-a entre a sua comitiva e os que fossem chegando." Em 1660, obteve autonomia municipal, sendo elevada à categoria de vila e em 1847 foi elevada à categoria de cidade.

Por meio de registros históricos acredita-se que na época do descobrimento do Brasil a região que mais tarde se tornaria município de São Miguel do Oeste[59] já era habitada por índios e que a civilização tenha chegado por volta de 1770, por meio dos jesuítas, que procuravam índios para catequizar. Estima-se que eram de nacionalidade espanhola e não teriam permanecido na região por muito tempo. Aliás, essa região, de acordo com o Tratado de Tordesilhas, era da Espanha, porém, os bandeirantes passaram a

[57] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/porto-uniao/historico>. Acesso em: 04 jan 2018.
[58] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/sao-francisco-do-sul/historico>. Acesso em: 04 jan 2018.
[59] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/sao-miguel-do-oeste/historico>. Acesso em: 04 jan 2018.

descumprir os limites do acordo e ocupá-la, tornando a região pertencente a Portugal, já que, pelo Tratado de Madri, prevalecia o princípio da posse de terras a quem as ocupava. São Miguel do Oeste surgiu, como tantos outros municípios, por meio do desbravamento, principalmente por gaúchos, que eram atraídos pela presença de madeiras de lei. Assim, a região recebia, diariamente, caravanas de colonos procedentes do Rio Grande do Sul, mas não oferecia as mínimas condições para uma vida digna, como estradas, escolas, médicos, remédios e até mesmo comida. Logo, a reivindicação e a conquista da emancipação político-administrativa foi uma necessidade indispensável.

Em 1850, o filósofo alemão Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau obteve do Governo Provincial uma área de terras para fundar uma colônia agrícola, com imigrantes europeus. Dessa forma, Blumenau[60] foi colonizada, inicialmente, por alemães, seguidos de italianos e poloneses, além de habitantes do Vale do Rio Tijucas, descendentes de portugueses. Em poucos anos, a colônia tornou-se um dos maiores empreendimentos colonizadores da América do Sul, criando um importante centro agrícola e industrial influente na economia do país. Em 1880 a colônia foi elevada à categoria de município, porém, uma grande enchente causou sérios prejuízos à população e à administração pública, sendo possível a instalação do município apenas em 1883, e em 1928, passou à categoria de Cidade.

A ocupação portuguesa e a colonização das terras do município de Itajaí[61] deu-se a partir do século XVII, pelo interesse da Coroa lusitana na exploração de possíveis minas de ouro e à disputa da região com a Espanha, já que, pelos limites estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas, essas terras pertenciam a Portugal. Embora recomendações tenham sido feitas ao governo colonial no sentido de se promover a colonização dessas terras, a ocupação deu-se inicialmente pela iniciativa particular de João Dias de Arzão que, com sua família, procurava minas de ouro e outros metais preciosos pelo interior do Brasil. Porém, João Dias de Arzão, não tinha a intenção de criar um povoado, apenas recolher ouro, que no final não teve sucesso. Já no século XVIII, a grande atividade econômica desenvolvida nas terras do Itajaí foi a extração de madeiras, que ocasionou o fluxo de moradores, principalmente açorianos, que foram se fixando por toda a região.

[60] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/blumenau/historico>. Acesso em: 074 jan 2018.
[61] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/itajai/historico>. Acesso em: 04 jan 2018.

O município de Concórdia[62] surgiu após muitos contatos conflituosos entre brancos e indígenas. Estes, fugindo de outras regiões do estado por causa das disputas de terras com os brancos, procuraram formar redutos em regiões distantes. Dessa forma, alguns foram avançando o território argentino e outros, foram sendo aprisionados como escravos ou liquidados. A colonização de Concórdia teve seu início no ano de 1925, com a presença de pequenos agrupamentos indígenas. Mais tarde, em 1912, a Brazil Railway Co. Constituiu uma empresa subsidiária, a Brazil Development and Colonization Company, com o objetivo de promover a colonização dessas terras. Nesta mesma época, chegaram os primeiros imigrantes que fundaram uma pequena vila no local onde já residia o caudilho José Fabrício das Neves, considerado o pioneiro da colonização. Em 1927, a Colônia Concórdia foi elevada à categoria de Distrito devido seu crescente desenvolvimento.

Lages[63] começou sua história com a construção da estrada que ligava as províncias do Rio Grande do Sul e de São Paulo. Inicialmente, ela serviu como estalagem para a rota comercial entre os dois estados, principalmente na passagem do gado dos campos gaúchos para abastecer os trabalhadores da extração de ouro em Minas Gerais. Posteriormente, alguns colonos iniciaram fazendas de gado e de exploração de erva-mate e madeira. A exploração dos pinheirais fez surgir conflitos entre índios e colonos, já que os pinhões e os animais eram a fonte de alimento básica dos índios. A cidade foi fundada em 1766 pelo bandeirante paulista Antônio Correia Pinto de Macedo, que a batizou como Lages devido à abundância da pedra laje na região.

O povoamento do município de Tubarão[64] é um prolongamento natural da fundação da colônia de S. Antônio dos Anjos de Laguna. Atraídos pelos imensos campos sulinos, grande porção de lagunenses migraram para os pampas despovoando a colônia. Isso acarretou o abandono de Laguna por parte da Coroa, deixando-a escassa de recursos de quaisquer natureza. Dessa forma, os que ficaram, dedicaram-se à pesca e à lavoura, indo cada vez mais para perto do rio Tubarão, onde encontraram terras férteis. Assim iniciou-se o processo de povoamento de Tubarão, por volta do ano de 1721.

A fundação do município de Criciúma[65] deu-se no ciclo da imigração europeia do século XIX, com a chegada das primeiras famílias de imigrantes. A partir de 1890

[62] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/concordia/historico>. Acesso em: 04 jan 2018.
[63] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/lages/historico>. Acesso em: 04 jan 2018.
[64] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/tubarao/historico>. Acesso em: 04 jan 2018.
[65] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/criciuma/historico>. Acesso em: 04 jan 2018.

chegaram as primeiras famílias de poloneses, seguidas de imigrantes alemães e dos descendentes de portugueses vindos da região de Laguna. Esses imigrantes desbravaram a região e tiveram como principal atividade econômica a agricultura.

Em suma, a maioria das cidades do Estado de Santa Catarina tiveram sua fundação motivada pelos processos de povoamento instaurados pelos governantes, entretanto, há municípios que se formaram a partir da construção da estrada que ligava as províncias do Rio Grande do Sul e de São Paulo, que servia como estalagem para a rota comercial entre os dois estados, principalmente na passagem do gado dos campos gaúchos para abastecer os trabalhadores da extração de ouro em Minas Gerais. Ademais, a agricultura, a descoberta de jazidas de ouro e, principalmente, a exploração de madeira, foram atividades que impulsionaram o desenvolvimento dos municípios desse estado.

2.4.3 Rio Grande do Sul

O Rio Grande do Sul é uma das unidades federativas do Brasil e se encontra na região Sul do país, com uma população estimada em 11.322.895 habitantes, com uma área de 281.737,888km² e um total de 497 municípios, de acordo com o IBGE (2017). Faz fronteira com o estado de Santa Catarina ao norte, Argentina ao oeste e Uruguai ao sul, além do Oceano Atlântico ao leste. Sua capital é o município de Porto Alegre e suas cidades mais populosas são: Porto Alegre, Caxias do Sul, Pelotas, Canoas e Santa Maria. Esta última, assim como a capital Porto Alegre, fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB.

De acordo com Diegues Jr (1980, p.46) “no Extremo Sul, pela vizinhança com as colônias de Castela, a influência espanhola foi grande, e notável se tornou sua contribuição não só étnica como também cultural ao brasileiro daquela região.”

Neste estado, os colonos italianos instalaram-se de forma construtiva em 1875. À eles deve-se a vinicultura, pois é de origem italiana o desenvolvimento da indústria do vinho, além das atividades de metalurgia, selaria e tecelagem.

O primeiro vestígio da formação do município de Três Passos[66] deve ser buscado no ano de 1879, época em que o Governo Imperial resolveu fundar uma colônia militar no

[66] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/tres-passos/historico>. Acesso em: 05 jan 2018.

Alto Uruguai. Nesta época, o Império do Brasil buscava sua afirmação como dono das terras meridionais no mesmo contexto de aquisição definitiva das Missões jesuíticas. Por duas vezes a colônia sofreu depredações devido aos movimentos revolucionários no Estado do Rio Grande do Sul, por isso, em 1822, distante 35 quilômetros da Colônia no sentindo sul, foi construída uma casa e guarda, às margens de três córregos de água potável que serviam aos homens e aos animais, com o objetivo de vigiar e proteger a precária estrada que outrora fora construída, em 1860, com 60 Km, que atingia o limite com a Argentina, causando problemas entre este país e o Brasil, inclusive motivando a paralisação deste trabalho (a construção da estrada). A casa de guarda foi então recebendo a todos os viajantes que por ali passavam e alguns se fixaram por conta das produtivas terras, surgindo assim o município.

Já Erechim[67], teve como seus primeiros povoadores brancos os paulistas, descendentes de bandeirantes, que se instalaram dispersivamente no território, obtendo a concessão de tratos de terra, requeridos ao Governo do Estado. Por volta de 1887, Augusto de Oliveira Penteado, tendo como companheiros João Placidino Machado e Antônio Ferreira de Albuquerque, empreendeu ousada exploração fluvial, descobrindo, assim, o famoso estreito do Uruguai. Inicialmente, a extensa gleba integrava, sucessivamente, os municípios de Rio Pardo, São Borja, Cruz Alta e Passo Fundo. Não foi pacífica a posse das terras por esses primeiros povoadores, que tiveram conflitos contra os primitivos habitantes, os Coroados. Porém, aos poucos, os posseiros foram se fixando neste território cortado pela abundante rede da bacia hidrográfica ocidental dos rios Pelotas-Uruguai. Em 1908 foi criada a colônia de Erechim e o engenheiro Severiano de Souza Almeida foi encarregado de efetuar a divisão em lotes dessa colônia. Em fevereiro de 1910, teve início a construção das primeiras casas no local onde, os poucos, foram aportando a primeira leva de imigrantes, formando assim o município de Erechim.

Acredita-se que os jesuítas foram os primeiros a adentrar as terras que hoje compreende o município de Passo Fundo[68], por meio das Missões Orientais do Uruguaia. Posteriormente, nas primeiras décadas do século XIX, os colonizadores começaram a desbravar o lugar enquanto que os tropeiros passaram a fazer pousada como medida de segurança, já que preferiam pernoitar em "passo fundo" e passarem durante o dia pelos caminhos lotados de índios que poderiam atacá-los. A região tornou-se, portanto, um dos

[67] Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/erechim/historico. Acesso em: 05 jan 2018.
[68] Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/passo-fundo/historico. Acesso em: 05 jan 2018.

pontos de parada do chamado “Caminho dos Paulistas” e, aos poucos, foi ganhando forma de cidade, já que dispunha de boa provisão de água doce.

Assim como em Passo Fundo, foram os missionários jesuítas que, por volta de 1700, iniciaram a colonização da região hoje conhecida como a cidade de Vacaria[69]. Eles deixaram gados para criarem-se soltos tornando a região conhecida como Baqueria de los Pinhales (Vacaria dos Pinhais). Entre 1727 e 1729, foi aberta uma estrada destinada, primeiramente, ao comércio de gado, que ligou a região dos Campos de Cima da Serra a Lages, Curitiba e São Paulo. Em 1785, chegaram na região ocupantes de terras com títulos legais e outros sem títulos, entre eles, o lagunense Manoel Rodrigues de Jesus, cuja prole se desdobrou incalculavelmente, representando, a população vacariense.

Ijuí[70] foi fundada em 1890 e recebeu imigrantes de várias nacionalidades, por isso é conhecida como 'Terra das culturas diversificadas' por reunir variado grupo étnico: africanos, índios, portugueses, franceses, italianos, alemães, poloneses, austríacos, letos, holandeses, suecos, espanhóis, japoneses, russos, árabes, lituanos, ucranianos, entre outros. Seu desenvolvimento foi impulsionado quando, a partir de 1899, foi incentivado o assentamento de colonos com conhecimento em agricultura.

São Borja[71] nasceu a partir do desmembramento do município de Rio Pardo em 1887. Foram também os Jesuítas os primeiros a explorarem a região, onde incrementaram a pecuária extensiva, o artesanato, o cultivo da terra e deixaram o primeiro plano diretor do município. Na última década do século XIX, a região recebeu imigrantes europeus que intensificaram a agricultura e o uso do arado no solo, expandindo a lavoura pelo campo nativo e partes das matas nativas.

Chegaram a região que hoje compreende o município de Flores da Cunha[72], em 1877, algumas famílias de imigrantes italianos, que foram demarcando colônias e iniciando dois povoados com a distância de um quilômetro - São Pedro e São José. O primeiro absorveu o segundo, tornando-se a sede do município.

Assim como São Borja, o município de Santa Cruz do Sul[73] também foi criado a partir do município de Rio Pardo, em 1847. Sua fundação resultou do propósito da Câmara

---

[69] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/vacaria/historico>. Acesso em: 05 jan 2018.
[70] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/ijui/historico>. Acesso em: 05 jan 2018.
[71] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/sao-borja/historico>. Acesso em: 05 jan 2018.
[72] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/flores-da-cunha/historico>. Acesso em: 05 jan 2018.
[73] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-cruz-do-sul/historico>. Acesso em: 05 jan 2018.

Municipal de Rio Pardo, então próspero centro de comércio, de estabelecer comunicação com a zona serrana da Província para atrair o comércio àquela região. Posteriormente, foram demarcados os primeiros lotes destinados a imigrantes alemães e, aos poucos, foram chegando novos imigrantes que tornaram Santa Cruz uma das colônias mais prósperas do Sul do País.

Em 1777, foi firmado entre as Coroas de Portugal e de Espanha um convênio com o nome de Tratado Preliminar de Restituições Recíprocas, cuja finalidade era a demarcação dos limites entre os domínios de Espanha e o Sul do Brasil. No ano seguinte, uma comissão se fixou na região onde hoje está Santa Maria para fazer as demarcações e ali permaneceu por muito tempo a fim de concluir os trabalhos. Quando o trabalho terminou e a caravana partiu com destino a Porto Alegre, Santa Maria[74] já não era um acampamento, tinha se tornado um povoado, que mais tarde configurou-se como município.

A faixa litorânea que hoje compreende o município de Osório[75] tornou-se conhecida pelos paulistas e lagunenses que por ali transitavam a procura de gado. Seu povoamento teve início quando alguns casais açorianos procedentes de Laguna se estabeleceram no próximos a Serra do Mar. Aos poucos, o agrupamento de casas foi-se acumulando tornando o lugar um povoado, então conhecido por Vila da Serra, que mais tarde tornou-se Osório.

Das terras pertencentes ao município de Alegrete[76], que antes pertenciam ao de Cachoeira, é que surgiu Uruguaiana, como município independente. Seus primeiros habitantes de foram os indígenas, seguidos pelos espanhóis, portugueses e africanos. Outrora suas terras, no início do século XVI, integravam-se à Capitania de São Paulo, e depois sua jurisdição foi transferida ao governo constituído em Santa Catarina.

Caçapava do Sul[77] é um dos municípios mais antigos do Rio Grande do Sul. Seu território está situado numa região com extensas jazidas de minérios de cobre, cal e caulim. No século XVIII, a região foi trilhada pelas forças de Espanha e Portugal, recebendo um acampamento militar. O início de povoamento de Caçapava começou em terras do capitão Francisco de Oliveira Porto, em 1792. Logo outros povoadores estabeleceram-se ao redor, iniciando assim a cidade.

---

[74] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-maria/historico>. Acesso em: 05 jan 2018/.
[75] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/osorio/historico>. Acesso em: 05 jan 2018.
[76] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/alegrete/historico>. Acesso em: 05 jan 2018.
[77] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/cacapava-do-sul/historico>. Acesso em: 05 jan 2018.

Assim como Caçapava do Sul, o município de Santana do Livramento[78] também deve sua origem às forças portuguesas e espanholas, visto que, após um combate por volta de 1810, as tropas portuguesas saíram vitoriosas e alguns de seus oficiais, que proviam a fronteira, resolveram erguer casas local e ali se fixarem, constituindo os primeiros núcleos de colonização no território.

Na região onde hoje se localiza o município de Bagé[79], a colonização europeia iniciou-se em fins do século XVII com portugueses e espanhóis. Nessa época, os missionários jesuítas fundaram a Redução de São André dos Guenoas, que foi uma de suas primeiras construções. A resistência de índios da região à catequização levou a um conflito que resultou na destruição do povoado. A partir de então, a região serviu de palco para diversos conflitos entre europeus e nativos. Após a anulação do Tratado de Madrid, a região que era até então de domínio espanhol, passou também a sediar conflitos entre os espanhóis e portugueses. Para servir de marco definitivo da posse dos espanhóis naquelas terras, fora construído o Forte de Santa Tecla. Os portugueses então propuseram a rendição dos espanhóis, os expulsaram da região, destruíram o Forte e, em 1801, para que não houvesse possibilidades de os espanhóis voltarem, o governo português começou a doar sesmarias para fazenda de criação de gado, o que representou a conquista econômica e ao mesmo tempo resguarda as fronteiras do sul do país.

No século XVI, as terras que hoje compreendem o município de São José do Norte[80], eram de domínio dos espanhóis. Porém, os portugueses as foram conquistando como forma de defender a costa do país e colecionar terras para o contrabando de gado que se espalhava pela região, gados estes trazidos pelos missionários jesuítas, assim surgindo as primeiras estâncias de gado portuguesas, reforçando às autoridades coloniais a importância de uma ocupação efetiva daquelas paragens.

Chuí[81] é a cidade mais ao sul do Brasil, localizada na fronteira com o Uruguai, na margem esquerda do Arroio Chuí. Embora tenha sido emancipada do Município de Santa Vitória do Palmar apenas em 1995, sua história teve início nos primórdios da civilização ibérica no continente sul-americano, pois suas terras localizavam-se no centro da área disputada por Espanha e Portugal nos séculos XVIII e XIX. Na tentativa de diminuir as

[78] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santana-do-livramento/historico>. Acesso em: 05 jan 2018.
[79] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/bage/historico>. Acesso em: jan 2018.
[80] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/sao-jose-do-norte/historico>. Acesso em: 06 jan 2018.
[81] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/chui/historico>. Acesso em: 06 jan 2018.

operações de guerra, foi firmado um tratado que estabelecia que as terras que hoje compreendem Chuí não poderiam ser ocupadas por ninguém, porém Portugal nunca respeitou o Tratado e foi, aos poucos, concedendo sesmarias aos oficiais de seu exército. Dessa forma, todo o povoamento futuro de Chuí aconteceu em torno de um quartel que outrora tinha sido construído pelo comerciante de gado Cristóvão Pereira. O município de Chuí foi, ao longo do tempo e dos confrontos militares, destruído e reconstruídos muitas vezes.

Após discorrer sobre a contextualização da pesquisa, o próximo capítulo apresenta as escolhas metodológicos para este trabalho.

METODOLOGIA

Este capítulo tem por objetivo especificar os procedimentos metodológicos que permitiram levar a cabo a pesquisa. Assim, em um primeiro momento, estão registrados informações gerais sobre o Projeto ALiB, necessários para situar a pesquisa realizada, além de informações sobre o Projeto VALEXTRA, ao qual esta dissertação se vincula, procurando oferecer contribuições. Neste capítulo, apresentam-se, também, detalhes relacionados ao *corpus* da pesquisa, com informações sobre o questionário, a área semântica estudada, a rede de pontos, a constituição da amostra e os informantes, trazendo, por fim, aos procedimentos adotados para a análise e a classificação dos dados.

3.1 Projeto ALiB

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) tem como objetivo a realização de um atlas geral do Brasil no que diz respeito à língua portuguesa, descrevendo a realidade linguística do país.

Busca documentar o estado atual da língua portuguesa no Brasil após a chegada dos portugueses, mostrando as marcas de contato entre a língua portuguesa, as línguas indígenas e as línguas africanas; as mudanças sociais e a constituição demográfica do país.

Trata-se de um projeto de caráter nacional que está em desenvolvimento desde 1996, por inciativa de pesquisadores em Dialetologia do Instituto de Letras da UFBA.

Durante o *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em Salvador, Bahia, foi retomada a ideia de elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, que reporta-se a 1952, ano em que se manifestou pela primeira vez essa ideia com o Decreto 30.643, de 20 de março daquele ano.

Sob as orientações de importantes dialetólogos brasileiros da época, como Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Antenor Nascentes, iniciaram-se os trabalhos de mapeamento linguístico do Brasil pela elaboração dos atlas regionais e estaduais.

Durante o citado Seminário, elaborou-se a "Carta de Salvador"[82] e constituiu-se o Comitê Nacional que coordenaria o Projeto ALiB, integrado pelos autores dos cinco atlas linguísticos regionais que já haviam sido publicados e por representantes dos atlas em andamento. Desse modo, participavam do Comitê: Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (UFBA), Jacyra Andrade Mota (UFBA), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Walter Koch (UFRGS).

Atualmente, o Comitê Nacional é formado por uma Diretora Presidente, Jacyra Andrade Mota (UFBA); uma Diretora Executiva, Silvana Soares Costa Ribeiro; e por mais 11 Diretores Científicos, Abdelhak Razky (UFPA), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Conceição Maria de Araújo (UFMA), Fabiane Cristina Altino (UEL), Felício Wessling Margotti (UFSC), Marcela Moura Torres Paim (UFBA), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC/UFPB), Marilúcia Barros de Oliveira (UFPA), Regiane Coelho Pereira Reis (UFMS), Valter Pereira Romano (UFLA) e Vanderci de Andrade Aguilera (UEL).

Para manter a integração entre as equipes do Brasil todo, são realizadas anualmente reuniões, na forma de *workshops*, denominados WorkALiB.

O Projeto ALiB fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Dialetologia e da Geolinguística, privilegiando o estudo da variação diatópica. A forma como se documenta as falas dos informantes permite estudar também a variação diafásica, diageracional, diagenérica e diastrática.

No que se refere ao aspecto metodológico, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil insere-se na Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, pois o perfil dos informantes e a dimensão dos questionários permitem o fornecimento de dados relativos às outras dimensões além da diatópica.

Há três tipos de questionários no ALiB:

1) QFF – Questionário fonético-fonológico (159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia);
2) QSL - Questionário semântico lexical (202 perguntas);
3) QMS - Questionário morfossintático (49 perguntas);

[82] "...documento representativo do compromisso dos dialetólogos brasileiros com a grande empreitada que se iniciaria a partir daquele momento, ou seja, 44 anos depois da publicação do Decreto e após a elaboração dos primeiros atlas regionais brasileiros." (RIBEIRO, 2012, p. 118)

Além dos três questionários, há, ainda, questões de pragmática (04 perguntas); quatro temas para discursos semidirigidos (relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal); questões metalinguísticas (06 perguntas) e um texto para leitura ("Parábola dos sete vimes"). Neste trabalho, trabalhou-se com o Questionário Semântico-lexical (QSL).

O questionário do Projeto foi elaborado pelos membros do Comitê Nacional com base nos questionários linguísticos utilizados pelos atlas já publicados ou em andamento no país e nos questionários do ALiR- *Atlas Linguistique Roman* e do *Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza*.

O Questionário Semântico-lexical (QSL) está composto por questões de cunho onomasiológico. Busca-se a partir dele a variação lexical e documentação de formas linguísticas investigadas nas localidades, as formas de uso comum e geral. Além disso, serve também para estudos da variação diastrática, diageracional e diagenérica.

O QSL está organizado em 14 áreas semânticas, apresentadas no Quadro 3:

Quadro 3 - Áreas semânticas do Projeto ALiB

ÁREAS SEMÂNTICAS	NÚMERO DE PERGUNTAS
1 Acidentes geográficos	06
2 Fenômenos atmosféricos	15
3 Astros e tempo	17
4 Atividades agropastoris	25
5 Fauna	25
6 Corpo humano	32
7 Ciclos da vida	15
8 Convívio e comportamento social	11
9 Religião e crenças	08
10 Jogos e diversões infantis	13
11 Habitação	08
12 Alimentação e cozinha	12
13 Vestuário e acessórios	06
14 Vida urbana	09
TOTAL	202

Fonte: RIBEIRO, 2012.

Neste trabalho são consideradas seis questões das doze que compõem a área semântica Alimentação e cozinha.

Quanto ao número de informantes entrevistados, sabe-se que são 1100, 550 homens e 550 mulheres, no Projeto ALiB.

Para permitir o estudo das variáveis diagenérica e diageracional, inclui-se no Projeto o sexo e a faixa etária, como fatores aplicáveis à toda a amostra.

Quanto à escolaridade, admite-se indivíduos que ainda não tenham completado o ensino fundamental. Os informantes também não podem estar nos extremos do tipo de formação escolar, ou seja, são melhores os informantes de 2ª à 8ª séries.

Em vista disso, apenas nas capitais as diferenças quanto ao grau de escolaridade são consideradas, distribuindo os informantes em dois perfis, (a) alfabetizados com ensino fundamental incompleto e (b) nível superior, o que permite o estudo da variação diastrática.

Quanto à idade, há duas faixas etárias utilizadas no ALiB: a) jovens de 18 a 30 anos, admitindo-se um limite de tolerância de 6 meses para menos ou para mais, ou seja, a faixa pode ser de 17 anos e seis meses a 30 anos e seis meses; (b) idosos de 50 a 65 anos.

Como é comum em pesquisas dialetológicas, os informantes devem ser naturais da região linguística de estudo, que não tenham morado em outro lugar por mais de 1/3 das suas vidas e, preferencialmente, que seus pais também tenham nascido na mesma região e sejam falantes da língua portuguesa. Nos casos de regiões de fronteira, quando não se encontram informantes que preencham os requisitos, pode-se admitir aqueles que apenas o pai não seja falante de português.

Ademais, recomenda-se que se escolham informantes com endereço fixo e histórico de residência e trabalho na região, por isso, deve-se evitar aqueles que tenham trabalho itinerante como motoristas interestaduais e/ou caminhoneiros, por exemplo.

Para a definição da Rede de Pontos do ALiB enumeraram-se os seguintes critérios: (i) distribuição espacial, (ii) zonas dialetais definidas em pesquisas anteriores; (iii) importância e características histórico-culturais da localidade e (iv) limites interestaduais e internacionais. Além disso, foi levada em conta a proposta de localidades publicada por Antenor Nascentes, em *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil* (1958), e as redes de pontos dos atlas estaduais já publicados. Acerca das capitais, foram excluídas Brasília e Palmas por se tratarem de capitais muito novas, sem possibilidade de se encontrar informantes nascidos na localidade com as características especificadas anteriormente.

Quanto ao número de pontos da Rede do ALiB, que soma 250 localidades, levou

em consideração a densidade demográfica de cada região e de cada estado do país.

A estrutura organizacional do Projeto, a rede de pontos, o perfil dos informantes, os questionários linguísticos, a formação dos inquiridores, as bases metodológicas e afins, estão descritas nas publicações do Projeto ALiB: *Documentos I. Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (2004) de Vanderci de Andrade Aguilera, Jacyra Andrade Mota e Gleidy Aparecida Lima Milani; *Documentos II. Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (2006) de Jacyra Andrade Mota e Suzana Alice Marcelino Cardoso, e o Atlas publicado em 2014, vol 1.

3.2 Projeto VALEXTRA

O projeto VALEXTRA tem como objetivo fundamental propor uma microestrutura lexicográfica que conjugue os elementos descritivos próprios aos fraseologismos. Tal microestrutura é inexiste atualmente.

Baseado nos trabalhos de Blanco (2014), o VALEXTRA pretende descrever os aspectos morfossintáticos, semânticos, conceituais, discursivos, pragmáticos e de tradução dos fraseologismos. Quanto a esse último aspecto, pretende estabelecer uma relação entre os dicionários de fraseologismos, sobre os quais se trabalha atualmente no Laboratório Lexiques, Dictionnaires, Informatique (LDI) - francês, espanhol, árabe, etc.

Ainda que o estudo das unidades fraseológicas tenha avançado como objeto de trabalho no plano teórico, certos aspectos continuam problemáticos. Muitas perguntas continuam em aberto.

A partir dessas interrogações, procura-se, a partir dos recursos do LDI e do ALiB, isolar os fraseologismos na língua geral e nos domínios especializados, com o intuito de confrontar os questionamentos teóricos aos dados empíricos.

Além disso, a tarefa do projeto consiste em explorar os recursos do ALiB e da lexicografia brasileira para fazer o inventário dos fraseologismos mais frequentes no português brasileiro e as variantes sociodialetais, assim como fornecer os equivalentes em francês.

A Equipe do Atlas Linguístico do Brasil do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia pretende desenvolver com o Laboratório LDI - Lexiques, Dictionnaires, Informatique do CNRS e Cergy-Pontoise, um dicionário de termos em uso

no Brasil a partir de fontes do ALiB; o LDI reúne uma longa experiência em lexicografia, na elaboração de dicionários e no tratamento automatizado das línguas.

Ambas as equipes envolvidas dispõem, em suas universidades de origem, espaços próprios para o desenvolvimento das pesquisas, com equipamento informático adequado à realização das tarefas, assim como quadro de pesquisadores especialistas em variação linguística, dialetologia e lexicografia.

Compõem esse quadro de recursos da parte do LDI especialistas em processamento automatizado de línguas, que atuarão como treinadores das equipes de linguistas que participarão do trabalho de investigação, revelando-se como contrapartida essencial para a aquisição de novas tecnologias e técnicas nas pesquisas linguísticas. Este projeto é desenvolvido no âmbito do Programa CAPES-COFECUB 838/15.

Já os objetivos específicos do projeto são: (i) constituir a base de dados colocacionais bilíngues Francês/português brasileiro a partir de *corpus* textual; (ii) fornecer respostas para os questionamentos teóricos que serão apresentados; (iii) mostrar em que dimensão o fenômeno da colocação atua na idiomaticidade de uma língua ou de uma variedade de língua; (iv) ocorrências no português brasileiro em relação à lusofonia em geral e (v) observar a importância quantitativa e qualitativa de diferentes tipos de variação, em função da descrição lexicográfica que se pretende realizar.

3.3 *Corpus* da Pesquisa

A seguir apresenta-se a descrição dos procedimentos metodológicos que nortearam o desenvolvimento deste trabalho, cuja amostra está constituída a partir do *corpus* do Projeto ALiB.

Nesta pesquisa trabalhou-se com dados das regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil a partir da rede de pontos estabelecida pelo ALiB.

Para este estudo, tem-se como material os dados do Questionário Semântico Lexical (QSL), área semântica 12: *Alimentação e Cozinha.*

3.3.1 QSL: Área Semântica

A escolha da área semântica de estudo *alimentação e cozinha* se deve, principalmente, à importância que a alimentação possui na cultura de um povo. Os alimentos contribuem para a descrição cultural de um lugar e de um povo, revelando suas crenças, tabus, religiões e tradições, pois estes fatores influenciam diretamente na escolha dos alimentos. Desse modo, a alimentação não diz respeito apenas às necessidades fisiológicas, mas está ligada a fatores espirituais, preceitos religiosos e culturais, que determinam os costumes alimentares.

Acredita-se que o estudo da área semântica possa contribuir para revelar regiões dialetais do Brasil, em especial das regiões em estudo. Durante a escuta dos áudios percebe-se que os informantes, ao mesmo tempo que respondem às perguntas dos inquiridores, revelam dados linguísticos, culturais e sociais das regiões.

O alimento é essencial ao homem desde o nascimento. É dos alimentos que se retira os nutrientes necessários à vida. Supõe-se que o homem teria começado a se alimentar de frutos e raízes após observar o comportamento de outros animais; depois, teria começado a consumir carnes cruas e moluscos; mais tarde, aprendeu a assar e cozinhar. A alimentação passou por várias experiências até chegar a forma como a conhecemos nos dias de hoje. (Recine E, Radaelli P., 2018)

No questionário semântico lexical QSL do ALiB, encontra-se a área semântica 12: *alimentação e cozinha*, composta por 12 (doze) perguntas das quais 6 (seis) constituem o objeto de estudo desta pesquisa. Seguem indicados os números das questões estudadas e as perguntas:

- 176. Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?
- 177. Como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?
- 178. Como se chama a carne depois de triturada na máquina?
- 182. Como se chama a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?
- 183. Quando uma pessoa acha que comeu demais ela diz: Comi tanto que estou_____.
- 184. Como se chama uma pessoa que normalmente come demais?

3.3.2 Rede de Pontos

Para esta pesquisa, foram selecionadas 62 localidades, apenas do interior, todas pertencentes à Rede de Pontos do Projeto ALiB. Essas localidades fazem parte de duas das

cinco regiões geográficas brasileiras, a saber: Centro-Oeste, com 21 localidades, e Sul, com 41 localidades, totalizando 6 (seis) estados da Federação.

Para a determinação dos pontos/localidades que seriam escolhidos como amostra para a pesquisa, buscaram-se regiões geográficas nas quais ocorreram grandes migrações inter-regionais. Sabe-se que essas migrações estiveram relacionadas aos ciclos econômicos do país, dos quais fazem parte as culturas de alguns alimentos, como o da cana-de-açúcar e o café, por exemplo.

3.3.3 A amostra

A amostra é constituída de 248 inquéritos linguísticos (quatro por localidade do interior de cada estado), dos quais foram ouvidas as respostas às questões 176, 177, 178, 182, 183 e 184 do QSL.

Ao ser iniciada a pesquisa de mestrado e após a delimitação da área semântica e das localidades que fariam parte da amostra de trabalho, foram levantados os inquéritos, já citados, do Projeto ALiB disponíveis para a análise. O levantamento do *corpus* deu-se por meio da audição das entrevistas do Projeto ALiB realizadas nas regiões de estudo. Esses dados foram sistematizados em uma planilha do programa Excel e nesse programa foi realizada a confecção dos gráficos para análise. Verificou-se quais deles já haviam sido ou estavam sendo pesquisados e, portanto, ficou decidido que só se trabalharia com seis das doze questões da área semântica escolhida, visto que já há uma pesquisa de doutorado sendo realizada pela mestra Vanessa Yida, da Universidade Estadual de Londrina.

3.3.4 Os informantes

O número investigado de informantes é de 248 (quatro localidades, quatro inquéritos por localidade do interior).

Os informantes estão distribuídos de maneira equânime entre ambos os sexos (masculino e feminino) e faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), com o mesmo grau de escolaridade, nível fundamental.

Em linhas gerais, os informantes são nascidos na localidade, da mesma forma, têm pais também nascidos no mesmo lugar. São pessoas que viveram ~~a~~ grande parte de suas vidas na região e não realizam grandes movimentos para fora da lugar, nem a passeio, nem

a trabalho. O quadro, a seguir, mostra a distribuição dos informantes de acordo com as variáveis sociais consideradas neste trabalho.

Quadro 4 - Distribuição dos informantes – variáveis sociais

Variáveis sociais		**Total de informantes**
Faixa etária	F1: 18-30 anos	124
	F2: 50-65 anos	124
Gênero	Masculino	124
	Feminino	124

Fonte: Elaboração da autora

3.3.5 Procedimento de análise dos dados

Fez-se o levantamento sistemático de todas as formas lexicais realizadas pelos informantes, referentes às seis perguntas/respostas selecionadas do QSL- área semântica: alimentação e cozinha. Nesta etapa, foram contabilizadas todas as ocorrências.

Consideraram-se todas as variantes para cada item lexical em estudo, independentemente se ocorreram em primeira, segunda, terceira ou quarta resposta. Foram feitos registros de comentários ao longo da audição das entrevistas, objetivando o levantamento de contextos que justificassem possíveis usos de algumas formas nas localidades. Por fim, foram selecionadas apenas as respostas que correspondiam aos fraseologismos.

Os registros dos comentários revelaram os contextos em que algumas formas lexicais foram utilizadas validando, por conseguinte, sua classificação como fraseologismo. Além disso, mostraram aspectos sobre o uso da língua e das relações sociais e interacionais em que foram coletadas as designações.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

Uma vez apresentado o referencial teórico, procede-se à descrição e análise dos dados. Como já assinalado no capítulo referente à metodologia, os dados aqui analisados contemplam as lexias consideradas fraseologismos, fornecidas às perguntas relacionadas à área semântica *alimentação e cozinha*. Para tanto, foi realizada a tabulação de todas as variantes fornecidas pelos 248 informantes do interior das regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil, às seis perguntas selecionadas para o estudo. Tais dados são apresentados por meio de tabelas, gráficos e quadros, com o número e percentual de ocorrências e da análise léxico-semântica de cada fraseologismo registrado. O quadro 5 apresenta as perguntas selecionadas entre as 12 questões da área semântica de *alimentação e cozinha* do Questionário Semântico-Lexical do ALiB.

Quadro 5 - Perguntas selecionadas para análise

Área semântica: *alimentação e cozinha*	
Número da pergunta	Pergunta
176	Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?
177	Como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?
178	Como se chama a carne depois de triturada na máquina?
182	Como se chama a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?
183	Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou_____.
184	Como se chama uma pessoa que normalmente come demais?

Fonte: Elaboração da autora com base no Questionário Semântico-lexical do Projeto ALiB (2001).

Os dados foram avaliados segundo dois princípios. O primeiro, diz respeito ao caráter quantitativo, dessa forma, o número de vezes que as variantes foram produzidas encontra-se registrado em forma de tabelas. Por sua vez, as variantes consideradas fraseologismos, além de aparecerem em tabelas, também aparecem sob forma de gráficos, considerando a dimensão diatópica, ou seja, a distribuição geográfica das ocorrências, com o intuito de investigar possíveis práticas lexicais regionais.

Já o segundo princípio, é de caráter qualitativo, uma vez que, trata-se da perspectiva

léxico-semântica. Para tal, utilizaram-se quatro obras lexicográficas de diferentes períodos, a fim de verificar se as unidades lexicais analisadas estão dicionarizadas, bem como, se suas acepções sofreram alguma alteração ao longo do tempo. Como contribuição para a análise semântica, foram consultados os seguintes dicionários gerais da Língua Portuguesa: Moraes Silva (1789); Houaiss (2001); Ferreira (2004) e Aulete (2014), disponível *online*.

A apresentação dos dados foi organizada conforme a ordem das perguntas no Questionário Semântico-Lexical do ALiB, além disso, trabalha-se, primeiramente, com os dados da região Centro-Oeste e depois com os da região Sul. A cada questão em foco, são apresentados três tipos de tabelas: a primeira, apresenta a distribuição percentual de todas as variantes fornecidas à questão em pauta, de acordo com o total de informantes de cada região; a segunda, apresenta o número de ocorrências de cada variante em cada estado e, por último, a terceira tabela, traz a distribuição percentual das variantes consideradas fraseologismos em cada estado da região. Ademais, é exposto um gráfico para a melhor visualização dos dados da última tabela. Em seguida, é apresentado um quadro que registra a dicionarização desses fraseologismos segundo diferentes dicionários. Por fim, as unidades pluriverbais são analisadas individualmente e classificadas conforme os critérios de lexicalização dos fraseologismos, expostos no capítulo teórico deste trabalho.

Na sequência, apresenta-se o tratamento dos dados, começando com o estudo das variantes obtidas a partir da questão 176, do QSL- ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001).

4.1 Análise dos fraseologismos para a questão 176 – "Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?"

Para a questão 176 (QSL) "como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?", foram computadas 11 variantes lexicais em um total de 112 ocorrências na região Centro-Oeste.

Tabela 1 - Distribuição percentual das denominações para primeira refeição do dia na região Centro-Oeste

Item lexical	Número de ocorrências	Percentual
Café da manhã	64	76%
Quebra-torto	10	11,90%

Tira-jejum	7	8,33%
Lanche	7	8,33%
Tira-torto	5	5,95%
Tomar café	5	5,95%
Tomar chá	6	7,14%
Café	3	4%
Lanche da manhã	3	4%
Quebra-jejum	1	1%
Chá	1	1%

Fonte: Elaboração da autora

Verifica-se, mediante a tabela 1, que entre as 11 variantes documentadas, *café da manhã* é a mais produzida na região Centro-Oeste, seguida de longe por outras variantes, tais como, *quebra-torto, tira-jejum, lanche, tira-torto, tomar café* e *tomar chá*. As demais, *café, lanche da manhã, quebra-jejum* e *chá*, foram registradas poucas vezes, chegando a ter apenas uma ocorrência, como é o caso das duas últimas. A seguir, na tabela 2, podem ser observadas as variantes distribuídas entre os estados da região Centro-Oeste do Brasil.

Tabela 2 - Distribuição das denominações para a primeira refeição do dia nos estados da região Centro-Oeste

Item lexical	**Goiás**	**Mato Grosso**	**Mato Grosso do Sul**
Café da manhã	27	24	13
Quebra-torto	-	4	6
Tira-jejum	-	-	7
Lanche	3	4	-
Tira-torto	-	4	1
Tomar café	2	2	1
Tomar chá	-	1	4
Café	2	-	1
Lanche da manhã	-	3	-
Quebra-jejum	1	-	-
Chá	-	-	1

Fonte: Elaboração da autora

A partir da tabela 2 observa-se a liderança da variante *café da manhã* em toda a região Centro-Oeste. Além disso, verifica-se uma maior diversidade de designativos nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul em relação ao estado de Goiás.

No conjunto de respostas para a primeira refeição do dia, foram computadas 8 variantes com características fraseológicas, ou seja, que foram consideradas fraseologismos, a saber: *café da manhã, quebra-torto, tira-jejum, tira-torto, tomar chá, tomar café, lanche da manhã* e *quebra-jejum.* Dessa forma, foram desconsideradas as

lexias simples, como *lanche* e *café.*

A seguir, na tabela 3, tais fraseologismos podem ser observados distribuídos entre os estados da região Centro-Oeste do Brasil.

Tabela 3 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para a primeira refeição do dia nos estados da região Centro-Oeste

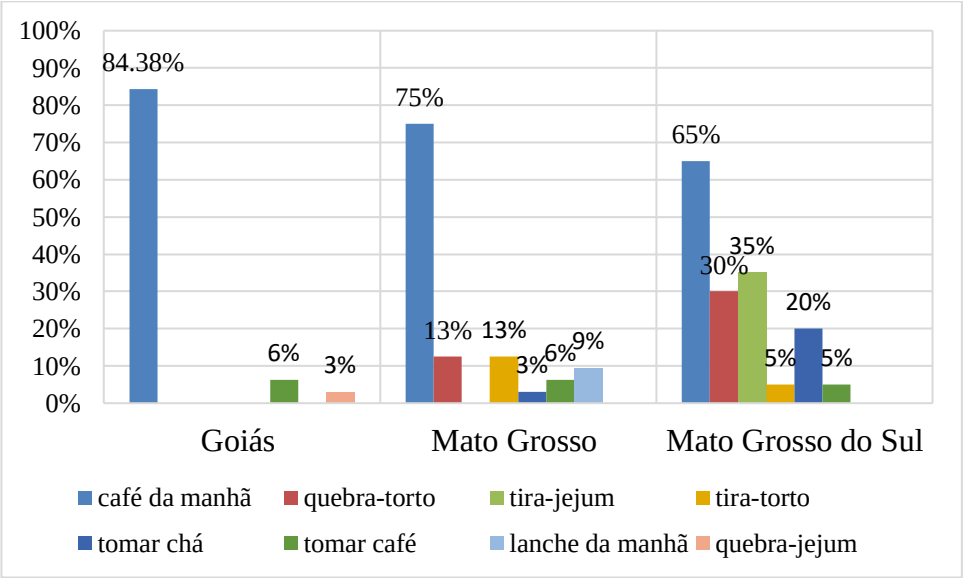
Item lexical	**Goiás**	**Mato Grosso**	**Mato Grosso do Sul**
Café da manhã	84,38%	75%	65%
Quebra-torto	-	13%	30%
Tira-jejum	-	-	35%
Tira-torto	-	13%	5%
Tomar chá	-	3%	20%
Tomar café	6%	6%	5%
Lanche da manhã	-	9%	-
Quebra-jejum	3%	-	-

Fonte: Elaboração da autora

Os dados lexicais da tabela 3 mostram uma distribuição instável entre as respostas obtidas nos três estados da região Centro-Oeste. Embora *café da manhã* seja a variante mais produtiva em toda a região, os estados de Mato Grosso e Mato Grosso Sul registraram, além da lexia predominante, mais cinco fraseologismos, a saber: *quebra-torto*, *tira-torto*, *tomar café* e *tomar chá*, em ambos os estados; *tira-jejum*, em Mato Grosso do Sul e *lanche da manhã*, em Mato Grosso. Enquanto o estado de Goiás registrou apenas duas variantes, *tomar café* e *quebra-jejum*.

Na sequência, no Gráfico 1, pode ser visualizada a produtividade desses fraseologismos distribuídos nos estados da região Centro-Oeste.

Gráfico 1 - Fraseologismos para a pergunta 176 na região Centro-Oeste



Fonte: Elaboração da autora

Os dados do gráfico 1 indicam a hegemonia da variante *café da manhã*, presente em todos os pontos do interior dos estados da região Centro-Oeste, para a primeira refeição do dia feita pela manhã. Em Goiás, o fraseologismo predominante, *café da manhã* (84,38%), foi mencionado 27 vezes, *tomar café* (6%) duas vezes e a lexia *quebra-jejum* (3%) apenas uma vez. Em Mato Grosso, foram apontados, além de *café da manhã* (75%), com 24 ocorrências, os fraseologismos *quebra-torto* (13%) e *tira-torto* (13%), com quatro ocorrências cada; *lanche da manhã* (9%), com 3 ocorrências*; tomar café* (6%), com 2 e *tomar chá* (3%), com uma ocorrência. Em Mato Grosso do Sul, *café da manhã* (65%) teve 13 ocorrências, seguido de *tira-jejum* (35%), com sete ocorrências; *quebra-torto* (30%), com seis; *tomar chá* (20%), com quatro, e *tira-torto* e *tomar café* (5%) com uma ocorrência cada.

Embora pareçam tratar-se apenas de combinações livres da língua, *tomar chá* e *tomar café* foram consideradas fraseologismos, pois observou-se, durante a audição dos inquéritos do Projeto ALiB, que correspondem a lexias utilizadas frequentemente pelos informantes para se referir a primeira refeição do dia feita pela manhã. Estes designativos foram mencionados por dez informantes da região Centro-Oeste.

A denominação *tomar café* foi mencionada duas vezes em Goiás e em Mato Grosso, e uma vez em Mato Grosso do Sul. Esta variante é comum entre os falantes para designar a primeira refeição do dia como observa-se no exemplo a seguir:

INQ. - A primeira refeição dia, como que o senhor chama ela?

INF. - Tomar café.

INQ. - É, fala café só?

INF.- É.

Já o designativo *tomar chá* teve uma ocorrência em Mato Grosso e quatro em Mato Grosso do Sul, das quais três ocorreram em Corumbá, ponto 113 da Rede de Pontos do ALiB. Esta variante é comum entre os habitantes desta localidade, caracterizada como uma variante regional rural, conforme indica a fala do informante:

INQ. – Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?

INF. – Chá! Tomar chá...

INQ. – E o que você come de manhã... você toma chá?

INF. – A gente come pão, toma café... Pode ter chá também, mas eu não costumo 'tomá'.

No conjunto das respostas para "a primeira refeição do dia, feita pela manhã" foram computadas, na região Sul, cinco variantes em um total de 163 ocorrências.

Tabela 4 - Distribuição percentual das denominações para primeira refeição do dia na região Sul

Itens lexicais	**Ocorrências**	**Porcentagem**
Café da manhã	111	66%
Café	43	26%
Desjejum	4	2%
Tomar café	3	2%
Desayuno	2	1%

Fonte: Elaboração da autora

Verifica-se, mediante a tabela 4, que entre as cinco variantes documentadas, *café da manhã* é a mais produtiva na região Sul, seguida de longe por outras variantes, como é o caso de *café*. As demais, *desjejum, tomar café* e *desayuno,* foram registradas poucas vezes. A seguir, na tabela 5, podem ser observadas as variantes distribuídas entre os estados da região Centro-Oeste do Brasil.

Tabela 5 - Distribuição percentual da variante café da manhã nos estados da região Sul

Item lexical	**Paraná**		**Rio Grande do Sul**		**Santa Catarina**	
Café da manhã	39	61%	47	73%	25	69%
Café	22	34%	11	17%	10	28%
Desjejum	1	2%	2	3%	1	3%
Tomar café	2	3%	1	2%	-	-

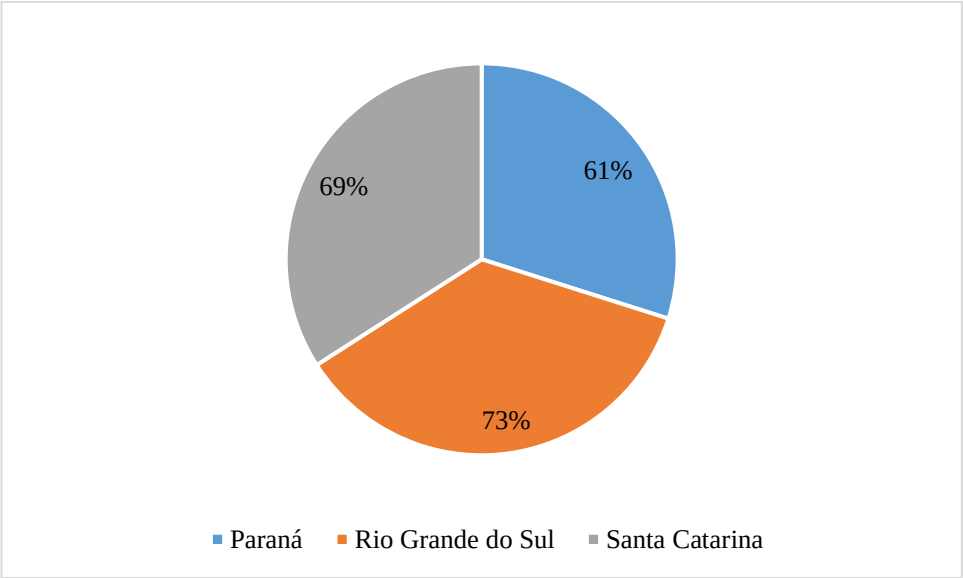
Desayuno	-	-	2	3%	-	-

Fonte: Elaboração da autora

Conforme a tabela 5, *café da manhã* é a variante mais recorrente em todos os estados da Região Sul, seguido de *café* e demais variantes, consideradas lexias simples, como é o caso de *desjejum* e *desayuno.* Este motivado pela aproximação da região com países hispanohablantes. O estado do Paraná faz fronteira com o Paraguai e a Argentina, o estado de Santa Catarina faz fronteira com a Argentina e o Rio Grande do Sul faz fronteira com a Argentina e o Uruguai.

Na região Sul do Brasil, foi encontrado apenas um fraseologismo para referir-se a *primeira refeição do dia feita pela manhã.* Na sequência, no Gráfico 2, pode ser visualizada a produtividade da variante *café da manhã* distribuída nos estados da região Sul.

Gráfico 1 – O fraseologismo "café da manhã" na região Sul



Fonte: Elaboração da autora

No geral, para nomear a "primeira refeição do dia feita pela manhã" foram discutidas seis sequências fraseológicas nas duas regiões de estudo, a saber: *café da manhã, quebra-torto, quebra-jejum, tira-torto, tomar chá* e *lanche da manhã*. O gráfico 2 registra a dicionarização desses fraseologismos segundo diferentes dicionários.

Quadro 6 - Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam a primeira refeição do dia feita pela manhã

Item lexical	Moraes e Silva (1789)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Aulete (2014)
Café da manhã	ND[83]	Café-da-manhã "Refeição que se toma ao acordar; café, desjejum"	"1. V. *desjejum*." .	**"1.** Bras. Cver. Refeição que se toma ao despertar; DESJEJUM"
Quebra-torto	ND	ND	D[84]	D
Quebra-jejum	ND	"1. Regionalismo: Brasil. A primeira refeição do dia 2. Derivação: por metonímia, qualquer alimento que se toma logo após acordar; mata-bicho. 3. Regionalismo: Brasil. Uso: informal: aguardente de cana; cachaça	ND	ND
Tira-torto	ND	ND	ND	ND
Tomar chá	ND	ND	ND	ND
Lanche da manhã	ND	ND	ND	ND

Fonte: Elaboração da autora

Os itens elencados no Quadro 6, em sua maioria, não estão dicionarizados nas obras lexicográficas examinadas, mas tratam-se de fraseologismos solidificados pelo uso oral, que, embora não estejam registrados em dicionários, estão em vias de cristalização.

A locução *café da manhã* tem entrada própria nas obras de Houaiss (2001) e Aulete (2014), enquanto que em Ferreira (2004) ela é encontrada no interior do verbete *café*, o

[83] Não dicionarizado
[84] Dicionarizado

qual é a base da locução. O substantivo *quebra-torto*, embora não esteja dicionarizado, remete ao verbo *quebrar o torto*, que nas obras lexicográficas de Ferreira (2004) e Aulete (2014), é uma sequência encontrado no interior do verbete *torto* como *"*Bras. 1. Comer qualquer coisa (pouca) enquanto se aguarda a refeição principal. 2. Quebrar o jejum". Assim como, *tomar chá* é encontrado no interior do verbete *chá*, porém com uma acepção diferente do que foi utilizada pelo informantes. Em Aulete (2014), *tomar chá* significa "longo tempo durante o qual algo (ger. desagradável) é imposto a alguém".

A partir das informações lexicográficas dos seis itens léxicos, depreende-se que apenas três estão dicionarizados, embora os demais sejam de uso e conhecimento comum dentro da sua comunidade de fala.

Em continuação, tratar-se-á de cada um dos possíveis itens léxicos separadamente.

Café da manhã
(substantivo + preposição + artigo + substantivo)

Esse designativo é utilizado para nomear a primeira refeição do dia feita pela manhã pela maioria dos informantes das regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil. A unidade léxica *café* nomeia o fruto do cafeeiro do qual se faz uma bebida de mesmo nome, escura e muito aromática. Dentro deste fraseologismo, o uso da lexia *café* decorre da associação com a refeição da parte da manhã, que em um determinado momento desta se toma essa bebida. Segundo Gross (1996), tem a fixidez parcial de um elemento nominal, no caso, café, enquanto que, para Mejri (1997), é uma sequência fixa com sentido deduzível a partir dos elementos da sentença. Configura-se também como uma expressão de dependência contextual, pois não pode ser adequada a diferentes contextos.

Quebra-torto e **Tira-torto**
(verbo + adjetivo)

Essas denominações têm o que talvez seja a mais importante característica de um fraseologismo, a idiomaticidade, portanto, o sentido global delas não tem a ver com a soma dos significados de suas constituintes, ou seja, embora seus componentes tenham, isoladamente, autonomia, eles perdem sua significação e é o conjunto que adquire um novo sentido, pois a primeira refeição do dia feita pela manhã nada tem a ver com o adjetivo torto que, segundo Ferreira (2004), significa aquilo que não é reto, direito. Além disso, comportam-se como a expressão *café da manhã*, têm dependência contextual, não podendo se adequarem a diferentes contextos.

Quebra-jejum
(verbo + substantivo)

Assim como *café da manhã*, o designativo *quebra-jejum* é uma sequência fixa com sentido deduzível a partir de seus elementos. Ao contrário das expressões anteriores, *quebra-torto* e *tira-torto*, sua dependência contextual é menor, pois pode ser exposta em frases que podem adequar-se a diferentes contextos. Além disso, assim como nas unidades anteriores, possui entre seus constituintes coocorrência léxico-sintática.

Tomar chá
(verbo + substantivo)

Embora seja uma lexia que poderia ser considerada uma combinação livre da língua, *tomar chá* é, neste estudo, considerada um fraseologismo, uma vez que, em sua comunidade de fala é utilizada pelos informantes com a mesma acepção, ou seja, possui um único referente, a primeira refeição do dia, feita pela manhã.

Lanche da manhã
(substantivo + preposição + artigo + advérbio)

Esta variante trata-se de uma sequência com sentido deduzível a partir dos elementos da sentença. Entre seus constituintes encontra-se coocorrência léxico-sintática, ou seja, dão a impressão que a combinação se deu de forma natural. Não é considerada uma sequência fixa, visto que o falante pode formar outras combinações, como *lanche da tarde*, por exemplo, que sirvam melhor para o contexto em que serão usadas.

Desta forma, os fraseologismos aqui apontados como designações para a *primeira refeição do dia feita pela manhã* nas regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil, podem ser subclassificados como colocação, como é o caso de *tira-jejum*, e locuções, como é o caso de *quebra-torto, tira-torto, café da manhã e tomar chá*, uma vez que, não permitem a substituição e/ou a reordenação de qualquer um de seus constituintes.

4.2 Análise dos fraseologismos para a questão 177 – "Como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?"

As respostas fornecidas pelos informantes revelam predominância da variante

geleia nas regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil, sobretudo na primeira, visto que, na segunda, há uma grande ocorrência da variante *chimia*, especialmente no estado do Rio Grande do Sul.

Tabela 6 - Distribuição percentual das denominações a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito na região Centro-Oeste

Item lexical	Ocorrências	Percentual
Geleia	47	56%
Chimia	3	4%
Doce	3	4%
Doce de frutas	2	2%
Doce em pasta	2	2%
Marmelada	2	2%
Polpa de fruta	1	1%
Creme de fruta	1	1%
Melado	1	1%
Creme	1	1,19%
Doce de goiaba	1	1%
Queijo de leite	1	1%
SR	24	29%

Fonte: Elaboração da autora

Verifica-se, mediante a tabela 6, que entre as 12 variantes documentadas, *geleia* é a mais produzida na região Centro-Oeste, seguida de longe por outras variantes, tais como, *chimia, doce, doce de frutas, doce em pasta* e *marmelada.* As demais, *polpa de fruta, creme de fruta, melado* e *creme,* tiveram apenas uma ocorrência cada uma. Além disso, as lexias *doce de goiaba* e *queijo de leite,* embora não correspondam ao referente pesquisado, são válidas para a pesquisa, visto que podem ser consideradas fraseologismos.

A seguir, na tabela 7, podem ser observadas as variantes distribuídas entre os estados da região Centro-Oeste do Brasil.

Tabela 7 - Distribuição das denominações para a pasta feita de frutas nos estados da região Centro-Oeste

Item lexical	GO	MT	MS
Geleia	17	14	16
Chimia	-	2	1
Doce	1	2	-
Doce de frutas	-	1	1
Doce em pasta	-	2	-
Marmelada	1	1	-

Polpa de fruta	1	-	-
Creme de fruta	1	-	-
Melado	1	-	-
Creme	1	-	-
SR	11	11	2

Fonte: Elaboração da autora

A partir da tabela 7, observa-se a liderança da variante *geleia* em toda a região Centro-Oeste. Além disso, verifica-se uma maior diversidade de designativos nos estados de Goiás e Mato Grosso em relação ao estado de Mato Grosso do Sul.

No conjunto de respostas para *a pasta feita de frutas para passar no pão*, foram computadas quatro variantes válidas, ou seja, que foram consideradas fraseologismos, a saber: *doce de fruta, polpa de fruta, creme de fruta* e *doce em pasta.* Dessa forma, foram desconsideradas as lexias simples, como *geleia, chimia, marmelada, melado,* creme *e doce.*

A seguir, na tabela 8, tais fraseologismos podem ser observados distribuídos entre os estados da região Centro-Oeste do Brasil.

Tabela 8 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para a pasta feita de frutas nos estados da região Centro-Oeste

Item lexical	**GO**	**MT**	**MS**
Doce de frutas	-	3%	5%
Doce em pasta	-	6%	-
Polpa de fruta	3%	-	-
Creme de fruta	3%	-	-

Fonte: Elaboração da autora

Quanto ao número de fraseologismos registrados como designativos para *a pasta feita de frutas para passar no pão,* Goiás e Mato Grosso apresentaram dois, enquanto que Mato Grosso do Sul apenas um.

A denominação *doce de frutas* foi registrada nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, com apenas uma ocorrência; *doce em pasta* foi apontada no estado de Mato Grosso com duas ocorrências*;* enquanto que*, polpa de fruta* e *creme de fruta* foram registradas apenas em Goiás, também com uma ocorrência cada uma.

Os dados presentes na tabela 8 permitem visualizar que é baixa a ocorrência de variantes pluriverbais para referir-se a *pasta de frutas para passar no pão,* principalmente no estado do Mato Grosso do Sul, que registrou apenas a designação *doce de fruta* (5%),

com uma ocorrência. Em Goiás, todas os fraseologismos apresentados, *polpa de fruta* (3%) e *creme de fruta* (3%), também foram registrados apenas uma vez. Em Mato Grosso, a variante *doce em pasta* (6%) teve uma maior produção, com duas ocorrências, enquanto que *doce em pasta* (3%) foi assinalada apenas uma vez.

No conjunto das respostas para "a pasta feita de frutas para passar no pão" foram computadas, na região Sul, 11 variantes em um total de 200 ocorrências.

Tabela 9 - Distribuição percentual para a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito na região Sul

Itens lexicais	**Ocorrências**	**Porcentagem**
Geleia	65	33%
Chimia	61	31%
Doce de (morango, figo, mamão, abóbora, etc)	33	17%
Doce	24	12%
Doce de frutas	9	5%
Mousse	8	4%
Pasta de frutas	2	1%
Geleia de frutas	2	1%
Doce de (passar no) pão	2	1%
Chimia de fruta	2	1%
Papa de fruta	1	1%

Fonte: Elaboração da autora

Verifica-se, mediante a tabela 9, que entre as 11 variantes documentadas, *geleia* é a mais produzida na região Sul, seguida de perto por *chimia.* Outras variantes, tais como *doce de morango, doce de figo, etc.*, além da lexia simples *doce*, tiveram significativa presença no *corpus* da pesquisa. As seguintes variantes, *doce de frutas, mousse, pasta de frutas, geleia de frutas, doce de (passar no) pão, chimia e papa de fruta*, foram computadas menos vezes.

A seguir, na tabela 10, podem ser observadas as variantes distribuídas entre os estados da região Sul do Brasil.

Tabela 10 - Distribuição das denominações para a pasta de frutas nos estados da região Sul

Itens lexicais	**PR**	**RS**	**SC**
Geleia	26	27	12
Chimia	9	44	10
Doce	14	2	8
Doce de (morango, figo, mamão, abóbora, etc)	16	4	3
Doce de frutas	3	1	5

Mousse	0	0	8
Pasta de frutas	1	1	0
Geleia de frutas	2	0	0
Doce de (passar no) pão	1	0	1
Chimia de fruta	1	1	0
Papa de fruta	0	1	0

Fonte: Elaboração da autora

A partir da tabela 10, observa-se a liderança da variante *geleia* em quase toda a região Sul do Brasil, pois, embora ela esteja distribuída de maneira equilibrada nos três estados, a variante *chimia* é a mais registrada no estado do Rio Grande do Sul, com um número bem desigual dos demais pontos. Além disso, verifica-se uma grande diversidade de designativos para *a pasta feita de frutas para passar no pão* em todos os estados dessa região.

No conjunto de respostas para a questão 177, foram computadas sete variantes válidas, ou seja, que foram consideradas fraseologismos, a saber: *doce de..., doce de frutas, pasta de frutas, geleia de frutas, doce de (passar no) pão, chimia de fruta* e *papa de fruta.* Dessa forma, foram desconsideradas as lexias simples *geleia, chimia, doce* e *mousse.*

A seguir, na tabela 11, tais fraseologismos podem ser observados distribuídos entre os estados da região Sul do Brasil.

Tabela 11 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para a pasta feita de frutas nos estados da região Sul

Itens lexicais	**PR**	**RS**	**SC**
Doce de...	25%	6%	8%
Doce de frutas	5%	2%	14%
Pasta de frutas	2%	2%	-
Geleia de frutas	3%	-	-
Doce de (passar no) pão	2%	-	3%
Chimia de fruta	2%	2%	-
Papa de fruta	-	2%	-

Fonte: Elaboração da autora

Quanto ao número de fraseologismos registrados como designativos para *a pasta feita de frutas para passar no pão* na região Sul, os estados do Paraná e Rio Grande do Sul apresentaram um número maior em relação ao estado de Santa Catarina. Os dois primeiros estados registraram seis e cinco variantes, respectivamente, enquanto que o último registrou três.

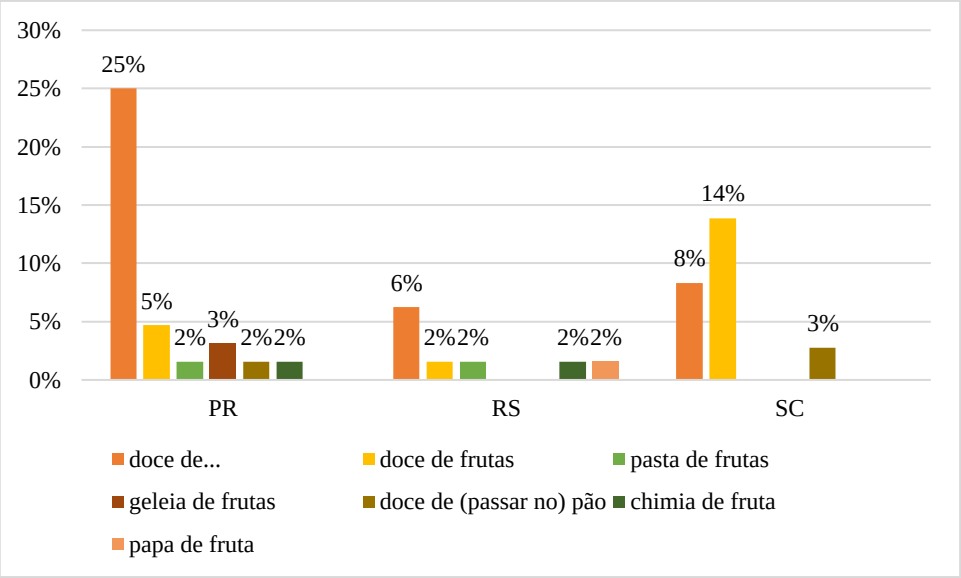
A denominação *doce de...* foi registrada nos três estados da região. No Paraná

(25%), 16 vezes; no Rio Grande do Sul (6%), quatro vezes e, em Santa Catarina (8%), três vezes. O designativo *doce de frutas* foi mais produtivo em Santa Catarina (14%), com cinco ocorrências; seguido do estado do Paraná (5%), com três ocorrências e do Rio Grande do Sul (35%), com apenas uma ocorrência. *Chimia de fruta* foi registrada também no Paraná (2%), assim como no Rio Grande do Sul (2%), com apenas uma ocorrência.

O designativo *pasta de frutas* (2%) foi apontado nos estados do Paraná e Rio Grande do Sul com uma ocorrência em cada um. A variante *geleia de frutas* (3%) foi mencionada apenas no Paraná, com duas ocorrências. A denominação *doce de (passar no) pão* foi assinalada nos estados do Paraná (2%) e Santa Catarina (3%), com uma ocorrência em cada um. E *papa de fruta* foi apresentada apenas no Rio Grande do Sul (2%), também com uma ocorrência.

Na sequência, no Gráfico 5, pode ser visualizada a produtividade desses fraseologismos distribuídos nos estados da região Sul.

Gráfico 2 - Fraseologismos para a pergunta 177 na região Sul



Fonte: Elaboração da autora

O gráfico 5 indica que no estado do Paraná, entre as lexias pluriverbais, destacam-se as formadas pela base *doce de*, dessa forma, é comum neste estado a sinalização das variantes *doce de goiaba*, *doce de morango*, *doce de figo*, etc. para referir-se a pasta feita de frutas para passar no pão, com 25% dos casos, que equivale a 16 ocorrências. Além dessa variante, aparecem também no Paraná as lexias *doce de frutas* (5%), três ocorrências; *geleia de frutas* (3%), com duas ocorrências e *pasta de frutas* (2%), *doce de (passar no) pão* (2%) *e chimia de fruta* (2%), com uma ocorrência cada uma.

O estado do Rio Grande do Sul foi o ponto em que menos se produziu fraseologismos para a questão 177 (QSL/ALiB) na região Sul. As unidades mais citadas pelos informantes foram, assim como no Paraná, as formadas pela base *doce de...*, com 16% das ocorrências, ou seja, foi mencionada quatro vezes entre os informantes desse estado. Com 2% das ocorrências, as unidades *doce de frutas*, *pasta de frutas*, *chimia de fruta e papa de fruta* foram mencionadas apenas uma vez.

Já no estado de Santa Catarina, o fraseologismo mais utilizado foi *doce de frutas* (14%), com cinco ocorrências; seguido das variantes formadas pela base *doce de*... (8%), com três ocorrências e *doce de (passar no) pão* (3%), com uma ocorrência.

Como escolha metodológica, as nove unidades pluriverbais fornecidas como respostas à pergunta 177 (QSL/ ALiB) nas regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil, foram analisadas considerando o sema mais importante, uma vez que, não encontraram-se nenhum dos fraseologismos dicionarizados. A análise semântica dessas unidades pode ser conferida a seguir.

Quadro 7 - Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam *a pasta feita de frutas para passar no pão*

Item lexical	**Moraes Silva (1789)**	**Houaiss (2001)**	**Ferreira (2004)**	**Aulete (2014)**
Doce	s.m. Iguaria feita de mel, de assucar, com frutas, ovos, &c.	1.1. Preparado com açúcar ou outra substância adoçante (diz-se de alimento)	12.Confeição culinária em que entra açúcar, mel ou outro adoçante.	2. Diz-se de alimento preparado com ou ao qual se acrescentou açúcar ou adoçante*:*
Polpa	s.f. A parte mais carnosa do corpo animal. Fig. *a polpa das frutas*	2. tecido vegetal freq. espesso e tenro que constitui a parte ger. comestível de vários tipos de frutos e raízes	2.A parte carnosa dos frutos, raízes, etc.	1. Bot. Parte carnosa, ger. espessa e comestível, de diversos frutos e raízes.
Creme	s.m. Nata do leite.	6. qualquer preparado cremoso, espesso, consistente	5.Cul. Iguaria mais ou menos espessa, feita com leite, ovos, açúcar, etc., e usada quer como sobremesa, quer como recheio de peças de pastelaria, ou para fazer sorvete.	4. Cul. Substância grossa e pastosa feita com leite e açúcar, farinha ou ovos, us. em recheios, confeitos, ou como sobremesa

Pasta	s.f. Obra de papelão como uma folha de papel dobrada ao meyo, e coberta de coiro, de levar papéis à escola, aos Tribunáes e despachos.	2 qualquer massa assim formada	2.Substância de consistência mole, resultante da mistura de matérias sólidas e líquidas 5.Qualquer preparação culinária que tenha consistência de pasta; patê.	3. Qualquer produto ou substância alimentícia com a consistência de pasta ex.:pasta de cebola.
Papa	Guisado de farinha de trigo, cosida em agua, ou leite.	3 qualquer substância que amolece e se desfaz com o cozimento	2.Qualquer substância mole e desfeita, quando cozida. 3.Qualquer sólido reduzido a consistência pastosa.:	1. Alimento pastoso (papa de milho). 3. Substância que amolece durante cozimento*:*
Geleia	*GELÉA*, s.f. Sumo de alguns frutos por si, ou em calda de assucar, que resfriados se congelão.	1. preparado culinário de consistência pastosa, feito esp. de frutas cozidas em calda de açúcar	1. Alimento preparado com frutas cozidas em açúcar, e que, ao esfriar, toma consistência gelatinosa.	1. Cul. Preparo culinário de consistência mole, feito esp. de frutas cozidas em calda de açúcar
Chimia		*CHIMIÊ* substantivo masculino Rubrica: culinária. Regionalismo: Rio Grande do Sul. m.q. *chimíer* *CHIMÍER* geléia para passar no pão da merenda; chimiê Ex.: <c. de goiaba> <c. de pêssego>		

Fonte: Elaboração da autora

Para a elaboração do Quadro 7, foi consultada a dicionarização de todas as variantes consideradas fraseologismos, a saber: *doce de fruta; polpa de fruta; creme de fruta; pasta de fruta; papa de fruta; geleia de fruta; chimia de fruta; doce em pasta; doce de goiaba, mamão, abóbora, leite, etc.* contudo, elas não foram encontradas, porém, verificou-se que o sema mais importante de cada unidade lexical estava registrada em, pelo menos, uma obra lexicográfica. Como os exemplos de expressões que possuem como base

a unidade lexical *fruta*, que corresponde a uma parte comestível de certas plantas cultivadas ou silvestres, em sua maioria, como *doce de fruta; polpa de fruta; creme de fruta; pasta de fruta; papa de fruta; geleia de fruta; chimia de fruta*. Essas formas de nomear evidenciam como os usuários da língua, quando se comunicam, fazem diferentes combinações e, assim, sempre acrescentam novas designações ao léxico ativo das comunidades de fala.

Observa-se que, as lexias *creme, pasta* e *papa* não foram encontradas em Moraes Silva (1789) com a acepção em que foram usadas pelos informantes. A primeira, é registrada como "a nata do leite"; a segunda, como um objeto de "coiro, de levar papéis à escola [...]" e a terceira, como um preparado de farinha de trigo com água ou leite. Dessa forma, compreende-se que ao longo do tempo tais palavras ganharam novas acepções. Ademais, a lexia *polpa* já era registrada, de forma figurada, como "a polpa das frutas".

Em Ferreira (2004) e Aulete (2014), a lexia *creme* é relacionada a uma acepção distinta do que foi mencionada pelos informantes, entretanto, a aproximação dos referentes faz com que esta variante seja adotada para designar qualquer substância de consistência pastosa utilizada na culinária, assim como acontece com a lexia *papa*, cuja as significações nos dicionários dá a entender que se trata de um alimento salgado, como em, "guisado de farinha de trigo, cosida em agua, ou leite" (MOARES SILVA, 1789) ou em, "alimento pastoso - papa de milho" (AULETE, 2014), porém foi utilizada pelos informantes para nomear *a pasta feita de frutas para passar no pão*, ou seja, um alimento de sabor adocicado.

Como mencionado anterior, a variante *chimia* é a mais registrada no estado do Rio Grande do Sul para designar a pasta feita de frutas para passar no pão, entretanto, ela é registrada apenas na obra lexicográfica de Houaiss (2001), sob as entradas *chimiê* e *chimíer*, que indicam tratar-se de um regionalismo do estado e que é comum a formação pluriverbal tendo esta palavra como base, "ex.: <c. de goiaba> <c. de pêssego>".

Em continuação, tratar-se-á de cada um dos possíveis itens léxicos separadamente.

Polpa de fruta, Creme de fruta, Pasta de fruta, Papa de fruta, Geleia de fruta, Chimia de fruta

(substantivo + preposição + substantivo)

Todas essas expressões possuem como base a lexia *fruta* e como colocado os substantivos *polpa, creme, pasta, papa, geleia* e *chimi*a, ou seja, tratam-se de substantivos

ligados uns aos outros por um elemento preposicional. Em seus constituintes encontra-se coocorrência léxico-sintática, pois suas combinações ocorreram de forma natural. O mesmo ocorre com as unidades a seguir.

Doce de goiaba, mamão, abóbora, leite, etc.
(substantivo + preposição + substantivo)

Os fraseologismos mais mencionados em ambas as regiões estudadas, Centro-Oeste e Sul do Brasil, foram as formadas pela base *doce*, acrescidas dos substantivos *goiaba, morango, mamão, abóbora, etc.*, ligados uns aos outros por um elemento preposicional. Em geral, esses doces tomam designação específica com a fruta que lhe deu origem, como goiabada, bananada, pessegada, mangada, etc.

Doce de fruta
(substantivo + preposição + substantivo)

A mesma formação acontece com a variante *doce de fruta*, cujos elementos constituintes possuem coocorrência léxico-sintática, pois suas combinações ocorrem de forma natural.

Doce em pasta
(substantivo + preposição + substantivo)

Também conhecido como *doce em massa*, é o produto que resulta do cozimento de uma fruta até obter uma consistência sólida. Essa formação gráfica é consequência da relação que faz-se do produto com sua forma física.

Isto posto, entende-se que todos os fraseologismos aqui analisados como respostas válidas à questão 177 - "Como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?", nas regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil, são unidades fraseológicas que se caracterizam como colocações, pois são formadas por dois elementos, um elemento base e um elemento colocado. O elemento base é semanticamente autônomo, o elemento coocorrente é semanticamente restringido pelo elemento base, ou seja, são elementos com valor semicomposicional, o que significa dizer que seu significado só pode ser deduzido pelo conjunto dos elementos que as compõem. Além disso, são unidades que, de certa forma, seguem uma determinada estrutura morfossintática, neste caso: substantivo + preposição + substantivo.

4.3 Análise dos fraseologismos para a questão 178 - "Como se chama a carne depois de triturada na máquina?"

Para a questão 178 (QSL) "como se chama a carne depois de triturada na máquina?", foram computadas três variantes lexicais em um total de 90 ocorrências na região Centro-Oeste.

Tabela 12 - Distribuição percentual das denominações para a carne depois de triturada na máquina na região Centro-Oeste

Item lexical	Ocorrências	Porcentagem
Carne moída	84	100%
Boi ralado	5	6%
Vaca ralada	1	1%

Fonte: Elaboração da autora

Analisa-se, mediante a tabela 12, que entre as três variantes documentadas, *carne moída* é a mais realizada na região Centro-Oeste, sendo respondida por todos os informantes, seguida de longe pelas outras variantes, *boi ralado* e *vaca ralada*, que foram apresentadas como segunda reposta. A seguir, na tabela 8, pode-se observar essas variantes distribuídas entre os estados da região Centro-Oeste do Brasil.

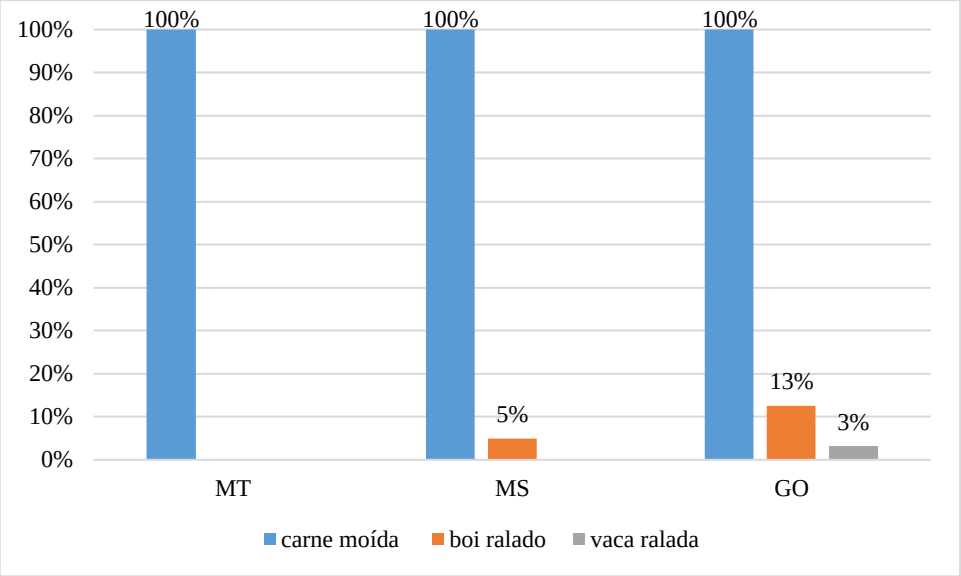
Tabela 13 - Distribuição percentual das denominações para a carne depois de triturada na máquina nos estados da região Centro-Oeste

Item lexical	MT		MS		GO	
Carne moída	32	100%	20	100%	32	100%
Boi ralado	-		1	5%	4	13%
Vaca ralada	-		-		1	3%

Fonte: Elaboração da autora

Depreende-se, a partir da tabela 13, que no estado do Mato Grosso foi realizada apenas a lexia *carne moída*, enquanto que nos outros estados teve a presença de, pelo menos, mais uma variante. A lexia *boi ralado* foi produzida por informantes tanto de Mato Grosso do Sul quanto de Goiás. Este último estado ainda computou outra variante, a *vaca ralada*. Na sequência, no Gráfico 6, pode ser visualizada a produtividade desses fraseologismos distribuídos nos estados da região Centro-Oeste.

Gráfico 3 - Fraseologismos para a pergunta 178 na região Centro-Oeste



Fonte: Elaboração da autora

No total, foram levantadas 90 ocorrências distribuídas pelas três variantes registradas. Com relação à porcentagem das variantes, obteve-se: *carne moída*, variante informada por todos os informantes, ocorreu em 100% dos estados da região Centro-oeste; em segundo lugar, *boi ralado*, produzida uma vez no estado de Mato Grosso do Sul (5%) e quatro vezes em Goiás (13%). Este último estado ainda apresentou uma outra variante, *vaca ralada* (3%), com uma ocorrência.

Ao contrário do que foi observado até agora, o estado de Goiás, especificamente nesta questão, foi o ponto que mais produziu variantes.

Já na região Sul, no conjunto das respostas para a questão "como se chama a carne depois de triturada na máquina?", foram computadas quatro variantes em um total de 180 ocorrências.

Tabela 14 - Distribuição percentual das denominações para a carne depois de triturada na máquina na região Sul

Itens lexicais	**Ocorrências**	**Porcentagem**
Carne moída	132	80%
Guisado	44	27%
Boi ralado	3	2%
Carne batida	1	1%

Fonte: Elaboração da autora

No total de denominações para *a carne depois de triturada na máquina*, na região Sul, a variante *carne moída* foi a mais realizada na região Sul, assim como na região Centro-Oeste, porém, ela não foi mencionada por todos os informantes de todos os estados. A seguir, na tabela 15, pode-se observar essas variantes distribuídas entre os estados da região Sul do Brasil.

Tabela 15 - Distribuição das denominações para *a carne depois de triturada na máquina* nos estados da região Sul

Itens lexicais	**PR**	**RS**	**SC**
Carne moída	62	35	35
Guisado	1	42	1
Boi ralado	1	-	2
Carne batida	1	-	-

Fonte: Elaboração da autora

A partir da tabela 15, observa-se a liderança da variante *carne moída* em quase todos os estados da região Sul do Brasil, exceto no estado do Rio Grande do Sul, onde produziu-se mais a variante *guisado,* com um número bem desigual de ocorrências comparando com os demais pontos. Além disso, verifica-se que o estado com maior diversidade de designativos para esta questão é o Paraná.

No agrupamento de respostas consideradas do ponto de vista fraseológico, tem-se *carne moída*, *boi ralado* e *carne batida*. Dessa forma, foi desconsiderada a lexia simples *guisado*.

A seguir, na tabela 16, tais fraseologismos podem ser observados distribuídos entre os estados da região Sul do Brasil.

Tabela 16 - Distribuição percentual das denominações fraseológicas para *a carne depois de triturada na máquina* nos estados da região Sul

Itens lexicais	**PR**	**RS**	**SC**
Carne moída	97%	55%	97%
Boi ralado	2%	-	6%
Carne batida	2%	-	-

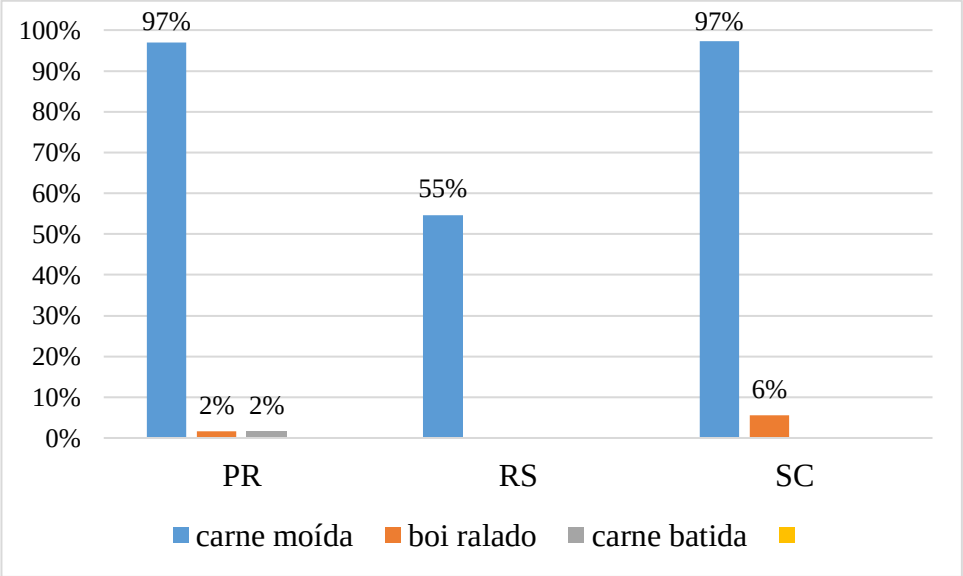
Fonte: Elaboração da autora

Compreende-se, a partir da tabela 16, que no estado do Rio Grande do Sul, o uso da lexia *carne moída*, para referir-se *a carne depois de triturada na máquina*, ainda que tenha sido utilizada pela maioria dos informantes, 55%, não é tão produtiva quanto nos demais estados da região Sul. Além disso, o estado produziu apenas um fraseologismo como

resposta. A lexia *boi ralado* foi produzida por informantes tanto de Mato Grosso do Sul quanto de Goiás. Este último estado ainda computou outra variante, a *vaca ralada*.

Na sequência, no Gráfico 8, pode ser visualizada a produtividade desses fraseologismos distribuídos nos estados da região Centro-Oeste.

Gráfico 4 - Fraseologismos para a pergunta 178 na região Sul



Fonte: Elaboração da autora

Com relação à porcentagem das variantes, obteve-se a sequência fraseológica *carne moída*, com 97% de produtividade nos estados do Paraná e Santa Catarina. Isso corresponde a 62 ocorrências no primeiro estado e 35 no segundo; enquanto que, no Rio Grande do Sul, com 55%, esta variante foi produzida 35 vezes pelos informantes deste ponto, demonstrando que, cerca da metade dessa comunidade de fala elege a lexia simples *guisado* para referir-se a carne depois de triturada na máquina. Em segundo lugar, *boi ralado,* foi produzida uma vez no estado do Paraná (2%) e duas vezes em Santa Catarina (6%). O Paraná ainda apresentou uma outra variante, *carne batida* (2%), também com uma ocorrência.

Na busca pela dicionarização dos fraseologismos levantados, verificou-se que nenhum deles estão registrados nas obras lexicográficas consultadas, dessa forma, como escolha metodológica, as quatro unidades pluriverbais fornecidas como respostas à pergunta 178 (QSL/ ALiB) nas regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil, a saber: *carne moída, carne batida, boi ralado* e *vaca ralada*, foram analisadas considerando o sema mais importante. A análise semântica dessas unidades pode ser conferida a seguir

Quadro 8 - Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam a carne depois de triturada na máquina

Item lexical	Moraes Silva (1789)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)	Aulete (2014)
Carne	s.f. Substancia molle, sanguínea, fibrosa, que está entre a pelle, e os ossos dos animáes.	2. a porção comestível de mamíferos, aves, peixes. Ex.: c. de boi, galinha, atum	Substantivo feminino. 3.A carne dos mamíferos e, às vezes, das aves, encarada como alimento: *carne de porco; Não posso comer carne*. [Sin., inf., nesta acepç.: *chicha*.] 4.P. ext. A parte mole e comestível do corpo de certos animais:	sf. 3. A porção comestível de mamíferos, aves, peixes ou qualquer outra espécie animal
Boi	s.m. O macho da espécie vacum.	2. Rubrica: zootecnia. O macho dos vacuns	1.Zool. Animal mamífero, artiodáctilo, ruminante, bovídeo, pertencente ao gênero *Bos*. Os chifres são em par, ocos, não ramificados, permanentes. Incluem-se no gênero as raças domésticas, largamente utilizadas pelo homem. [Cf. *touro* (1) e *vaca* (1).]	1. Zool. Animal mamífero do gênero *Bos*, da família dos bovídeos, ruminantes, de chifres pares, ocos e pontiagudos, e dos quais há raças domesticadas (da espécie *Bos taurus*) e largamente utilizadas pelo homem para produção de carne, couro e para execução de trabalhos agrícolas.
Vaca	s.f. A femea do boi, em idade perfeita de parir.	Substantivo feminino 1. A fêmea do boi. 2. Derivação: por metonímia. Rubrica:	Substantivo feminino. 1.Zool. A fêmea do touro. 2.A carne de boi ou vaca que se vende para consumo	Sf. 1. Zool. A fêmea do boi 2. A carne bovina vendida como alimento nos açougues:

		alimentação. A carne bovina us. como alimento	alimentício.	

Fonte: Elaboração da autora

Verificou-se que o sema mais importante de cada unidade fraseológica estudada encontra-se registrado em todos os dicionários examinados, como os exemplos de expressões que possuem como base a unidade lexical *carne*, que corresponde a parte comestível dos animais, como *carne moída* e *carne batida*. Essas formas de nomear evidenciam como os usuários da língua, quando se comunicam, fazem diferentes combinações e, assim, sempre acrescentam novas designações ao léxico ativo das comunidades de fala. O mesmo ocorre com as unidades léxicas *boi ralado* e *vaca ralada*, ambos são formados pelos semas *boi* e *vaca*, que correspondem ao animal do qual é retirada a carne para consumo, acrescida do adjetivo ralado(a), que concorda com a forma com a qual a carne encontra-se depois de triturada pela máquina.

Dessa forma, todas essas unidades pluriverbais obedecem a um padrão de formação: substantivo + adjetivo, comum entre unidades fraseológicas classificadas como colocações. Essas sequências seguem essa determinada estrutura morfossintática que auxilia no seu reconhecimento, sendo aprovadas pelo uso e memorizadas por seus falantes. Outra característica que admite essa classificação é o fato de serem coocorrências convencionais resultantes de forte restrição semântica de seleção.

4.4 Análise dos fraseologismos para a questão 182 – "Como se chama a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?"

As respostas fornecidas pelos informantes revelam predominância da variante *pinga* na região Centro-Oeste do Brasil para referir-se a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar.

Tabela 17 - Distribuição percentual das denominações para *a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar* na região Centro-Oeste

Item lexical	Ocorrências	Percentual
Pinga	75	58%
Cachaça	36	28%
Aguardente	7	5%

Pinga de alambique	3	2%
Pinga do engenho	2	2%
Caninha	2	2%
Caninha branca	1	1%
Branquinha	1	1%
"51"	1	1%
Manguaça	1	1%
Pirassununga	1	1%

Fonte: Elaboração da autora

Verifica-se, mediante o conteúdo da tabela 18, que entre as 11 variantes documentadas, *pinga* é a mais produzida na região Centro-Oeste, seguida pela variante *cachaça* e, de longe, pelas demais: *aguardente, pinga de alambique, pinga de engenho* e *caninha.* As outras, *caninha branca, branquinha, "51", manguaça* e *pirassununga*, tiveram apenas uma ocorrência cada uma. A seguir, na tabela 19, tais variantes podem ser observadas distribuídas entre os estados da região Centro-Oeste do Brasil.

Tabela 18 - Distribuição das denominações para *a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar* na região Centro-Oeste

Item lexical	**GO**	**MS**	**MT**
Pinga	29	15	28
Cachaça	10	8	17
Aguardente	2	3	2
Pinga de alambique	2	1	-
Pinga do engenho	1	-	1
Caninha	-	-	2
Caninha branca	-	-	1
Branquinha	-	1	-
"51"	1	-	-
Manguaça	-	-	1
Pirassununga	-	-	1

Fonte: Elaboração da autora

A partir da tabela 19, observa-se a liderança da variante *pinga* em todos os estados da região Centro-Oeste do Brasil. Além disso, verifica-se uma maior diversidade de designativos no estado do Mato Grosso em relação aos demais estados para referir-se a bebida alcoólica feita de cana de açúcar.

No conjunto de respostas para a questão 182 (QSL), na região Centro-Oeste, foram computadas três variantes possíveis de descrição sob a ótica da fraseologia, a saber: *pinga de alambique, pinga de engenho* e *caninha branca.* Dessa forma, foram desconsideradas as lexias simples, como *pinga, cachaça, aguardente, etc.* A seguir, na tabela 20, tais fraseologismos podem ser observados distribuídos entre os estados da região Centro-Oeste do Brasil.

Tabela 19 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para *a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar* nos estados da região Centro-Oeste

Item lexical	**GO**	**MS**	**MT**
Pinga de alambique	6%	5%	-
Pinga do engenho	3%	-	3%
Caninha branca	-	-	3%

Fonte: Elaboração da autora

De acordo com a tabela 20, verificou-se pouca produtividade de unidades pluriverbais para referir-se a bebida alcoólica feita de cana de açúcar na região Centro-Oeste, sobretudo no estado de Mato Grosso do Sul, que registrou apenas uma. Além de serem poucas as variantes, os números de ocorrências de cada uma delas é, praticamente, mínima.

Com relação à porcentagem das variantes, obteve-se a sequência fraseológica *pinga de alambique* com o maior número de ocorrências, ao todo foram três, duas em Goiás, 6%, e uma em Mato Grosso do Sul, 5%. Depois, *pinga de engenho* foi a mais produtiva, com duas ocorrências, uma em Goiás, 3%, e uma em Mato Grosso, 3%. Ademais, observa-se que o estado do Mato Grosso do Sul produziu apenas um fraseologismo como resposta para a pergunta 182 e, no estado do Mato Grosso, registrou-se uma variante que não verificou-se nos demais estados, *caninha branca*, com uma ocorrência, 3%.

As respostas fornecidas pelos informantes revelam predominância da variante *cachaça* na região Sul do Brasil para referir-se a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar.

Tabela 20 - Distribuição percentual das denominações para *a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar* na região Sul

Itens lexicais	**Ocorrências**	**Porcentagem**
Cachaça	141	47%
Pinga	88	30%
Aguardente	26	9%

Cana/caninha	14	5%
Canha	12	4%
Graspa	2	1%
A/aquela que matou o guarda	2	1%
Água que passarinho não bebe	2	1%
Branquinha	2	1%
Birita	1	0%
Marafo	1	0%
Goró	1	0%
A bandida	1	0%
A bendita	1	0%
Cagibrina	1	0%
Titila	1	0%
Velho Barreiro	1	0%

Fonte: Elaboração da autora

No conjunto de respostas fornecidas à pergunta 182 (QSL/ALiB) na região Sul, foram computadas 18 variantes num total de 298 ocorrências. A variante mais produzida foi *cachaça*, seguida da variante *pinga* e, mais ao longe, da variante *aguardente* e demais. Nove lexias, entre elas, *branquinha*, *birita*, *marafo*, *goró*, etc. tiveram apenas uma ocorrência. A seguir, na tabela 22, todas as variantes computadas podem ser observadas distribuídas entre os estados da região Sul do Brasil.

Tabela 21 - Distribuição das denominações para a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar na região Sul

Itens lexicais	PR	RS	SC
Cachaça	47	61	33
Pinga	59	13	16
Aguardente	20	2	4
Cana/caninha	10	4	-
Canha	-	12	-
Graspa	1	-	1
A/aquela que matou o guarda	2	-	-
Água que passarinho não bebe	1	1	-
Branquinha	2	-	-
Birita	1	-	-
Marafo	1	-	-
Goró	1	-	-
A bandida	-	1	-
A bendita	-	-	1
Cagibrina	1	-	-
Titila	-	-	1
Velho Barreiro	-	-	1

Fonte: Elaboração da autora

De acordo com os dados da tabela 22, a lexia *cachaça* foi a mais computada em quase toda a região Sul, sobretudo, no estado do Rio Grande do Sul. Entretanto, no estado do Paraná, a variante mais produzida foi *pinga*, assim como nos estados da região Centro-Oeste. Tal semelhança pode ser resultante da aproximação deste estado com a região central do Brasil. Ainda no Paraná, a lexia *aguardente* teve significativa produção, assim como *cana* e seu diminutivo, *caninha.* No Rio Grande do Sul, uma variante que também chama a atenção é *canha.*

No conjunto de respostas para *a bebida alcoólica feita de cana de açúcar*, foram computadas quatro variantes classificáveis como fraseologismos, a saber: *a/aquela que matou o guarda*, *água que passarinho não bebe*, *a bandida* e *a bendita*. Estas duas últimas

denominações têm como motivação a relação entre as mulheres a bebida alcoólica, que, segundo o senso comum, são duas coisas que tiram os homens do sério. Há a ainda outras designações para a bebida alcoólica feita de cana de açúcar motivadas pela referência ao sexo feminino como, “aquelazinha”, “filha do senhor do engenho”, “maria louca”, entre outras, porém que não foram encontradas no *corpus* desta pesquisa.

A seguir, na tabela 23, tais fraseologismos podem ser observados distribuídos entre os estados da região Centro-Oeste do Brasil.

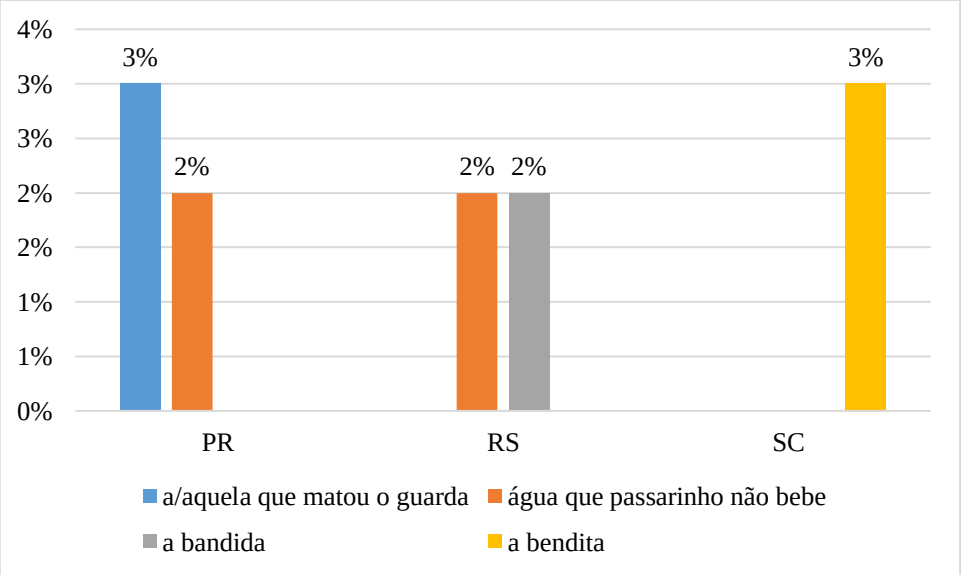
Tabela 22 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para *a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar* nos estados da região Sul

Itens lexicais	PR	RS	SC
A/aquela que matou o guarda	3%	-	-
Água que passarinho não bebe	2%	2%	-
A bandida	-	2%	-
A bendita	-	-	3%

Fonte: Elaboração da autora

Assim como na região Centro-Oeste, verificou-se pouca produtividade de unidades pluriverbais para referir-se a bebida alcoólica feita de cana de açúcar na região Sul, sobretudo no estado de Santa Catarina, que registrou apenas uma. Além de serem poucas as variantes, os números de ocorrências de cada uma delas é mínimo. Na sequência, no Gráfico 10, pode-se visualizar a produtividade desses fraseologismos distribuídos nos estados da região Centro-Oeste.

Gráfico 5 - Fraseologismos para a pergunta 182 na região Sul



Fonte: Elaboração da autora

As sequências fraseológicas mais produtivas foram *a/aquela que matou o guarda* e *água que passarinho não bebe*. A primeira, foi mencionada duas vezes, 3%, no estado do Paraná, enquanto que *água que passarinho não bebe* também teve duas ocorrências, porém em estados diferentes, uma no Paraná, 2%, e uma no Rio Grande do Sul, 2%. Ainda no último estado, registrou-se a lexia *a bandida*, com uma ocorrência, 2%. Já em Santa Catarina, a única variante pluriverbal fornecida foi *a bendita*, com uma ocorrência, 3%.

No geral, para nomear a "a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar" foram discutidas sete sequências fraseológicas nas duas regiões de estudo, a saber: *pinga de alambique, pinga de engenho, caninha branca, a/aquela que matou o guarda, água que passarinho não bebe, a bandida* e *a bendita*. O quadro 9 registra a dicionarização desses fraseologismos segundo diferentes dicionários.

Quadro 9 - Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam *a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar*

Item lexical	**Moraes Silva (1789)**	**Houaiss (2001)**	**Ferreira (2004)**	**Aulete (2014)**
Pinga de alambique				
Pinga do engenho				
Caninha branca				
A/ Aquela que matou o guarda				
Água que passarinho não bebe		Substantivo feminino. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. Aguardente de cana; cachaça	Substantivo feminino. 1.Bras. Pop. V. *cachaça* (1).	Verbete original: s. f. || I (Bras.) (glr.) aguardente, cachaça. Verbete atualizado: (á.gua que pas.sa. ri. nho não *be*.be) sf.1. Bras. Pop. Aguardente, cachaça
A bandida				
A bendita				

Fonte: Elaboração da autora

Os itens elencados no Quadro 9, em sua maioria, não estão dicionarizados nas obras lexicográficas examinadas, mas tratam-se de fraseologismos solidificados pelo uso oral, que, embora não estejam registrados em dicionários, estão em vias de cristalização.

A partir das informações lexicográficas dos sete itens léxicos, depreende-se que apenas um está dicionarizado, embora os demais sejam de uso e conhecimento comum dentro da comunidade linguística.

A única lexia encontrada entre os dicionários consultados é *água que passarinho não bebe*. Esta está registrada em Houaiss (2001), Ferreira (2004) e Aulete (2014) como um substantivo feminino, de uso informal, que corresponde ao sinônimo de aguardente, cachaça.

Tal sequência fraseológica e outras aqui analisadas, a saber: *a/aquela que matou o guarda*, *a bandida* e *a bendita* são consideradas locuções. São características deste grupo, o significado além do sentido literal de suas constituintes; a independência contextual menor, por serem combinações fixas, e a idiomaticidade.

Por causa do conhecimento do sentido não composicional das locuções, sabe-se que em *a/aquela que matou o guarda*, não está querendo dizer que uma substância nociva matou uma pessoa cujo serviço é o de vigiar e zelar pela segurança de um lugar ou alguém, assim como em *água que passarinho não bebe* sabe-se que não se trata de uma água imprópria para o consumo dos pássaros, porém, em ambos os exemplos, fala-se sobre a bebida alcoólica feita de cana de açúcar, a cachaça, a aguardente.

Quanto as demais lexias, *pinga de alambique*, *pinga de engenho* e *caninha branca*, pode-se considerá-las colocações, uma vez que possuem uma lexia como base um colocado. No caso das duas primeiras sequências fraseológicas, tem-se o sema principal *pinga* acrescido das lexias *alambique* e *engenho*, enquanto que em *caninha branca*, a base é formada pelo sema *caninha* (cana), acrescido do adjetivo *branca*, que poderia ser, facilmente, substituído por outros adjetivos, tais como, *branquinha*, *amarela/amarelinha*, entre outras palavras que pudessem se comportar como um predicativo dado à cana (pinga).

4.5 Análise dos fraseologismos para a questão 183 – "Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou_____."

Para a questão 183 (QSL) "quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: comi tanto que estou _____", foram computadas 25 variantes lexicais num total de 97 ocorrências na região Centro-Oeste.

Tabela 23 - Distribuição percentual das denominações para *a pessoa que acha que comeu demais* na região Centro-Oeste

Itens lexicais	Ocorrências	Porcentagem
Cheio	24	29%
Ansiado/ “assiado”	21	25%
Empanzinado	9	11%
Fadigado	5	6%
Enfastiado/ “enfartiado”	4	5%
Empachado	4	5%
Estourando	2	2%
Satisfeito	3	4%
Repunando	3	4%
Empanturrado	3	4%
Estufado	2	2%
Enjoado	2	2%
Saciado	2	2%
Enfadado	2	2%
Ansioso	1	1%
Enfarado	1	1%
Farto/ Enfartado	2	2%
Esbaforido	1	1%
Com mal-estar	1	1%
Com o estômago cheio	1	1%
Com a barriga cheia	1	1%
Com o estômago embrulhado	1	1%
Angustiado	1	1%
Entrei abaixado	1	1%

Fonte: Elaboração da autora

Verifica-se, mediante a tabela 24, que entre as 25 variantes documentadas, *cheio* é a mais produzida na região Centro-Oeste, seguida de *ansiado/ “assiado”* e, de longe, pelas demais variantes, tais como, *empanzinado, fadigado, enfastiado/ “enfartiado”* e *empachado.* Há ainda aquelas variantes que foram mencionadas poucos vezes, como é caso de *ansioso, enfarado, enfartado, etc.* A seguir, na tabela 25, podem ser observadas as variantes distribuídas entre os estados da região Centro-Oeste do Brasil.

Tabela 24 - Distribuição das denominações para a pessoa que acha que comeu demais na região Centro-Oeste

Itens lexicais	Goiás	Mato Grosso do Sul	Mato Grosso
Cheio	8	6	10
Ansiado/” assiado”	11	6	4
Empanzinado	2	1	6

Fadigado	1	1	3
Enfastiado/ “enfartiado”	2	2	-
Empachado	-	3	1
Estourando	-	1	1
Satisfeito	1	2	-
Repunando	2	-	1
Empanturrado	2	-	1
Estufado	-	2	-
Enjoado	1	-	1
Saciado	1	-	1
Enfadado	-	-	2
Ansioso	-	-	1
Enfarado	1	-	-
Farto/ Enfartado	2	-	-
Esbaforido	1	-	1
Com mal-estar	-	1	-
Com o estômago cheio	-	-	1
Com a barriga cheia	1	-	-
Com o estômago embrulhado	1	-	-
Angustiado	-	-	1
Entrei abaixado	-	-	1

Fonte: Elaboração da autora

Ao observar a tabela 25, depreende-se que, ao distribuir as variantes fornecidas a questão 183 (QSL) entre os estados da região Centro-Oeste, há uma inconstância quanto ao número de ocorrências. A lexia *cheio* foi a variante mais produtiva na região, como um todo, sobretudo, no estado do Mato Grosso, entretanto, a segunda variante mais recorrente na região, *ansiado/ “assiado”*, foi a mais utilizada pelos informantes do estado de Goiás. Além disso, verifica-se uma maior diversidade de designativos para *a pessoa que acha que comeu demais* nos estados de Goiás e Mato Grosso, enquanto que em Mato Grosso do Sul computaram-se ocorrências distintas.

No conjunto de respostas para *a pessoa que acha que comeu demais*, foram computadas cinco variantes classificáveis como fraseologismos, a saber: *com mal-estar, com estômago cheio, com a barriga cheia, com o estômago embrulhado* e *entrei abaixado.* Dessa forma, foram desconsideradas as lexias simples, como *cheio, fadigado, ansiado, enfarado, empachado,* entre outros.

A seguir, na tabela 26, tais fraseologismos podem ser observados distribuídos entre os estados da região Centro-Oeste do Brasil.

Tabela 25 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para *a*

pessoa que acha que comeu demais na região Centro-Oeste

Itens lexicais	**Goiás**	**Mato Grosso do Sul**	**Mato Grosso**
Com mal-estar	-	3%	-
Com o estômago cheio	-	-	5%
Com a barriga cheia	3%	-	-
Com o estômago embrulhado	3%	-	-
Entrei abaixado	-	-	5%

Fonte: Elaboração da autora

Registram-se poucas unidades pluriverbais para referir-se *a pessoa que acha que comeu demais* na região Centro-Oeste, sobretudo, no estado do Mato Grosso do Sul, que registrou apenas uma. Além de serem poucas as variantes, os números de ocorrências de cada uma delas é mínimo.

No geral, as sequências fraseológicas não se repetiram em mais de um estado. Em Goiás, produziram-se as variantes *com a barriga cheia* e *com o estômago embrulhado*, ambas com apenas um ocorrência, 3%. Em Mato Grosso do Sul, a única lexia complexa apontada foi *com mal-estar,* com uma ocorrência, 3%. Já em Mato Grosso, duas lexias foram computas, *com o estômago cheio* e *entrei abaixado,* também com uma ocorrência cada, 5%.

No conjunto das respostas para "como a pessoa se sente quando acha que comeu demais", foram computadas, na região Sul, 44 variantes em um total de 126 ocorrências, sendo a lexia *estufado* a mais recorrente.

Tabela 26 - Distribuição percentual das denominações para *a pessoa que acha que comeu demais* na região Sul

Itens lexicais	Ocorrências	Percentual
Estufado	50	30%
Cheio	43	26%
Enjoado	14	9%
Passando mal	11	7%
Ansiado	10	6%
Empanturrado	9	5%
De/com barriga cheia	7	4%
Farto	6	4%
Empanzinado	6	4%
Estourando	6	4%
Fadigado	4	2%
Com estômago pesado	4	2%
Satisfeito	4	2%

Enfastiado/ fastiado	3	2%
Explodindo	3	2%
Mal	3	2%
Com má digestão	2	1%
Com mal estar	2	1%
Com o estômago cheio	2	1%
Embuchado	2	1%
Empachado	2	1%
Enfarado	2	1%
Me sentindo mal	1	1%
Sufocado	2	1%
Com dor no estômago	2	1%
Agoniado	1	1%
Com azia	1	1%
Angustiado	1	1%
Extasiado	1	1%
Para arrebentar	1	1%
Sem ar	1	1%
Embrulhando o estômago	1	1%
Com a barriga doendo	1	1%
Com a barriga grande	1	1%
Comi que nem gambá	1	1%
Comi que nem porco	1	1%
Me empanturrei de tanto comer	1	1%
Com a pança cheia	1	1%
Morrendo	1	1%
Pesado	1	1%
Ruim	1	1%
Bucho cheio	1	1%
Comi demais	1	1%
Me fez mal	1	1%

Fonte: Elaboração da autora

De acordo com as informações da tabela 27, a variante *estufado* foi a lexia mais produtiva entre os informantes da região Sul, seguida, de perto, pela variante *cheio* e, de longe, por demais lexias, como *enjoado, passando mal, ansiado, etc.* Ainda tiveram muitos itens que foram computados apenas uma vez, como é o caso das lexias simples, *agoniado, angustiado, extasiado, etc.* e das lexias complexas *com azia, para arrebentar, comi que nem porco, etc.* A seguir, na tabela 28, as variantes podem ser observadas distribuídas entre os estados da região Sul do Brasil.

Tabela 27 - Distribuição das denominações para a pessoa que acha que comeu demais nos estados da região Sul

Itens lexicais	PR	RS	SC
Estufado	14	22	14
Cheio	18	18	7
Enjoado	5	7	2
Passando mal	7	2	2
Ansiado	3	5	2
Empanturrado	8	-	-
De/com barriga cheia	3	3	1
Farto	-	6	-
Empanzinado	3	-	3
Estourando	2	1	3
Fadigado	4	-	-
Com estômago pesado	4	-	-
Enfastiado/ “fastiado”	2	-	1
Explodindo	2	-	1
Mal	-	2	1
Satisfeito	2	2	-
Agoniado	-	-	1
Com azia	1	-	-
Angustiado	1	-	-
Com má digestão	1	-	1
Com mal estar	2	-	-
Com o estômago cheio	-	1	1
Embuchado	-	2	-
Empachado	2	-	-
Enfarado	-	2	-
Extasiado	1	-	-
Me sentindo mal	-	1	-
Para arrebentar	-	1	-
Sem ar	1	-	-
Sufocado	2	-	-
Com dor no estômago	-	2	-
Embrulhando o estômago	1	-	-
Com a barriga doendo	1	-	-
Com a barriga grande	1	-	-
Comi que nem gambá	1	-	-

Comi que nem porco	1	-	-
Me empanturrei de tanto comer	-	-	1
Com a pança cheia	1	-	-
Morrendo	-	-	1
Pesado	1	-	-
Ruim	-	1	-
Bucho cheio	1	-	-
Comi demais	-	1	-
Me fez mal	1	-	-

Fonte: Elaboração da autora

Embora *estufado* tenha sido a denominação mais apontada na região Sul, considerando o todo, ela foi mais predominante nos estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, enquanto que, no estado do Paraná, a designação mais registrada foi *cheio.* Além disso, o Paraná também foi o estado que computou maior diversidade de denominações para *"quando a pessoa acha que comeu demais".*

Como escolha metodológica, as respostas fornecidas à questão 183 (QSL) foram analisadas e agrupadas quando possíveis. Dessa forma, respostas como *me sentindo mal* e *me fez mal* foram agrupadas à sequência *com mal-estar,* assim como, as formas que apresentavam sinônimos, como em *barriga cheia, pança cheia, bucho cheio,* foram colocadas em conjunto.

No conjunto de respostas para *a pessoa que acha que comeu demais*, foram computadas 18 variantes consideradas do pontos de vista fraseológico, agrupadas em 11 itens.

A seguir, na tabela 29, tais itens fraseológicos podem ser observados distribuídos entre os estados da região Sul do Brasil.

Tabela 28 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para *a pessoa que acha que comeu demais* na região Sul

Itens lexicais	**PR**	**RS**	**SC**
Com barriga/estômago/pança/bucho cheio (a)	8%	6%	6%
Com estômago pesado	6%	-	-
Com má digestão	2%	-	3%
Com mal estar	5%	2%	-
Para arrebentar	-	2%	-
Com dor no(a) estômago/barriga	2%	3%	-
Embrulhando o estômago	2%	-	-
Com a barriga grande	2%	-	-

Comi que nem gambá/porco	3%	-	-
Me empanturrei de tanto comer	-	-	3%
Comi demais	-	2%	-

Fonte: Elaboração da autora

As sequências fraseológicas formadas pelos sinônimos *barriga* acrescidos do adjetivo *cheio*, foram registradas em todos os estados, sobretudo, no Paraná, com 5 ocorrências, 8%; no Rio Grande do Sul com quatro, 6%; e em Santa Catarina com duas, 6%. Alguns itens foram encontrados apenas em um estado, como é o caso de *com estômago pesado, embrulhando o estômago, com a barriga grande* e *comi que nem gambá/porco*, no Paraná; *para arrebentar* e *comi demais*, no Rio Grande do Sul e *me empanturrei de tanto comer* em Santa Catarina. Os demais foram encontrados em dois estados, como *com má digestão*, no Paraná e em Santa Catarina; *com mal-estar* e *com dor na barriga/estômago*, no Paraná e no Rio Grande do Sul.

A tabela 29 mostra que a sequência fraseológica com maior produtividade foi *de/com barriga cheia*, no estado do Paraná, com cinco ocorrências, que equivale a 8% da produção nesse estado. Esta variante também foi fornecida pelos informantes do estado do Rio Grande do Sul, com quatro ocorrências, 6%, e de Santa Catarina, com duas ocorrências, 6%.

Em seguida, os dois fraseologismos mais produtivos foram *com o estômago pesado* e *com mal-estar*. O primeiro, foi mencionado apenas no Paraná, com quatro ocorrências, 6%; e o segundo, foi computado também quatro vezes, porém com três ocorrências no Paraná, 5%; e uma no Rio Grande do Sul, 2%.

Ainda no estado do Paraná computaram-se outras variantes, como *comi que nem gambá/porco*, com duas ocorrências, 3%; e outras com ocorrências únicas, como é o caso de *com má digestão, com dor no(a) estômago/ barriga, embrulhando o estômago* e *com a barriga grande*, que corresponde a 2% dos dados.

O Rio Grande do Sul foi o segundo estado a produzir mais designativos para *a pessoa que acha que comeu demais*. Além dos já mencionados, este estado ainda registrou, com duas ocorrências, *com dor no(a) estômago/ barriga*, 3%; além de, *para arrebentar* e *comi demais*, com uma ocorrência cada, 2%.

Santa Catarina foi o estado que apresentou a menor quantidade de unidades pluriverbais como respostas à questão 183. Além de *com a barriga cheia*, registraram-se *com má digestão* e *me empanturrei de tanto comer*, com uma ocorrência apenas, 2%.

No geral, para nomear "quando a pessoa acha que comeu demais", foram discutidas

16 sequências fraseológicas nas duas regiões de estudo, a saber: *mal-estar, barriga cheia, entrar abaixado, estômago embrulhando, má digestão, para arrebentar, barriga grande, comer que nem porco/gambá, comer demais, estômago pesado, dor de estômago/barriga, barriga grande, se empanturrar de tanto comer*. O quadro 10 registra a dicionarização desses fraseologismos segundo diferentes dicionários.

Quadro 10 - Dicionarização das unidades léxicas que nomeia quando *a pessoa acha que comeu demais*

Item lexical	**Moraes Silva (1789)**	**Houaiss (2001)**	**Ferreira (2004)**	**Aulete (2014)**
Mal-estar		Substantivo masculino. Sensação desagradável de perturbação do organismo; indisposição que não chega a configurar doença; incômodo, indisposição	Substantivo masculino. Indisposição ou perturbação orgânica; doença de pouca gravidade; incômodo: *ex.: um mal-estar no estômago.*	
Barriga/pança cheia				
Entrar abaixado				
Estômago embrulhando				
Má digestão				
Para arrebentar				
Comer que nem porco/ gambá				
Comer demais				
Estômago pesado				

Dor de estômago/barriga				
Barriga grande				
Se empanturrar de tanto comer				

Fonte: Elaboração da autora

No conjunto da análise dos fraseologismos, observa-se que apenas um item encontra-se dicionarizado nas obras lexicográficas de Houaiss (2001) e Ferreira (2004), *mal-estar*. Segundo os dicionários, *mal-estar* configura-se como uma indisposição do organismo, além disso, na segunda obra, encontra-se um exemplo que justifica o uso desta sequência pelo informante: "um mal-estar no estômago" (FERREIRA, 2004).

As demais unidades pluriverbais registradas não estão dicionarizadas, como é o caso de e*stômago embrulhando*, entretanto, o verbo *embrulhar*, possui entrada nos dicionários Houaiss (2001) e Ferreira (2004) com a acepção de enjoo, náusea e indisposição. Além disso, na primeira obra lexicográfica, ainda é apontado como exemplo "cheiro de gordura embrulha o estômago" (HOUAISS, 2001), o que justifica o uso feito pelo falante.

Já a sequência *para arrebentar* também não está dicionarizada, porém, em Ferreira (2004), o verbo *arrebentar* apresenta a acepção "fazer, ou praticar algo em excesso", com o exemplo: "arrebentar-se de trabalhar". Dessa forma, *para arrebentar*, no sentido como foi empregado pelo informante, significa arrebentar-se de tanto comer, ou seja, comer em excesso.

Em continuidade, tratar-se-á de cada um dos possíveis itens léxicos separadamente.

Mal-estar
(advérbio + verbo)

Má digestão
(adjetivo + substantivo)

Configuram-se como expressões linguísticas formadas por uma base e um colocado. Em seus constituintes encontra-se coocorrência léxico-sintática, ou seja, dão a impressão que a combinação se deu de forma natural.

Comer que nem porco/ gambá

(verbo + conjunção + substantivo)

Essa combinação é uma comparação hiperbólica que traduz um exagero por parte do enunciador e representa um estereótipo cultural. Nesse caso, o *como* foi substituído na linguagem mais despreocupada por "que nem", que é um morfema de comparação ambíguo, porque se serve de mais de uma interpretação. Desta maneira, pode indicar tanto uma conformidade como uma ideia de semelhança: *comi que nem porco*. Aqui, o verbo e o substantivo, em torno do qual se estabelece a comparação, são o núcleo de uma dupla relação de sentido com o comparante e o comparado.

Quanto ao funcionamento interno dessas unidades, pode-se concluir que os sujeitos comparados possuem traços semânticos específicos e são concedidos à eles predicativos (gordo, cheio, grande, pesado...) ou elementos verbais (beber, comer, andar...). Essas circunstâncias enunciativas, então, são ligadas aos comparantes, ou seja, aos referencias escolhidos e estabelecidos pelos falantes, elaborados em distintos campos semânticos.

No mais, as lexias que não foram analisadas isoladamente caracterizam-se como colocações, que aparecem formadas de duas ou mais unidades lexicais de um modo frequente. No que diz respeito a esta caraterística, é importante dizer que o fato da coocorrência não significa que os elementos dessas sequências tenham de aparecer necessariamente sempre juntos, visto que podem apresentarem-se com palavras distintas entre eles.

4.6 Análise dos fraseologismos para a questão 184 – "Como se chama uma pessoa que normalmente come demais?"

Para a questão 184 (QSL) "como se chama uma pessoa que normalmente come demais?", foram computadas 17 variantes lexicais em um total de 103 ocorrências na região Centro-Oeste.

Tabela 29 - Distribuição das denominações para *a pessoa que normalmente come demais* nos estados da região Centro-Oeste

Itens Lexicais	Ocorrências	Porcentagem
Guloso	47	56%
Comilão	21	25%
Danado	7	8%
Esfomeado	6	7%

Esganado	3	4%
Morto de fome	3	4%
Larido	3	4%
Faminto	2	2%
Olho grande	2	2%
Tem o olho maior do que a barriga	2	2%
Bom de boca	1	1%
Barriga quebrada	1	1%
Comedor	1	1%
Esgolepado	1	1%
Esgalameda	1	1%
Surrão	1	1%
Desesperado	1	1%

Fonte: Elaboração da autora

No conjunto de respostas fornecidas à pergunta 184 (QSL/ALiB) na região Centro-Oeste, a variante mais recorrente *guloso*, seguida da variante *comilão* e, mais ao longe, das variantes *danado, esfomeado, esganado* e demais. A maioria das lexias apontadas são simples, no total, doze, entre elas, *larido, faminto, surrão, etc*. A seguir, na tabela 31, todas as variantes computadas podem ser observadas distribuídas entre os estados da região Centro-Oeste do Brasil.

Tabela 30 - Distribuição das denominações para *a pessoa que normalmente come demais* nos estados da região Centro-Oeste

Itens Lexicais	**GO**	**MS**	**MT**
Guloso	18	8	21
Comilão	8	5	8
Danado	-	3	4
Esfomeado	1	1	4
Esganado	-	3	-
Morto de fome	2	-	1
Larido	-	1	2
Faminto	-	2	-
Olho grande	-	1	1
Tem o olho maior do que a barriga	-	2	-
Bom de boca	1	-	-
Barriga quebrada	-	-	1
Comedor	1	-	-
Esgolepado	1	-	-
Esgalameda	-	-	1
Surrão	1	-	-

Desesperado	1	-	-

Fonte: Elaboração da autora

A partir da tabela 31, observa-se a liderança da variante *guloso* em todos os estados da região, seguida da variante *comilão*. Além disso, verifica-se que a quantidade de designativos para *a pessoa que normalmente como demais* em todos os estados é a mesma, nove.

No conjunto de respostas para a questão 184, foram computadas quatro variantes válidas, ou seja, que foram consideradas fraseologismos, a saber: *morto de fome, olho grande, olho maior que a barriga* e *bom de boca.* Dessa forma, foram desconsideradas todas as lexias simples.

A seguir, na tabela 32, tais fraseologismos podem ser observados distribuídos entre os estados da região Centro-Oeste do Brasil.

Tabela 31 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para *a pessoa que normalmente come demais* nos estados da região Centro-Oeste

Itens Lexicais	**GO**	**MS**	**MT**
Morto de fome	6%	-	3%
Olho grande	-	5%	3%
Olho maior que a barriga	-	10%	-
Bom de boca	3%	-	-

Fonte: Elaboração da autora

De acordo com os dados da tabela 32, nenhum dos fraseologismos apontados foram computados nos três estados da região e alguns, como é o caso de *olho maior que a barriga* e *bom de boca*, foram registrados em apenas um estado. Além disso, verifica-se uma pequena quantidade de unidades pluriverbais para referir-se à "pessoa que normalmente come demais", na região central do país. Na sequência, no Gráfico 13, pode-se visualizar a produtividade desses fraseologismos distribuídos pelos estados da região Centro-Oeste.

Para a questão 184 (QSL), "como se chama uma pessoa que normalmente come demais?", foram computadas 19 variantes lexicais em um total de 206 ocorrências na região Sul.

Tabela 32 – Distribuição percentual das denominações para *a pessoa que normalmente come demais* na região Sul

Itens lexicais	**Ocorrências**	**Porcentagem**
Guloso	96	59%
Comilão	41	25%

Esganado	24	15%
Morto de fome	10	6%
Esfomeado	8	5%
Faminto	6	4%
Olho grande	5	3%
Fominha	2	1%
Glutão	2	1%
Angurrento	2	1%
Galga	2	1%
Passa fome	1	1%
Exagerado	1	1%
Bucho furado	1	1%
Louco de fome	1	1%
Estômago dilatado	1	1%
Comer com os olhos	1	1%
Zoiudo	1	1%
Boi latão	1	1%

Fonte: Elaboração da autora

Verifica-se, mediante a tabela 33, que entre as 19 variantes documentadas, *guloso* é a mais produzida na região, assim como na região Centro-Oeste, seguida de longe por outras variantes, tais como *comilão, esganado, morto de fome, esfomeado, faminto, olho grande, fominha, glutão, angurrento, galga,* entre outras.

A seguir, na tabela 34, podem ser observadas essas variantes distribuídas entre os estados da região Sul do Brasil.

Tabela 33 - Distribuição das denominações para *a pessoa que normalmente come demais* nos estados da região Sul

Itens lexicais	**Paraná**	**Rio Grande do Sul**	**Santa Catarina**
Guloso	45	28	23
Comilão	22	12	7
Esganado	4	12	8
Morto de fome	9	1	-
Esfomeado	1	5	2
Faminto	3	2	1
Olho grande	1	2	2
Fominha	2	-	-
Glutão	1	-	1
Angurrento	-	2	-
Galga	-	2	-
Passa fome	1	-	-
Exagerado	1	-	-
Bucho furado	1	-	-

Louco de fome	-	1	-
Estômago dilatado	-	1	-
Comer com os olhos	-	1	-
Zoiudo	-	1	-
Boi latão	1	-	-

Fonte: Elaboração da autora

A partir da tabela 34, observa-se a liderança da variante *guloso* em todos os estados da região Sul, sobretudo, no Paraná. Além disso, verifica-se uma maior diversidade de designativos neste estado e no Rio Grande do Sul, quando comparados com o estado de Santa Catarina.

No conjunto de respostas para "a pessoa que como demais", foram computadas oito variantes com características fraseológicas, a saber: *morto de fome, olho grande, passa fome, bucho furado, louco de fome, estômago dilatado, come com os olhos* e *boi latão*. Dessa forma, foram desconsideradas as lexias simples.

A seguir, na tabela 35, tais fraseologismos podem ser observados distribuídos entre os estados da região Sul do Brasil.

Tabela 34 - Distribuição percentual das denominações válidas como fraseologismos para *a pessoa que normalmente come demais* nos estados da região Sul

Itens lexicais	**Paraná**	**Rio Grande do Sul**	**Santa Catarina**
Morto de fome	14%	2%	-
Olho grande	2%	3%	6%
Passa fome	2%	-	-
Bucho furado	2%	-	-
Louco de fome	-	2%	-
Estômago dilatado	-	2%	-
Comer com os olhos	-	2%	-
Boi latão	2%	-	-

Fonte: Elaboração da autora

Os dados lexicais da tabela 35 mostram uma distribuição instável entre as respostas obtidas nos três estados da região Sul. Enquanto o estado de Santa Catarina apresentou apenas um fraseologismo para referir-se *a pessoa que normalmente como demais*, os estados do Paraná e Rio Grande do Sul apresentaram cinco, cada um, tendo em comum as unidades *morto de fome* e *olho grande*. Esta foi a lexia computada também no estado de Santa Catarina.

A tabela 35 mostra que a sequência fraseológica com maior produtividade foi *morto de fome*, no estado do Paraná, com nove ocorrências, que equivale a 14% da produção nesse estado. Esta variante também foi fornecida pelos informantes do estado do Rio

Grande do Sul, com uma ocorrência, 2%.

O segundo fraseologismo mais produtivo foi *olho grande*, mencionado nos três estados. Duas vezes em Santa Catarina, 6%; duas vezes no Rio Grande do Sul, 3%; e uma vez no Paraná, 2%.

Ainda no estado do Paraná, registraram-se também, com uma ocorrência cada, as sequências *passa fome*, *bucho furado* e *boi latão*, 2%; e no Rio Grande do Sul, além das lexias já mencionadas, computaram-se também, com uma ocorrência cada, *louco de fome*, *estômago dilatado* e *come com os olhos*, 2%.

No geral, para nomear a "a pessoa que normalmente come demais" foram discutidas dez sequências fraseológicas nas duas regiões de estudo, a saber: *morto de fome*, *olho grande*, *olho maior que a barriga*, *bom de boca*, *passa fome*, *bucho furado*, *estômago dilatado*, *come com os olhos e boi latão*. O quadro 11 registra a dicionarização desses fraseologismos segundo diferentes dicionários.

Quadro 11 - Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam *a pessoa que normalmente come demais*

Item lexical	**Moraes Silva (1789)**	**Houaiss (2001)**	**Ferreira (2004)**	**Aulete (2014)**
Morto de fome				
Olho grande		o. grande m.q. ***olho gordo*** Obs.: cf. *olho-grande*	Olho grande. 1. Olho gordo. [Cf. *olho-grande*.]	
Olho maior que a barriga		Ter o o. maior que a barriga. Uso: informal. Ser guloso; desejar possuir imoderadamente	Ter o olho maior que a barriga. 1. Fam. Ser muito guloso.	
Bom de boca			Ter boa boca. 1. Gostar de qualquer alimento, de tudo; ser de boa boca.	
Passa fome				
Bucho furado		b. furado Regionalismo: Brasil. Uso:		

		informal. Pessoa indiscreta		
Louco de fome				
Estômago dilatado				
Comer com os olhos			Cobiçar (comida que não poderá comer, por não ter fome). 2. Fitar com atenção ou interesse (pessoa amada, ou objeto desejado).	
Boi latão				

Fonte: Elaboração da autora

No conjunto da análise dos fraseologismos, observa-se que os itens dicionarizados encontram-se registrados nas obras lexicográficas de Houaiss (2001) e Ferreira (2004).

O item *morto de fome* não possui entrada em nenhum dos dicionários consultados, todavia, tanto em Houaiss (2001) quanto em Ferreira (2004), encontra-se a entrada *morto de,* que corresponde a "em grau de intensidade" (HOUAISS, 2001); "em alto grau; excessivamente; muitíssimo" (FERREIRA, 2004). Dessa forma, de acordo com os exemplos em Ferreira (2004), a saber: "morto de cansaço; morto de sede; morto de ódio", depreende-se que, *morto de fome* significa estar excessivamente com fome, correspondendo a um estado momentâneo, porém, de acordo com a acepção empregada pelos informantes, tal sequência foi adotada como um predicativo para caracterizar "a pessoa que come demais".

Já a expressão *olho grande* também não possui entrada própria em nenhum dos dicionários, mas está registrado em Houaiss (2001) e Ferreira (2004) no interior do verbete *olho* como o mesmo que *olho gordo.* Todavia, este item remissivo está inscrito como "desejo ardente de possuir ou conseguir alguma coisa de outrem; inveja, cobiça, olho grande" (HOUAISS, 2001) e "Inveja, cobiça; olho grande" (FERREIRA, 2004), acepção diferente da qual foi empregada pelos informantes ao fornecerem a resposta. Aqui, portanto, entende-se que a sequência em estudo é de uso comum dos falantes; é reconhecida pela norma, pois está dicionarizada; mas, talvez, tenha adquirido um

significado diferente do qual possuía de origem.

A expressão fraseológica *olho maior do que a barriga* está dicionarizada nas obras de Houaiss (2001) e Ferreira (2004), porém não possui entrada própria. Caracteriza-se como uma locução dentro do verbete *olho,* com o sentido de "ser guloso; desejar possuir imoderadamente" (HOUAISS, 2001); "ser muito guloso" (FERREIRA, 2004), portanto, está de acordo com a acepção com a qual foi mencionada pelos informantes.

A lexia *bom de boca* não está dicionarizado, mas encontrou-se em Houaiss (2001) a locução *bom de* que significa, segundo a obra, "apto ou ideal para", ou seja, *bom de boca* é uma sequência fraseológica resultante da associação da locução *bom de* com o substantivo *boca*, que nomeia a parte do corpo humano pela qual começa o aparelho digestivo. Portanto, *bom de boca* é o mesmo que *ter boa boca,* locução encontrada em Ferreira (2004) com a acepção de "gostar de qualquer alimento". As duas formas, tanto *bom de boca* quanto *ter boa boca* podem ser utilizados para referir-se "a pessoa que come demais".

O substantivo *passa fome* não encontra-se registrado em nenhuma obra lexicográfica consultada, mas em Houaiss (2001) há a locução *passar fome,* dentro do verbete *fome*, que significa "ficar um período considerável sem ter o que comer, ou comendo sem regularidade ou em quantidade insuficiente" (HOUAISS, 2001). Destarte, é possível depreender que o fato de passar fome deu origem ao substantivo *passa fome*, que nomeia o indivíduo que come como se tivesse acabado de sair de um longo período sem se alimentar.

Assim como em *come com os olhos*, esta sequência não está dicionarizada, mas em Ferreira (2001) há a locução *comer com os olhos*, que significa, de acordo com a acepção com a qual foi empregada pelo informante, "cobiçar comida que não poderá comer, por não ter fome" (FERREIRA, 2001).

Encontrou-se também em Houaiss (2001) o fraseologismo *bucho furado*, porém com uma acepção diferente da qual foi expressa pelo informante. Segundo a obra, *bucho furado* é um brasileirismo de uso informal que quer dizer pessoa indiscreta. Talvez a associação tenha partido do fato de que "a pessoa que come demais" não é discreta, comedida, ou seja, não age com moderação, prudência.

A partir das informações lexicográficas dos itens léxicos aqui elencados, conclui-se que apenas quatro estão dicionarizados, embora todos sejam de uso e conhecimento comum dentro da sua comunidade de fala. As demais lexias complexas além de não estarem registradas nas obras lexicográficas consultadas, não encontraram-se outras

unidades que justificassem seus usos.

Em continuação, tratar-se-á de cada um dos possíveis itens léxicos separadamente.

Morto de fome e **Bom de boca**
(substantivo + preposição + substantivo)

Esses designativos são utilizados para nomear *a pessoa que normalmente come demais* por informantes das regiões de estudo. A primeira foi mencionada por informantes de ambas regiões, enquanto que a outra foi apontada apenas na região Centro-Oeste. Essas duas lexias caracterizam-se por possuírem uma base (*morto de* e *bom de*) e um colocado. Nesse caso, são expressões que não têm tanta fixidez, uma vez que seus colocados podem ser alterados como, por exemplo, em: *morto de fome*, *morto de cansado*, *bom de garfo*, *bom de* bola, *etc.*

Olho grande
(substantivo + adjetivo)

Assim como as unidades anteriores, a sequência *olho grande* também é formada por uma base e um colocado. A unidade léxica *olho* nomeia o órgão da visão dos animais, ao passo que, *grande* é um adjetivo. Assim sendo, tal sequência fraseológica é uma combinação entre uma "base" e um elemento caracterizador. A base normalmente, nesse caso, é um substantivo, usado em um sentido não figurado, e o outro assume um significado metafórico particular.

Ter o olho maior que a barriga
(verbo + artigo + substantivo + adjetivo + pronome + artigo + substantivo)

Comer com os olhos
(verbo + preposição + artigo + substantivo)

Esses dois últimos itens são locuções, uma vez que são unidades léxicas fraseológicas fixas, de origem popular, que sintetizam um conceito, cujo significado é depreendido do conjunto dos elementos que as compõem. Embora sejam distintas dos ditados, dos provérbios e das frases feitas, apresentam traços muito comuns que, por sua vez, acarretam uma definição imprecisa para o falante que não incorra erros.

Passar fome

(verbo + substantivo)

Bucho furado
(substantivo + adjetivo)

Louco de fome
(adjetivo + preposição + substantivo)

As demais unidades, que são aprovadas pelo uso, por obedecerem esta noção, podem ser consideradas colocações Além disso, seus elementos têm dependência unilateral, ou seja, estão unidos por uma relação de seleção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomam-se neste momento os objetivos do trabalho antes de apontar os aspectos observados e as conclusões.

O objetivo geral desta pesquisa era identificar e descrever as escolhas das variantes fraseológicas feitas pelos falantes das localidades da rede de pontos do Projeto ALiB relativas às regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil. Ademais, pretendia-se verificar a produtividade de fraseologismos, apresentar e discutir os resultados dessa coleta e verificar a dicionarização das variantes fraseológicas identificadas.

Tendo em vista os aspectos observados ao longo deste estudo, observa-se que a língua é heterogênea e mutável, porém suas mudanças ocorrem lentamente, ao longo do tempo, delineadas por um seguimento invisível, próprio da língua.

Este, entre tantos outros estudos, permite reconhecer a grandiosidade da língua que se transforma junto com a sua comunidade de fala. Por conseguinte, o vocabulário de uma comunidade linguística pode refletir os constituintes étnico-culturais de sua formação social, bem como suas noções, conceitos e ideologias da sociedade que dele faz o uso.

Retomando a pesquisa efetivada, ficou claro que as lexias mais utilizadas são as que mais sofrem alterações ao longo do tempo, pois, o sistema da língua permite que o falante se beneficie de processos de adaptação e provoque a transformação do léxico, conseguindo moldar as palavras de acordo com a realidade sociolinguística. No final, entende-se que nada é permanente, a não ser a mudança.

Assim como as línguas românicas são provenientes do latim vulgar, ou seja, o latim falado, a origem das mudanças na língua também emanam da fala, da linguagem oral, descuidada, que possui sua semanticidade particular. Várias expressões ganham novas configurações fonéticas e/ou semânticas, tornando-se lexias regionais.

Desse modo, a importância do estudo aqui empreendido é registrar um momento da língua, sobretudo, uma amostra do falar de cada uma das regiões pesquisadas. Destarte, ao considerar as duas regiões geográficas escolhidas nesta pesquisa, Centro-Oeste e Sul do Brasil, pode-se verificar aspectos próprios de cada uma delas que, ao mesmo tempo, mostram suas particularidades e afinidades. O modo de povoamento de cada uma dessas

regiões, bem como sua diversidade étnica-cultural que contribui para que haja essas semelhanças e dessemelhanças.

Para este estudo, a fim de retratar a diversidade linguística das duas regiões, foram investigadas seis perguntas do QSL/ALiB: 176 “Como se chama a primeira refeição do dia feita pela manhã?”; 177 “Como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?”; 178 “Como se chama a carne depois de triturada na máquina?”; 182 “Como se chama a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?”; 183 “Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou?”; e 183 “Como se chama uma pessoa que normalmente come demais?”.

Somando todas as variantes fraseológicas coletadas, tem-se 47 formas fraseológicas diferentes para as seis questões do campo semântico de Alimentação e Cozinha. As porcentagens de fraseologismos obtidos foram analisadas com o auxílio da consulta das variantes em Morais Silva (1978), Houaiss (2001), Ferreira (2004) e Aulete (2014):

Gráfico 6 - Porcentagem dos fraseologismos dicionarizados

Fonte: Elaboração da autora

Como mostra o gráfico, apenas 19% dos fraseologismos levantados estão registrados nos dicionários pesquisados: *café da manhã* e *quebra-jejum* (questão 176); *água que passarinho não bebe* (questão 182); *mal-estar* (questão 183); *olho grande, olho maior que a barriga, bom de boca, bucho furado* e *come com os olhos* (questão 184). Já as questões 177 e 178 não forneceram nenhuma unidade dicionarizada, apenas as lexias simples.

Diante do exposto, observa-se que 81% das unidades fraseológicas estudadas não estão dicionarizadas, o que revela a necessidade de uma atualização das obras lexicográficas, uma vez que, essas lexias são de uso frequente numa dada comunidade linguística e em *corpora* dialetal como em: 176 - *quebra-torto, tira-torto, tira-jejum*; 177 – *creme de frutas, chimia de frutas, doce de pão*; 178 – *carne moída*; 182 – *aquela que matou o guarda*; 183 – *comi que nem gambá*; 184 – *morto de fome, passa fome.*

Embora o objetivo do trabalho fosse tratar apenas das lexias consideradas fraseologismos, também verificou-se uma diversidade linguística, condicionada pela diversidade cultural das regiões, como, por exemplo, os empréstimos linguísticos na região Sul, para designar a primeira refeição do dia (desayuno) ou a pasta feita de frutas para passar no pão (chimia, mousse).

As SRs (sem respostas) também geram informação, uma vez que demonstram o distanciamento dos falantes com o referente, bem como, o uso de analogias, como *creme, papa, melado,* evidenciando, dessa forma, o fato de que, muitas vezes, tal alimento não faz parte do dia a dia dos inqueridos.

Assim, quando o falante não sabe ao certo o nome de algo, ele lança mão de denominações de outros referentes com os quais possuem alguma similitude, originando expressões, provérbios, metáforas, metonímias, por conseguinte, ampliando o léxico da língua.

A análise das respostas à questão 176, que investiga variantes para "a primeira refeição do dia feita pela manhã", possibilita concluir que a lexia mais empregada pelos falantes é a expressão *café da manhã*. As formas *quebra-torto, tira-torto, tira-jejum, tomar café* e *tomar chá*, caracterizam-se como regionalismos da região Centro-Oeste, mais especificamente, como variantes rurais das localidades do interior do Mato Grosso do Sul.

Já as respostas dadas à questão 177 trouxeram como variante fraseológica mais produtiva as combinações com a base *doce*, como *doce de frutas, doce de abóbora, doce de morango*, etc.

A questão 178, que busca variantes para a "carne depois de triturada na máquina", indicou que a forma mais produtiva esperada na análise é de fato a expressão *carne moída.* Porém, outras formas, tais como, *guisado*, apresentaram forte presença, particularmente, na região Sul do país.

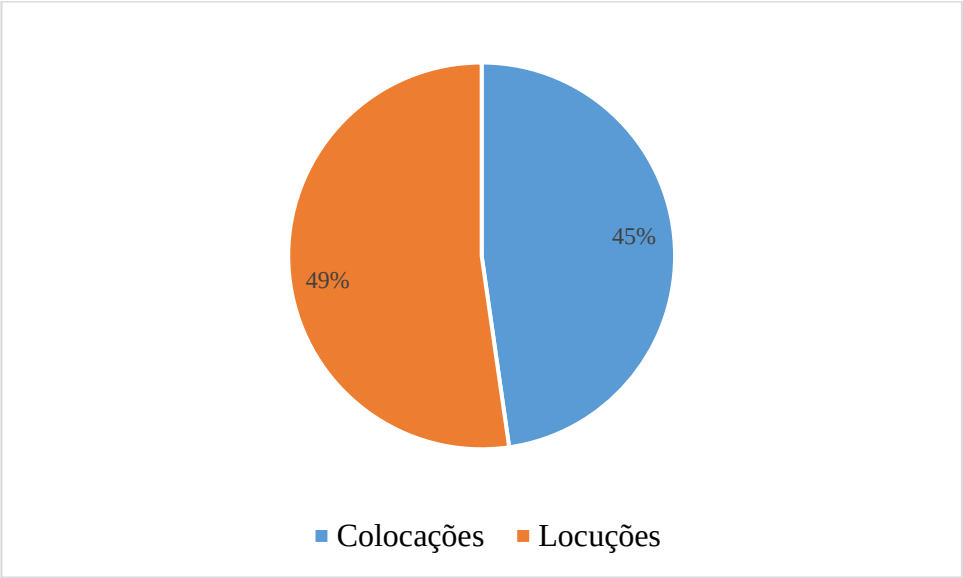
A questão 182, por sua vez, mostrou que há pouca formação de lexias complexas para referir-se à bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar e que as apontadas configuram-se, em sua maioria, como locuções.

Em relação à análise da questão 183, verificou-se a presença de inúmeras formações complexas, porém de difícil classificação. Por vezes, muitas foram desconsideradas como fraseologismos, enquanto o restante foi especificado sob o hiperônimo de colocações.

Por fim, a questão 184, que pesquisa variantes para nomear a pessoa que normalmente come demais, determina um grande número de variantes que caracterizam-se como lexias complexas. Ademais, contou-se com um satisfatório total de itens dicionarizados.

Ao classificar os fraseologismos registrados, pode-se estabelecer o seguinte gráfico, para visualizar a distribuição das variantes, de acordo com a tipologia dessas unidades linguísticas, em: locuções e colocações.

Gráfico 7 - Porcentagem das classificações



Fonte: Elaboração da autora

Dentre as variantes registradas, elas foram identificadas como pertencentes a dois grupos, locuções (49%) e colocações (45%). Dessa forma, observa-se que a maioria dos fraseologismos documentados em *corpora* dialetal são locuções, apresentando, portanto, traços de idiomaticidade, o que reforça a ideia de que o léxico reflete aspectos histórico-culturais.

Percebe-se que, a análise apontou dificuldades para a localização das unidades fraseológicas nos dicionários monolíngues. Observa-se que os dicionários que mais apresentaram as UFs foram HOUAISS (2001) e FERREIRA (2004), enquanto que em MORAES SILVA (1789), talvez por ser um dicionário antigo, não se encontrou nenhuma das unidades pesquisadas.

Ademais, o que foi até aqui apresentado, ainda que não seja uma amostra muito grande, serve para expor a necessidade de outras pesquisas que visem a objetivos semelhantes, o de apresentar e discutir a coleta de fraseologismos relacionados a outros campos semânticos, não só o da *alimentação e cozinha*, utilizando dados extraídos de outros *corpus*, de diversas regiões do país.

Por fim, o *corpus* em que se baseia este estudo concede uma amostra da dimensão do acervo fraseológico presente na língua portuguesa, que revela a relação homem-ambiente, uma vez que colabora com a reflexão acerca da cultura da comunidade linguística, e mostra que a maioria das unidades léxicas complexas dessa língua, embora tratem-se de fraseologismos solidificados pelo uso oral, não se encontram, em sua maioria,

registrados em obras lexicográficas, porém estão em vias de cristalização.

Por fim, este estudo aponta a importância da contribuição das pesquisas com base em dados orais, realizadas por meio do aparato metodológico da Dialetologia e da Geolinguística, para os estudos fraseológicos.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Maria de Souza. A Lexicologia e a Teoria dos Campos Lexicais. **Cadernos do CNLF**, vol. XV, N° 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, p. 1332-1343.

AGUIAR GONZÁLEZ, María Isabel. Fraseología e Lexicografía: análisis y propuestas. In: **Revista de Lexicografia**. Nº. 9. Universidad de la Coruña, 2003. Disponível em http://hdl.handle.net/2183/5466. Acesso em 12 de mai de 2015.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná** – ALPR. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

_____ **A Geolinguística no Brasil**. Trilhas seguidas, caminhos a perseguir. Londrina: Editora da UEL, 2005.

ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. **Tendências atuais nas pesquisas descritivas e aplicadas em fraseologia e paremiologia**. V, 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira, gramática –** vocabulário. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1982.

AULETE, Caldas. Dicionário online. 2015.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da língua portugueza**. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789.

BEVILACQUA, Cleci Regina. Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada. **Língua e Literatura**, v. 6 e 7, nº 10/11, 2004/2005, pp. 73-86.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Unidades complexas do léxico. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O.M; Silva, F. (Org.). **Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela.** 1ª ed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v. II, p. 747-757. Disponível em ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603. Acesso em 20 de jan 2014.

_____ As Ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A N. (Orgs.). **As ciências do léxico. Lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. Ed. Campo Gande: Editora UFMS, 2001. p. 13 -22.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística:** teoria lexical e linguística computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____ Conceito linguístico de palavra. In: **Palavra**. n. 5, Rio de Janeiro: Grypho, 1999, p. 81-97.

_____ Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**. n. 2, 1998, p.81-118.

_____ A estruturação mental do léxico. In: **Estudos de Filologia e Lingüística**, São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1981, p. 131-145.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CANSANÇÃO, Juliana. **Abotoar o paletó**: uma análise da morte nas locuções do português brasileiro. 2016. 136 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande- MS.

EZQUERRA, Manuel Alvar. **La enseñanza del léxico y el uso del diccionario**. Madrid: Arco/ Libros, 2003.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: EDUEL, v.1 2014a.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: EDUEL, v.2, 2014b.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade (Orgs) **Documentos 4** – Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Ventos Leste, 2013.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O sentido de um atlas linguístico nacional (por que um atlas linguístico nacional?). **Papéis,** v. 16, n. 31, Especial ABRALIN 2012.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. (Org.). **Quinhentos anos de história Linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

CARVALHO, Paola Mahyra de Oliveira. **Relações entre léxico e ambiente***:* um estudo da norma lexical do Centro-Oeste do Brasil. 2015. 219p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS.

CASARES, Julio. **Introducción a la lexicografia moderna**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter. **La dialectología**. Trad. de GONZÁLEZ, Carmen Morán. Madrid: Visor Libros, 1994.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas lingüístico do Brasil**: Questionários 2001. Londrina: Editora UEL, 2001.

CORDEIRO, Filipe. O tropeiro como pregador cultural e mola mestra da cultura cafeeira no século XIX. **Histórica –** Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, n° 41, abr. 2010.

CORPAS PASTOR, Glória Corpas. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

COSERIU, Eugenio. La geografía linguística**. Cuadernos del Instituto Lingüístico Latinoamericano** Montevideo, n. 11, 1998.

_____. **Principios de semántica estructural**. Madrid: Gredos, [1977]1986.

CUNHA, Francisco Antônio Maia. **Campo Grande**: 100 anos de construção. Campo Grande: Matriz Editora, 1999.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. **Etnias e culturas no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

_____. **Regiões Culturais do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC. INEP. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais 1960.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. 3. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

GONZÁLEZ REY, María Isabel. **Didáctica y traducción de las unidades fraseológicas**. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2014.

_____ **La phraséologie du français.** Toulouse: Presses Universitaires du Midi, 2002.

GROSS, Gaston. Du bom usage de la notion de locution. In: MARTINS-BALTAR, Michel; GRUNIG, Blanche-Noëlle. **La Locution entre langue et usages.** Fontenay Saint-Cloud: ENS Editions, 1997, p. 201-240.

_____ **Les expressions figées en français**: noms composés et autres locutions. Paris: Ophrys, 1996.

GROSS, Maurice. Une classification de phrases “figées” du français. **Revue Québécoise de Linguistique**, v. 11, n° 2, 1982, p. 151-185.

HARRIS, Zellig. Morpheme alternants in linguistic analysis. In: JOOS, Martin (Ed.). **Readings in Linguistics I.** Chicago: University of Chicago Press, 1957.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IRIARTE SANROMÁN, Álvaro. **A Unidade Lexicográfica**. Palavras, Colocações, Frasemas, Pragmatemas. Braga: Centro de Estudos Humanísticos Universidade do Minho, 2001.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, v.1, p.127-140.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **ALERS:** Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil. Volume I e II: Introdução. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/Ed.UFPR, 2002.

LEGALLOIS, Dominique; TUTIN, Agnès. Présentation: Vers une extension du domaine de la phraséologie. **Langages,** n. 1, p. 3-25, 2013.

MARGOTTI, Felício Wessling; ZIBETTI, Erica Marciano de Oliveira. Variantes lexicais de "manco" na região sul do Brasil: o que dizem os dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). In: COSTA, Daniela de Souza Silva; BENÇAL, Dayme Rosane (Org.). **Nos caminhos do léxico**. 1ed. Campo Grande – MS: Editora Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2016, p. 251-274.

MATTOS, Monissa. Fraseologia: conceitos e características para a identificação das locuções verbais. **Língua e Literatura,** n. 27, p. 271-300, 2001-03.

MEJRI, Salah. Figement absolu ou relatif: la notion de degré de figement. **Linx.** Revue des linguistes de l'université Paris X Nanterre, n. 53, p. 183-196, 2005.

_____ Défigement et jeux de mots. **Etudes linguistiques**, v. 3, 1997, p. 75-92.

_____ **Le figement lexical**: descriptions linguistiques et structuration sémantique, Publications de la Faculté des lettres de la Manouba, série linguistique, volume X, p. 632, Tunis.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia**: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

MONTORO DEL ARCO, Estebán. T. **Teoría fraseológica de las locuciones particulares**. Las locuciones prepositivas, conjuntivas y marcadoras del español. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2006.

MORAES SILVA, A. de. **Diccionario da lingua portugueza**. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813. (edição digitalizada)

NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. In: BARBADINHO NETO, Raimundo (org.). **Estudos filológicos:** volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. p. 691-704.

NUNES, Juliany Fraide. **Vocabulário do corpo humano nas regiões Norte e Sul do Brasil***:* perspectivas semântica e geossociolinguística. 2017. 258 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS.

OLIVEIRA, Dercir Pedro (org.). **Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007.

PENADÉS MARTÍNEZ, Inmaculada. **La Enseñanza de las Unidades Fraseológicas**. Madrid: Arco/Libros, 1999.

RECINE, Elisabetta; RADAELLI Patrícia. **Alimentação e cultura**. Brasília: Ministério da Saúde; 2008.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano**. 2012. 793 p. Tese (Doutorado do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ROMANO, Valter Pereira. **Atlas geossociolinguístico de Londrina**: um estudo em tempo real e tempo aparente. Londrina, 2012. 367p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas Londrina.

ROMANO, Valter Pereira. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil**. Londrina, 2015. 296 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Londrina.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA-CORVALÁN, Carmem. **Sociolingüística**: teoría y analisis. Madrid: Alhambra, 1988.

SULKOWSKA, M. **Expressions figées au cours de l'enseignement**-apprentissage des langues étrangères. In: Isabel González Rey. (Org.). Les expressions figées en didactique des langues étrangères. 1ªed.Fernelmont: Éditions Modulaires Européennes, 2007.

STEINBERG, Martha. Provérbios e Tradução. **TradTerm**, 2, 1995, p. 59-65.

STREHLER, René G. Fraseologismos e cultura. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 48, n. 1, p. 9-21, 2009.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. **O Jeito que a Gente Diz**. São Paulo: Disal Editora, 2005.

_____ **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo: Ática, 1989.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TRISTÁ PÉREZ, Antonia Maria. **Fraseología y contexto**. Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

_____ **Fuentes de las unidades fraseológicas**. Sus modos de formación, en homenaje a Alejo Carpentier, Universidad de la Habana, n. 223, set. / dez., 1984. p. 281-303.
USP, 1983.

_____ **Estructura interna de las unidades fraseológicas**. *Anuario do Instituto de Literatura e Linguística da Academia de Ciencias de Cuba*, v.10/11, 1979-1980. p. 93-103.

VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmento. Padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 4, 2000, p. 122-160.

VILLAS BÔAS, Orlando. **A Marcha para o Oeste**: a epopeia da Expedição Roncador- -Xingu. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci; HUMBLÉ, Philippe. **Lexicografia pedagógica**: pesquisas e perspectivas. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Tradução, 2008.

XATARA, Claudia Maria; Rios, Tatiana Helena C. O estudo contrastivo dos idiomatismos: aspectos teóricos. **Caderno Seminal Digital**, v. 7, n. 7, p. 54-65, jan./jun. 2007.

XATARA, Cláudia Maria. O ensino do léxico: as expressões idiomáticas. ***Trabalhos em Linguista Aplicada***, n. 37, p. 49-59, 2001.

_____ Tipologia das expressões idiomáticas. **Alfa,** 42. São Paulo: Editora Unesp, 1998b p.169-176.

_____ O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa,** 42, 1998a, p. 147-159.

_____ **A tradução para o português das expressões idiomáticas em francês**. 1998b. 253 p Tese (Doutorado em Letras, Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

_____ A comparação nas expressões idiomáticas. **Alfa,** , 41, 211-222, 1997.

_____ **As expressões idiomáticas de matriz comparativa**.1994, 140p. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

YIDA, Vanessa. **O campo semântico da alimentação e cozinha no atlas linguístico do Brasil –** AliB- Um estudo lexical nas capitais. Londrina, 2011. 192 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade Estadual de Londrina. Londrina.

ZULUAGA, Alberto. **Introduccion al estudio de las expresiones fijas**. Franckfurt: Verlag, 1980.

_____ **La fijación fraseológica**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1975.